Emmanuel Carrère

"Um livro revelador sobre a fragilidade das relações humanas."
The New York Times Book Review



O ADVERSÁRIO

ALFAGUARA

Emmanuel Carrère

O Adversário

tradução
Mariana Delfini

ALFAGUARA

Sumário

Capa
Folha de rosto
Sumário
O Adversário

Notas
Sobre o autor
Créditos

O Adversário

Na manhã de 9 de janeiro de 1993, um sábado, enquanto Jean-Claude Romand matava sua esposa e seus filhos, eu participava com minha família de uma reunião pedagógica na escola de Gabriel, nosso filho mais velho. Ele tinha cinco anos, a idade de Antoine Romand. Em seguida, fomos almoçar na casa dos meus pais, e Romand, na casa dos pais dele, a quem matou depois da refeição. Passei sozinho, no meu escritório, a tarde de sábado e o domingo, dias normalmente dedicados à convivência, porque estava para concluir um livro em que vinha trabalhando havia um ano: a biografia do romancista de ficção científica Philip K. Dick. O último capítulo contava os dias que ele passou em coma antes de morrer. Terminei na noite de terça, e na quarta-feira de manhã li o primeiro artigo do *Libération* dedicado ao caso Romand.

Luc Ladmiral foi acordado pouco depois das quatro da madrugada na segunda-feira por um telefonema de Cottin, o farmacêutico de Prévessin. A casa dos Romand estava pegando fogo, os amigos deveriam ir salvar os móveis que ainda pudessem ser salvos. Quando chegou, os bombeiros estavam removendo os corpos. Ele se lembrará pelo resto da vida dos sacos plásticos de cor cinza, lacrados, nos quais haviam colocado as crianças: uma coisa horrível demais de ver. Florence fora coberta apenas com um sobretudo. Seu rosto, enegrecido pela fumaça, estava intacto. Quando Luc afagou os cabelos dela, em um gesto inconsolável de despedida, seus dedos encontraram algo estranho. Ele apalpou, virou com cuidado a cabeça da jovem mulher, e então chamou um bombeiro a quem mostrou, acima da nuca, uma ferida aberta. Deve ter sido uma viga que caiu em cima dela, disse o bombeiro: metade do sótão tinha desmoronado. Em seguida, Luc subiu no caminhão vermelho onde haviam deitado Jean-Claude, o único da família encontrado com vida. Seu pulso estava muito fraco. Ele estava de pijama, inconsciente, queimado, mas já frio como se morto.

A ambulância chegou, levou-o ao hospital de Genebra. Era noite, fazia frio, todo mundo estava encharcado pelos jatos d'água das mangueiras. Como não havia mais nada a fazer em relação ao imóvel, Luc foi até a casa dos Cottin se secar. Sob a luz amarela da cozinha, escutaram a cafeteira soluçar, sem coragem de se olhar. Suas mãos tremiam ao levantar as xícaras, ao mexer o café com as colheres que faziam um barulho terrível. Então Luc voltou para casa, para dar a

notícia a Cécile e seus filhos. Sophie, a mais velha, era afilhada de Jean-Claude. Alguns dias antes tinha dormido na casa dos Romand, como sempre fazia; poderia muito bem ter ido nesta noite e agora também estaria dentro de um saco cinza.

Depois da faculdade de medicina em Lyon, não se desgrudaram mais. Casaram-se quase no mesmo momento, os filhos cresceram juntos. Um sabia tudo da vida do outro, tanto o que exibiam na fachada quanto os segredos — segredos de homens decentes, de vidas regradas, e por isso ainda mais vulneráveis à tentação. Quando Jean-Claude confidenciou a ele que tinha um caso e falou em jogar tudo pro alto, Luc pôs a cabeça do amigo no lugar: "Você me deve uma, para quando for a minha vez de bancar o idiota". Amizade assim é uma das coisas mais preciosas da vida, quase tão preciosa quanto um casamento feliz, e Luc sempre teve certeza de que um dia teriam sessenta, setenta anos e, do alto desses anos todos, como se do cume de uma montanha, veriam juntos o caminho que percorreram: os pontos onde haviam empacado e quase se perdido, a maneira como um ajudou ao outro e o jeito como, no fim das contas, tinham conseguido sair dessa. Um amigo, um amigo de verdade, é também uma testemunha, alguém que com seu olhar nos permite avaliar melhor nossa vida, e fazia vinte anos que, sem deixar de comparecer, sem declarações grandiloquentes, um desempenhava esse papel para o outro. Suas vidas eram parecidas, ainda que não tivessem seguido os mesmos bons caminhos. Jean-Claude se tornara uma sumidade da pesquisa, frequentando ministros e correndo mundo nos colóquios internacionais, enquanto Luc era clínico geral em Ferney-Voltaire. Mas não sentia inveja. Apenas tinham se distanciado um pouco, nos últimos meses, por causa de uma discordância absurda na escola das crianças. De um jeito incompreensível, Jean-Claude se excedeu, a ponto de Luc ter precisado contemporizar, dizendo que também

não era o caso de se indispor por causa de uma besteira assim. Aquela história o deixara incomodado, Cécile e ele passaram noites seguidas falando no assunto. Como era insignificante agora! Como a vida é frágil! Ainda ontem existia aqui uma família unida, feliz, de pessoas que se amavam, e então um acidente com a caldeira e corpos carbonizados sendo levados para o necrotério… A esposa e os filhos eram tudo na vida de Jean-Claude. O que vai ser da vida dele se conseguir sair dessa?

Luc telefonou para a emergência em Genebra: tinham colocado o homem ferido numa câmara isobárica. Corria risco de vida.

Ele rezou, com Cécile e as crianças, para que o amigo não recuperasse a consciência.

Havia dois policiais aguardando quando foi abrir o consultório. As perguntas pareceram estranhas. Queriam saber se os Romand tinham inimigos declarados, atividades suspeitas… Luc ficou surpreso, então os policiais disseram a verdade. O primeiro exame dos corpos confirmou que haviam sido mortos *antes* do incêndio: Florence, devido a lesões na cabeça infligidas por um instrumento contundente; Antoine e Caroline, a tiros.

E isso não era tudo. Em Clairvaux-les-Lacs, no departamento do Jura, um tio havia sido incumbido de dar a notícia da catástrofe aos pais de Jean-Claude, idosos e frágeis. Foi até a casa deles acompanhado do médico. A casa estava trancada, o cachorro não latia. Preocupado, forçou a porta para entrar e encontrou o irmão, a cunhada e o cachorro banhados no próprio sangue. Também eles foram mortos a tiros.

Assassinados. Os Romand tinham sido assassinados. A palavra provocava um eco de perplexidade na cabeça de Luc. “Roubaram alguma coisa?”, perguntou, como se essa palavra, “roubo”, pudesse reduzir o horror da outra a algo de racional. Os policiais ainda não sabiam, mas esses dois crimes atingindo os

membros de uma mesma família, a oitenta quilômetros de distância um do outro, levavam a pensar em uma vingança ou acerto de contas. Perguntaram novamente sobre inimigos e Luc, desamparado, negou com a cabeça: inimigos, os Romand? Todo mundo adorava eles. Se foram mortos, com certeza foi por gente que não os conhecia.

Os policiais não sabiam qual era exatamente a profissão de Jean-Claude. Médico, diziam os vizinhos, mas não tinha consultório. Luc explicou que ele era pesquisador na Organização Mundial da Saúde (OMS), em Genebra. Um dos policiais telefonou para lá, pediu para falar com alguém que trabalhasse com o dr. Romand — sua secretária ou um de seus colegas. A telefonista não conhecia nenhum dr. Romand. Seu interlocutor insistiu e então ela o passou para o diretor de recursos humanos, que consultou os arquivos e confirmou: não havia nenhum dr. Romand na OMS.

Foi então que Luc entendeu, com um imenso alívio, o que estava acontecendo. Tudo aquilo que ocorrera desde as quatro da madrugada, o telefonema de Cottin, o incêndio, as lesões de Florence, os sacos cinza, Jean-Claude na ala de queimaduras graves, essa história de crimes, enfim, tudo isso transcorrera com uma verossimilhança perfeita, uma impressão de realidade que não deixava margem alguma para desconfiança, mas agora, graças a Deus, o roteiro tinha saído dos trilhos e revelava-se o que era de fato: um pesadelo. Ele vai acordar na própria cama. Perguntou-se se lembraria todos os detalhes e se teria coragem de contar para Jean-Claude. "Sonhei que a sua casa pegava fogo, que sua esposa, seus filhos e seus pais eram assassinados e que você estava em coma e ninguém te conhecia na OMS." Será que se pode dizer isso a um amigo, nem que seja seu melhor amigo? Ocorreu-lhe uma ideia, que em seguida o assombraria, de que nesse sonho Jean-Claude atuava como um duplo e representava ali medos que ele sentia em relação a si mesmo: descobrir que, por trás da fachada social, não era nada.

Ao longo do dia, a realidade foi ganhando cada vez mais o aspecto de um pesadelo. Convocado à delegacia na parte da tarde, Luc ficou sabendo, em cinco minutos, que haviam encontrado no carro de Jean-Claude um bilhete de próprio punho em que ele assumia a autoria dos crimes e dizia que tudo aquilo que se acreditava saber de sua carreira e de sua atividade profissional era um engodo. Alguns telefonemas, algumas checagens básicas foram suficientes para fazer a máscara cair. Telefonaram para a OMS, ninguém o conhecia. Na Ordem dos Médicos, ele não estava inscrito. Nos hospitais de Paris onde dizia ter feito residência, seu nome não constava nos registros, assim como não constava nos da faculdade de medicina de Lyon, onde, no entanto, o próprio Luc e muitos outros juravam ter estudado com ele. Sim, começaram o curso juntos, mas ele parara de fazer as provas no fim do segundo ano e, desse ponto em diante, era tudo mentira.

De início, Luc simplesmente se recusou a acreditar. Quando alguém vem lhe dizer que seu melhor amigo, o padrinho da sua filha, o homem mais correto que você conhece, matou a própria mulher, os filhos, os pais, e além disso mentia para você havia anos a respeito de tudo, o normal não seria continuar a confiar nele, mesmo diante de provas irrefutáveis? Que amizade seria essa que se convenceria tão facilmente de seu erro? Jean-Claude não podia ser um assassino. Decerto estava faltando uma peça nesse quebra-cabeça. Iam encontrá-la, e o sentido de tudo ia mudar.

Para os Ladmiral, esses dias transcorreram como uma provação sobrenatural. Os discípulos de Jesus o viram ser preso, julgado, supliciado como o último dos criminosos e, no entanto, ainda que Pedro tenha tropeçado, continuaram a crer nele. No terceiro dia, souberam que estavam certos em resistir. Cécile e Luc lutaram com todas as forças para resistir. Mas no terceiro dia, e mesmo antes, tiveram de admitir que sua esperança era vã e que seria preciso viver com

isto: não apenas a perda dos que morreram, mas o luto da confiança, da vida inteira assolada pela mentira.

Se ao menos conseguissem proteger as crianças! Dizer apenas — e já seria pavoroso — que Antoine e Caroline haviam falecido em um incêndio com os pais. Mas não adiantava tentar encobrir. Em algumas horas, a região foi invadida por jornalistas, fotógrafos, técnicos de televisão que assediavam todo mundo, até as crianças saindo da escola. Desde terça-feira, todas essas crianças sabiam que Antoine, Caroline e sua mamãe tinham sido mortos por seu papai, que depois botou fogo na casa. De noite, muitos passaram a sonhar que suas casas pegavam fogo e que seus papais faziam igual ao papai de Antoine e Caroline. Luc e Cécile se sentavam na beirada dos colchões que tinham arrastado um para junto do outro, pois ninguém mais tinha coragem de dormir sozinho, se apertavam os cinco no quarto do casal. Sem saber ainda o que explicar, os pais ninavam, faziam carinhos, tentavam ao menos confortar os filhos. Mas percebiam que suas palavras não tinham mais o poder mágico de antes. Uma dúvida havia se instalado, e nada, a não ser o tempo, poderia desfazê-la. Isso significava que a infância lhes tinha sido roubada, das crianças e dos seus pais, que elas nunca mais se abandonariam em seus braços com aquela confiança milagrosa, que é milagrosa mas normal na idade deles, nas famílias comuns, e foi pensando nisso, no que havia sido irremediavelmente destruído, que Luc e Cécile começaram a chorar.

Na primeira noite o grupo de amigos se reuniu na casa dos Ladmiral, e assim fizeram todas as noites durante uma semana. Ficavam até três, quatro horas da madrugada tentando segurar as pontas juntos. Esqueciam de comer, bebiam demais, muitos voltaram a fumar. Essas vigílias não eram vigílias fúnebres, eram na verdade as mais animadas que a casa já presenciou, pois o

choque era tamanho que precipitava um tal turbilhão de perguntas e dúvidas que fazia o luto entrar em curto-circuito. Cada um passava pelo menos uma vez por dia na delegacia, fosse por ter sido intimado, fosse para acompanhar o progresso da investigação, e durante a noite toda ficavam debatendo, comparando as informações, arquitetando hipóteses.

O Pays de Gex é uma planície grande, de cerca de trinta quilômetros, que se estende aos pés dos montes do Jura até a margem do lago Léman. Ainda que esteja localizado em território francês, é na verdade um subúrbio residencial de Genebra, um agregado de vilarejos abastados onde se estabeleceu uma colônia de funcionários públicos internacionais que trabalham na Suíça, ganhando em francos suíços e, em sua maioria, não sujeitos a impostos. Todos têm mais ou menos o mesmo estilo de vida. Moram em casas antigas de pedra, convertidas em mansões confortáveis. O marido vai para o escritório de Mercedes. A esposa se mantém ocupada indo às compras em seu Volvo e realizando atividades comunitárias. As crianças frequentam a escola Saint-Vincent, à sombra do castelo de Voltaire, particular e cara. Jean-Claude e Florence eram figuras conhecidas e apreciadas nessa comunidade, mostravam-se à altura dela, e todos que os conheciam estavam agora se perguntando: de onde vinha o dinheiro? Se não era quem dizia ser, quem ele era?

O substituto do procurador da República mal tinha sido encarregado do caso quando declarou aos jornalistas que "tudo era possível"; então, depois de uma primeira análise dos extratos bancários, afirmou que os crimes tinham como motivação "o temor do falso médico de ser desmascarado e a interrupção brutal de um tráfico de contornos ainda obscuros, do qual ele era uma das peças-chave, recebendo quantias significativas há anos". Esse comunicado deu asas à imaginação. Começaram a falar de tráfico de armas, de heranças, de órgãos, de drogas. De uma vasta organização criminosa que agia no antigo bloco socialista, em ruínas. Da máfia russa. Jean-Claude viajava muito. No ano

anterior, tinha ido a Leningrado, de onde trouxera bonecas típicas para Sophie, sua afilhada. Num acesso de paranoia, Luc e Cécile se perguntaram se aquelas bonecas não esconderiam documentos comprometedores, microfilmes ou microprocessadores, e se não era por isso que procuraram os assassinos em Prévessin e Clairvaux em vão. Pois Luc, cada vez mais isolado, ainda queria acreditar que se tratava de um conluio. Jean-Claude talvez fosse um espião, um traficante de segredos científicos ou industriais, mas não podia ter matado sua família. Alguém os matou, produziu provas para fazê-lo assumir os crimes, chegaram ao ponto de destruir vestígios de seu passado.

"Um acidente banal, uma injustiça pode levar à loucura. Me desculpe, Corinne, me desculpem, meus amigos, me desculpem as pessoas boas da associação Saint-Vincent que gostariam de quebrar minha cara."

Era esse o texto do bilhete de despedida que ele deixou no carro. Que acidente banal? Que injustiça?, perguntavam-se os "amigos", aqueles que se encontravam à noite na casa dos Ladmiral. Muitos deles também faziam parte das "pessoas boas", membros da associação gestora da escola, e os policiais não largavam deles. Cada um precisou dar uma versão detalhada do conflito que, na volta às aulas do ano anterior, foi provocado pela substituição do diretor. Os policiais escutavam com uma expressão quase desconfiada. Não teria sido essa a injustiça que provocou aquele drama? Os membros da associação estavam espantados: sim, nós discutimos, talvez alguém tenha até falado em quebrar a cara de Jean-Claude, mas só um louco poderia imaginar alguma relação entre essa briga e o massacre de uma família inteira! Só um louco, concordavam os policiais, mas não quer dizer que essa relação não exista.

Quanto a Corinne, cujo nome os jornais foram obrigados a omitir, mencionando uma "amante misteriosa", seu depoimento era inacreditável. No sábado anterior, Jean-Claude a havia encontrado em Paris para levá-la a um

jantar em Fontainebleau, na casa de seu amigo Bernard Kouchner. Algumas horas antes, segundo a autópsia, ele tinha matado a esposa, os filhos e os pais. Claro, ela não desconfiava de nada. Num canto isolado da floresta, ele havia tentado matá-la também. Ela se defendeu, ele desistiu e a levou de volta para casa, dizendo que estava muito doente e que isso explicava o ataque de loucura. Ao saber da notícia do massacre, na segunda-feira, e entender que teria sido a sexta vítima, ela mesma telefonou para a polícia, que telefonou para Kouchner. Ele nunca havia ouvido falar de um dr. Romand nem tinha casa em Fontainebleau.

Todo mundo conhecia Corinne em Ferney, onde ela viveu antes de se divorciar e se mudar para Paris. Por outro lado, ninguém sabia que ela tivera um caso com Jean-Claude, à exceção de Luc e de sua esposa, que por esse motivo não nutriam por ela grande estima. Eles a consideravam uma criadora de caso, que dizia qualquer coisa para parecer interessante. Mas, como se tornava cada vez mais difícil, ao longo dos dias, sustentar a hipótese do conluio, a hipótese de crime passional veio preencher o vazio. Luc se lembrava das confidências de Jean-Claude, da depressão profunda em que ele mergulhou por causa do rompimento. Não seria difícil imaginar que, se a relação tivesse sido reatada, poderia levar seu amigo à loucura: o vaivém entre esposa e amante, a espiral de mentiras, e ainda por cima a angústia ligada à doença… Pois Jean-Claude também lhe havia confidenciado que sofria de um câncer, o qual estava tratando em Paris, com o professor Schwartzenberg. Luc contou isso aos policiais, que foram verificar. O professor Schwartzenberg não o conhecia mais do que Kouchner, e a investigação, estendida aos serviços de oncologia de todos os hospitais franceses, não encontrou em parte alguma um dossiê em nome de Jean-Claude Romand.

Por meio de seu advogado, Corinne exigiu não ser mais tratada na imprensa como amante do monstro, e sim como uma simples amiga. Soube-se então que ela lhe havia entregado 900 mil francos de suas economias para que ele depositasse em sua conta na Suíça — em vez disso, ele desviou o dinheiro. O misterioso tráfico se reduzia a um estelionato banal. Não se falava mais de espionagem nem de crimes graves. Os investigadores acreditavam que ele havia abusado da confiança de outras pessoas de seu círculo, e os jornalistas davam a entender que elas não tinham coragem de reclamar porque os investimentos que pediram para ele executar eram ilegais: isso talvez explicasse por que o círculo de notáveis de Ferney se mostrava tão reservado… Essas insinuações exasperavam Luc. Como "melhor amigo" do assassino, ele lidava sem parar com esses sujeitos de jaqueta de couro que, empunhando crachás de imprensa, lhe estendiam microfones e ofereciam pequenas fortunas para que abrisse seu álbum de fotos: Luc os dispensava sistematicamente, para que a memória dos mortos não fosse manchada, e o resultado era que desconfiavam de que ele sonegava impostos.

Outras revelações vieram da família de Florence, os Crolet, que viviam em Annecy e os Ladmiral conheciam bem. Também eles haviam confiado dinheiro a Jean-Claude: a gratificação de aposentadoria do pai e, após sua morte, 1 milhão de francos que receberam pela venda da casa. E eles não apenas sabiam que esse dinheiro, fruto do trabalho de uma vida, estava perdido definitivamente como lidavam com uma suspeita torturante, que se misturava ao luto e os paralisava: o sr. Crolet morrera ao cair de uma escada quando estava sozinho com Romand. Será que ele também havia matado o sogro?

Cada uma das pessoas se perguntava: como conseguimos viver tanto tempo junto desse homem sem desconfiar de nada? Cada uma das pessoas buscava na memória a lembrança de um momento em que essa suspeita, alguma coisa que

pudesse levar a essa suspeita, tenha aflorado. O presidente da associação contava para todos como o havia procurado, sem sucesso, no anuário das organizações internacionais. O próprio Luc se lembrava de que tivera essa ideia, meses antes, depois de saber por Florence que seu amigo fora aprovado em quinto lugar no concurso de residência em Paris. Não era o sucesso que o surpreendia, mas o fato de não ter ficado sabendo na época. Por que não falar sobre isso? Ao ser questionado, chamado de misterioso, Jean-Claude se exasperou, disse que não quis fazer alarde, e mudou de assunto. Era extraordinária sua capacidade de desviar a conversa assim que começava a tratar dele. Fazia isso tão bem que as pessoas nem se davam conta e, quando pensavam no assunto, era para admirar sua discrição, sua modéstia, sua preocupação em dar mais destaque aos outros do que a si mesmo. Contudo, Luc tivera uma vaga sensação de que havia alguma coisa errada no que ele contava sobre sua carreira. Cogitou telefonar para a OMS para entender o que exatamente ele fazia. Mas esse gesto lhe parecera absurdo. E agora ele ficava dizendo a si mesmo que, se tivesse feito isso, as coisas talvez tivessem sido diferentes.

"Talvez", disse Cécile, quando contou a ela esse remorso, "ele também tivesse te matado."

Quando falavam dele, avançados na noite, não conseguiam mais chamá-lo de Jean-Claude. Tampouco o chamavam de Romand. Ele estava em algum lugar fora da vida, fora da morte, ele não tinha mais nome.

Passados três dias, ficaram sabendo que ele sobreviveria.

Tornada pública na quinta-feira, a notícia afetou o funeral dos pais de Romand, que ocorreu no dia seguinte em Clairvaux-les-Lacs. O de Florence e das crianças fora adiado até a autópsia ser finalizada. Essas duas circunstâncias

tornaram a cerimônia ainda mais insuportável. Como acreditar nas palavras de paz e descanso que o padre se esforçava para dizer enquanto os caixões eram descidos para a terra, debaixo de chuva? Ninguém conseguia se recolher no luto, encontrar dentro de si um canto de tranquilidade, de tristeza aceitável, onde abrigar a alma. Luc e Cécile estavam presentes mas, por conhecerem pouco a família, ficaram afastados. Os rostos vermelhos, ásperos, daqueles camponeses do Jura carregavam a marca da insônia, dos pensamentos de morte, da recusa e da vergonha contra os quais não se pode lutar. Jean-Claude fora o orgulho do vilarejo. Admiravam-no por ter sido tão bem-sucedido e, apesar disso, ter continuado tão humilde, tão próximo de seus velhos pais. Telefonava todos os dias. Dizia-se que, para não se afastar deles, tinha recusado um cargo de prestígio nos Estados Unidos. Nas duas páginas diárias dedicadas ao caso, o *Le Progrès* publicou uma foto tirada na quinta série no colégio de Clairvaux, onde se podia vê-lo na primeira fileira, sorridente e gentil, com a legenda: "Quem poderia imaginar que aquele que era o nosso exemplo se tornaria um monstro?".

O pai foi atingido pelas costas, a mãe, no meio do peito. Ela sabia com certeza, talvez ambos soubessem que iam morrer pela mão do filho, de modo que no mesmo momento viram a morte — que todos veremos, e eles tinham atingido a idade de vê-la sem se chocar — e a aniquilação de tudo aquilo que dera sentido, alegria e dignidade à sua vida. O padre garantia que agora eles estavam vendo Deus. Para quem tem fé, o momento da morte é aquele em que se vê Deus, não mais num espelho obscuro, mas face a face. Até quem não tem fé acredita em algo assim: que, no momento de passar para o outro lado, quem está morrendo vê, num clarão, o filme de toda a sua vida, enfim tornada compreensível. E essa visão, que para os velhos Romand deveria ter a plenitude de suas conquistas, foi o triunfo da mentira e do mal. Eles deveriam ter visto

Deus, e em seu lugar viram, sob a expressão de seu amado filho, aquele que a Bíblia chama de satã, isto é, o Adversário.

Só conseguíamos pensar nisto: naquela perplexidade, nos olhos dos velhos, de crianças traídas; nos corpinhos carbonizados de Antoine e Caroline, que jaziam ao lado do de sua mãe nas mesas do necrotério; e também no outro corpo, pesado e flácido, o corpo do assassino, que fora tão próximo de todos, tão familiar, que se tornou tão monstruosamente estranho e que voltava devagar a se mexer numa cama de hospital, a alguns quilômetros dali. Estava sofrendo com as queimaduras, diziam os médicos, com os efeitos dos barbitúricos e dos hidrocarbonetos que tinha absorvido, mas provavelmente recuperaria a consciência por completo durante o fim de semana e, a partir de segunda-feira, estaria em condições de ser interrogado. Logo depois do incêndio, quando ainda se imaginava que fosse um acidente, Luc e Cécile tinham rezado para que Jean-Claude morresse: era o melhor para ele, afinal. Agora rezavam para que morresse mas por eles mesmos, por seus filhos, por todos que ainda viviam. O fato de ele, a morte em forma de homem, permanecer no mundo dos vivos era uma ameaça assustadora, em suspenso, a garantia de que a paz nunca mais retornaria, de que o horror não teria fim.

No domingo, um dos seis irmãos de Luc disse que precisavam de um novo padrinho para Sophie. Ele se ofereceu, perguntando solenemente se ela o aceitava. Essa cerimônia em família marcou o início do luto.

No outono anterior, Déa estava morrendo em decorrência da aids. Não era uma amiga muito próxima, mas uma das melhores amigas de uma das nossas melhores amigas, Elisabeth. Era linda, de uma beleza um pouco perturbadora, que a doença havia acentuado, com uma cabeleira ruiva de que se orgulhava. Como se tornou muito religiosa perto do fim, montou em casa uma espécie de altar, com velas iluminando alguns ícones. Certa noite, uma vela pôs fogo em seu cabelo e ela ardeu feito uma tocha. Levaram-na à ala de queimaduras graves do hospital Saint-Louis. Queimadura de terceiro grau em metade do corpo: ela não ia morrer por causa da aids, talvez até quisesse isso. Mas não morreu imediatamente, levou quase uma semana, e Elisabeth foi visitá-la todos esses dias, isto é, foi visitar o que restava dela. Depois passava na nossa casa, para beber e conversar. Dizia que, de certa forma, a ala de queimaduras graves era bonita. Tem véus brancos, gaze, silêncio, dá até para imaginar que você está no castelo da Bela Adormecida. De Déa, só era possível ver uma silhueta envolta em pequenas faixas brancas, e se ela tivesse morrido seria quase reconfortante. O terrível era que ainda estivesse viva. Os médicos garantiram que ela não tinha mais consciência, e Elisabeth, que é completamente ateia, passava as noites rezando para que fosse verdade. Nessa época, eu tinha chegado na parte da biografia de Dick em que ele escreve um romance aterrorizante chamado *Ubik* e imagina o que acontece no cérebro das pessoas conservadas por criogenia: fragmentos de pensamentos à deriva, que escaparam de reservas de

memória saqueadas, a roedura obstinada da entropia, curtos-circuitos que provocam faíscas de uma lucidez de pânico — tudo o que a linha tranquila e regular de um eletroencefalograma *quase* plano esconde. Eu bebia e fumava demais, vivia com a impressão de que ia acordar num sobressalto. Certa noite, ficou insuportável. Eu me levantava, me deitava de novo ao lado de Anne, que estava dormindo, me virava, todos os músculos tensos, os nervos retorcidos, acho que nunca na vida tinha experimentado uma sensação tão forte de mal-estar físico e moral — embora "mal-estar" seja uma palavra fraca —, sentia aquilo crescendo dentro de mim, me recobrindo, prestes a me afundar: era o pavor inominável de quem é enterrado vivo. Depois de algumas horas, tudo se soltou de repente. Tudo se tornou fluido, livre, eu percebi que estava chorando, chorando lágrimas grossas e quentes, e era de alegria. Nunca havia experimentado uma tal sensação de mal-estar, nunca havia experimentado uma tal sensação de alívio. Passei um tempo mergulhado, sem entender, nessa espécie de êxtase amniótico, então entendi. Olhei a hora. No dia seguinte, telefonei para Elisabeth. Sim, Déa tinha morrido. Sim, um pouco antes das quatro da madrugada.

Ele era o único, por causa do coma, que não sabia que estava vivo e que as pessoas que amava tinham sido mortas por sua própria mão. Essa ausência não ia durar. Ele ia sair do limbo. O que veria ao abrir os olhos? Um quarto de paredes brancas, faixas brancas envolvendo seu corpo. De que se lembraria? Que imagens o acompanhariam quando estivesse voltando à superfície? Quem seria o primeiro a passar diante de seus olhos? Uma enfermeira, talvez. Será que ela sorriria para ele, como todas devem fazer nesses momentos, porque uma enfermeira é uma mãe que acolhe seu filho ao sair de um túnel muito comprido e todas elas sabem, por instinto, ou teriam outra profissão, que ao sair desse túnel é essencial sentir a luz, o calor, um sorriso? Sim, mas sorrir para

ele? A enfermeira devia saber quem ele era, devia afastar os jornalistas que acampavam na entrada da ala, mas ler seus artigos. Tinha visto as imagens, eram sempre as mesmas, a casa incendiada e as seis fotos 3 × 4. A senhora idosa, gentil e amedrontada. Seu marido, rígido como a Justiça, olhos arregalados por trás dos óculos grossos de tartaruga. Florence, linda e sorridente. Ele mesmo, com sua cara de bom pai, um pouco rechonchudo, um pouco calvo. E por fim as duas crianças, sobretudo as duas crianças, Caroline e Antoine, sete e cinco anos. Olho para eles escrevendo isto, acho que Antoine se parece um pouco com Jean-Baptiste, meu filho caçula, imagino o sorriso dele, seu leve ceceio, seus acessos de raiva, seu jeito sério, tudo que era importante para ele, todo aquele sentimentalismo carinhoso que é a verdade do amor que sentimos pelos nossos filhos, e também eu tenho vontade de chorar.

Assim que decidi escrever sobre o caso Romand, coisa que aconteceu muito rápido, pensei em correr até lá. Hospedar-me em um hotel de Ferney-Voltaire, fazer o tipo do repórter intrometido que não desgruda. Mas tinha dificuldade em me ver dando com o pé na porta das famílias enlutadas, que a fechariam na minha cara; passando horas bebendo vinho quente e conversando com policiais que falam o dialeto franco-comtois; buscando estratagemas para conhecer a escrivã do juiz de instrução. Acima de tudo, me dei conta de que não era isso que me interessava. A apuração que eu poderia ter conduzido por conta própria, o inquérito cujo segredo eu poderia ter tentado afrouxar, não revelariam nada além de fatos. O detalhe dos desvios de verbas de Romand, como a vida dupla se instalou ao longo dos anos, o papel que fulano ou sicrano desempenhou, tudo isso, que eu ficaria sabendo em tempo hábil, não me diria nada sobre o que eu realmente queria saber: o que se passava na sua cabeça durante aqueles dias que ele supostamente passava no escritório; que, diferente de como se pensou de início, ele não passava traficando armas ou segredos

industriais; que, agora achamos, ele passava caminhando pelos bosques. (Eu me lembro desta frase, que encerrava um artigo do *Libération*, que me pegou de jeito: "E ele ia se perder, sozinho, nas florestas do Jura".)

Nem as testemunhas, nem o juiz de instrução, nem os psiquiatras poderiam responder à pergunta que me lançava na escrita de um livro — apenas o próprio Romand, uma vez que estava vivo, ou ninguém poderia respondê-la. Depois de hesitar por seis meses, decidi escrever para ele, aos cuidados de seu advogado. Foi a carta mais difícil que precisei escrever na vida.

Paris, 30 de agosto de 1993

Caro senhor,

Corro o risco de feri-lo com minha proposta. Ainda assim, vou me arriscar.

Sou escritor, autor de sete livros até o momento, e envio aqui o último que foi publicado. Desde que soube pelos jornais da tragédia da qual o senhor foi o agente e único sobrevivente, vivo assombrado por ela. Gostaria, na medida do possível, de tentar entender o que aconteceu e escrever um livro sobre isso — que, é claro, só poderia ser publicado depois do seu julgamento.

Antes de começar o projeto, é importante para mim saber que tipo de sentimento isso provoca no senhor. Interesse, hostilidade, indiferença? Saiba que, em caso de hostilidade, abro mão dele. Se for interesse, por outro lado, tenho a esperança de que o senhor concorde em responder às minhas cartas e, talvez, se for permitido, me receba.

Gostaria que o senhor entendesse que não o procuro movido por uma curiosidade doentia ou por interesse pelo sensacionalismo. Aquilo que o senhor fez não é, aos meus olhos, o ato de um criminoso comum, tampouco o de um louco, e sim o de um homem levado ao limite por forças que o ultrapassam, e são essas forças terríveis que eu gostaria de mostrar no livro.

Independentemente de sua reação a esta carta, desejo ao senhor muita força e peço que acredite na minha mais profunda compaixão.

Enviei essa carta. Logo em seguida, quando já era tarde demais, pensei com estupor no efeito que o título do livro que a acompanhava poderia causar no destinatário: *Eu estou vivo e vocês estão mortos*.

Aguardei.

Dizia a mim mesmo: se por um milagre Romand aceitar conversar comigo ("me receber", como escrevi cheio de cerimônias), se o juiz de instrução, o Ministério Público ou o advogado dele não se opuserem, aí sim meu trabalho vai me levar a territórios desconhecidos. Se, como é mais provável, Romand não me responder, vou escrever um romance "inspirado" nesse caso, mudarei os nomes, os lugares, as circunstâncias, vou inventar a meu bel-prazer: será ficção.

Romand não respondeu. Procurei de novo seu advogado, que não quis nem me dizer se havia entregado a carta e meu livro para ele.

Pedido negado.

Comecei a escrever um romance que tratava de um homem que, a cada manhã, dava um beijo em sua esposa e nos filhos, fingia ir para o trabalho e ia caminhar sem destino por bosques cobertos de neve. Depois de algumas dezenas de páginas, travei. Abandonei. No inverno seguinte me veio à mente um livro, o livro que, sem saber, eu vinha tentando escrever, sem sucesso, fazia sete anos. Escrevi esse livro muito rápido, de maneira quase automática, e soube imediatamente que era de longe o que de melhor eu já havia feito. Girava em torno da imagem de um pai assassino que vagava sozinho pela neve, e pensei que o que me havia atraído na história de Romand, como em outros projetos inacabados, tinha encontrado ali o seu lugar, o lugar certo, e que com essa narrativa eu encerrava a obsessão. Poderia enfim seguir em frente. Para onde? Não fazia ideia, mas não me preocupava com isso. Eu tinha escrito

aquilo que um dia me fez querer ser escritor. Estava começando a me sentir vivo.

Bourg-en-Bresse, 10/9/95

Senhor,

Não é hostilidade nem indiferença à sua proposta o que explica uma demora tão grande em responder à sua carta de 30/8/93. Meu advogado me havia dissuadido de lhe escrever enquanto a instrução estivesse em curso. Como ela acaba de se encerrar, estou com a mente mais livre e as ideias mais claras (depois de três especialistas psiquiátricos e 250 horas de interrogatório) para talvez dar sequência ao seu projeto. Outra circunstância fortuita me influenciou ativamente: acabo de ler seu último livro, *A colônia de férias*, e gostei muito.

Se o senhor ainda quiser me encontrar, com uma vontade mútua de compreensão dessa tragédia, que ainda é para mim de uma atualidade diária, o senhor precisa solicitar uma autorização de visita, endereçada ao sr. Procurador da República, acompanhada de duas fotos e de uma cópia do seu documento de identidade.

Enquanto aguardo uma carta sua ou que nos encontremos, envio ao senhor meus votos de sucesso por seu livro e peço que acredite em minha gratidão por sua compaixão e em minha admiração por seu talento de escritor.

Até breve, talvez.

Jean-Claude Romand

* * *

Dizer que a carta me abalou seria um eufemismo. Dois anos depois, me senti sendo puxado de volta. Eu tinha mudado, pensava estar longe. Essa história, e principalmente meu interesse por ela, me incomodavam. Por outro lado, não ia lhe dizer não, que agora não queria mais encontrá-lo. Fiz o pedido de autorização de visita. Recusado, porque eu não era da família, com a informação de que poderia tentar novamente depois que ele comparecesse ao tribunal do júri do departamento de Ain, previsto para a primavera de 1996. Enquanto aguardava, restava a correspondência.

No verso dos envelopes, ele colava adesivos pequenos com seu nome e endereço, "Sr. Jean-Claude Romand, Rue du Palais, n. 6, 01 011 Bourg-en-Bresse", e quando respondia eu evitava a palavra "prisão" na identificação do destinatário. Imaginei que ele não gostasse do seu papel grosso quadriculado, da obrigação de economizá-lo, talvez nem gostasse da obrigação de escrever à mão. Parei de digitar as minhas cartas no computador para que houvesse uma igualdade ao menos a esse respeito. A obsessão que eu tinha pela desigualdade das nossas condições, o medo de feri-lo ao exibir minha sorte de ser um homem livre, um marido e um pai de família feliz, um escritor apreciado, o sentimento de culpa por não ser eu mesmo culpado, tudo isso deu às minhas primeiras cartas esse tom quase adulador, ao qual ele respondia fielmente, como um eco. Talvez não existam mil e uma maneiras de se dirigir a alguém que matou a esposa, os filhos, os pais e sobreviveu a eles. Mas, em retrospecto, me dou conta de que já comecei dizendo o que ele queria ouvir quando adotei aquela gravidade afetada e compassiva e quando o enxerguei não como alguém

que havia feito algo terrível, e sim alguém a quem algo terrível tinha acontecido, como um joguete infeliz de forças demoníacas.

Eu me fazia inúmeras perguntas, mas não tinha coragem de fazer a ele nenhuma delas. De seu lado, ele estava pouco inclinado a retomar os fatos e desejava muito mais apaixonadamente escrutinar o significado deles. Não mencionava lembranças, fazia apenas vagas e abstratas alusões à "tragédia", nenhuma às pessoas que tinham sido vítimas dela, mas se alongava com prazer sobre o próprio sofrimento, seu luto impossível, os escritos de Lacan que tinha começado a ler na esperança de compreender melhor a si mesmo. Enviava trechos que copiava dos relatórios dos psiquiatras: "No estado atual, e num certo nível arcaico de funcionamento, J. C. R. não conseguia diferenciar si mesmo de seus objetos de amor: ele fazia parte deles e eles faziam parte de si num sistema cosmogônico totalizante, indiferenciado e fechado. Nesse nível, não há mais diferença entre suicídio e homicídio…".

Quando eu pedia detalhes sobre sua vida na prisão, não dizia nada concreto. Dava a impressão de não se interessar pelo real, apenas pelo sentido escondido atrás do real, e de interpretar tudo que acontecia com ele como um sinal, sobretudo minha intervenção em sua vida. Dizia estar convencido de que "o tratamento dessa tragédia por parte de um escritor pode completar e transcender amplamente outros pontos de vista, mais redutores, tais como os da psiquiatria e de outras ciências humanas" e insistia em me convencer, e convencer a si mesmo, de que "qualquer 'recuperação narcísica'" estava "longe de [seu] pensamento [consciente, pelo menos]". Entendi que ele contava mais comigo do que com os psiquiatras para tornar sua própria história algo compreensível para si mesmo, e mais comigo do que com os advogados para torná-la compreensível para o mundo. Essa responsabilidade me assustava, mas não foi ele quem veio me procurar; eu tinha dado o primeiro passo e avaliei que deveria aceitar as consequências.

Dei outra volta no parafuso da nossa correspondência ao fazer a pergunta: "Você acredita em Deus? Quero dizer, você acha que existe uma instância acima de nós que entende aquilo que você mesmo não consegue entender nessa tragédia e que talvez possa absolvê-lo?".

Resposta: "Sim. 'Acredito que acredito.' E não acho que se trata de uma crença circunstancial, com o objetivo de negar a possibilidade aterradora de não nos encontrarmos depois da morte num Amor eterno, ou de encontrar numa redenção mística um sentido para a minha (sobre)vivência. Muitos 'sinais' apareceram nos últimos três anos para reforçar minha convicção, mas entenda minha discrição nesse assunto. Não sei se o senhor tem fé. Seu nome poderia ser um indício de que sim".

Também nesse caso, fui eu que comecei. Por mais constrangedora que fosse a pergunta, era preciso responder com sim ou não e, no escuro, eu disse sim. "De outro modo, não poderia me confrontar com uma história tão terrível quanto a sua. Para encarar abertamente, sem uma condescendência mórbida, a noite em que o senhor mergulhou, ou em que ainda está mergulhado, é preciso acreditar que existe uma luz na qual tudo aquilo que aconteceu, inclusive os excessos de infelicidade e do mal, será um dia compreendido por nós."

Com a aproximação do julgamento, ele foi ficando cada vez mais angustiado. O desafio, para ele, não era penal: a condenação com certeza seria pesada, ele sabia disso e eu não tinha a impressão de que sentia falta da liberdade. Algumas limitações da vida carcerária pesavam, mas, no conjunto, isso era conveniente. Todo mundo estava a par do que ele havia feito, ele não tinha mais por que mentir, e, junto com o sofrimento, estava sentindo o gosto de uma liberdade psíquica completamente nova. Era um prisioneiro-modelo, tanto seus companheiros quanto os funcionários gostavam dele. Sair desse casulo onde encontrou um lugar e ser jogado aos leões, às pessoas que o

consideravam o monstro, o aterrorizava. Ele ficava repetindo para si mesmo que era preciso, era essencial para os outros e para si próprio que não se esquivasse do tribunal dos homens. “Estou me preparando para esse julgamento”, ele me escreveu, “como alguém se prepara para um encontro determinante: vai ser o último com ‘eles’, a última chance de estar finalmente diante ‘deles’… Tenho o pressentimento de que, depois disso, meu futuro não vai durar muito.”

Eu quis ir ver os lugares onde ele viveu como fantasma. Viajei durante uma semana, munido de mapas que, a meu pedido, ele desenhou com zelo, itinerários comentados que segui fielmente, respeitando inclusive a ordem cronológica que ele sugeriu. (“Obrigado por me permitir percorrer novamente esse universo familiar, percurso muito doloroso mas mais fácil de compartilhar com alguém do que refazer sozinho…”) Vi a aldeia de sua infância, a casa afastada de seus pais, o apartamento de estudante em Lyon, a casa incendiada em Prévessin, a farmácia Cottin onde sua esposa cobria folgas, a escola Saint-Vincent de Ferney. Tinha o nome e o endereço de Luc Ladmiral, passei na frente de seu consultório, mas não entrei. Não falei com ninguém. Fiquei vagando sozinho onde ele tinha vagado sozinho em seus dias desocupados: nas trilhas da floresta do Jura e, em Genebra, no bairro dos órgãos internacionais, onde fica o prédio da OMS. Eu tinha lido que, na parede da sala onde ele matou a mãe, havia uma foto emoldurada desse prédio. Uma cruz na fachada marcava a janela de seu escritório, mas eu não sabia onde estava essa cruz e não fui além do hall de entrada.

Sentia pena, uma simpatia dolorosa ao me colocar no lugar desse homem que vagava sem destino, ano após ano, fechado em seu segredo absurdo, que não podia contar a ninguém e do qual ninguém podia saber, sob o risco de morte. Então pensei nas crianças, nas fotos de seus corpos no Instituto Médico

Legal: o horror em estado bruto, que nos leva instintivamente a fechar os olhos, balançar a cabeça para esquecer que isso aconteceu. Achei que tinha parado com essas histórias de loucura, enclausuramento, frio. Não que fosse necessariamente me lançar ao maravilhamento franciscano, louvando a beleza do mundo e o canto dos rouxinóis, mas ainda assim achei que estava livre daquilo. E me via novamente escolhido (um tanto enfático, eu sei, mas não vejo como dizer isso de outro modo) por essa história atroz, em ressonância com um homem que tinha feito aquilo. Eu estava com medo. Medo e vergonha. Vergonha perante os meus filhos, porque o pai deles ia escrever sobre isso. Ainda dava tempo de fugir? Ou seria essa a minha vocação particular, tentar entender, encarar?

Para garantir que estaria bem localizado, me credenciei como jornalista do *Le Nouvel Observateur* para o tribunal do júri de Ain. Na véspera da primeira audiência, toda a imprensa francesa que cobria o Judiciário se reuniu no principal hotel de Bourg-en-Bresse. Naquele momento, eu conhecia apenas uma categoria de jornalistas, os críticos de cinema, e ali descobri outra, com reuniões tribais que não acontecem em festivais, e sim em julgamentos. Depois de beber um pouco, como fizemos naquela noite, eles se lembraram de suas coberturas e não era de Cannes, Veneza ou Berlim que falavam, mas de Dijon, para o caso Villemin, ou Lyon, para o caso Barbie, e entendi que aquilo tinha outro nível de seriedade. Meu primeiro texto sobre o caso me rendeu alguma moral. O macaco velho do *L'Est Républicain* falava comigo com intimidade ao me servir bebida, a jovem bonita do *L'Humanité* sorria para mim. Eu me senti legitimado por essas pessoas que tinham uma humanidade que me agradava.

Cabe ao réu autorizar ou proibir a presença de fotógrafos no início das audiências, e Romand havia autorizado, o que alguns interpretaram como um sinal de cabotinismo. Na manhã seguinte haveria cerca de trinta fotógrafos,

além de câmeras de todas as redes de televisão, que, para passar o tempo, filmavam o aquário vazio, os ornamentos de madeira das paredes da sala e, na frente do tablado da corte, a vitrine que expunha as provas materiais: espingarda, silenciador, bomba de gás lacrimogêneo, fotos de família tiradas de um álbum. As crianças rindo e espirrando água numa piscina inflável de jardim. Antoine soprando as velinhas de seu aniversário de quatro anos. Florence olhando para eles com um carinho cheio de segurança e alegria. Tampouco ele parecia triste numa foto que devia ser do noivado ou do começo do casamento: estavam sentados à mesa num restaurante ou num jantar, pessoas se divertindo ao redor, ele a tomava nos braços, pareciam mesmo apaixonados. Seu rosto parecia o de um bebê, cabelos cacheados, uma expressão de bondade sonhadora. Eu me perguntei se, quando essa foto foi tirada, ele já havia começado a mentir. Provavelmente.

O homem que os policiais trouxeram ao aquário tinha a pele amarelada dos detentos, cabelo raspado, corpo magro e flácido, fundido numa carcaça pesada. Vestia terno preto e uma camisa polo preta de gola aberta, e a voz que escutamos responder ao interrogatório preliminar era desencarnada. Ele mantinha os olhos baixos sobre as mãos unidas, que por sua vez haviam acabado de ser liberadas das algemas. Os jornalistas à sua frente, a presidente e os jurados à direita e o público à esquerda observavam-no, estupefatos. "Não é todo dia que se tem a oportunidade de ver o rosto do diabo": começava assim, no dia seguinte, o relato do *Le Monde*. No meu, eu dizia: de uma pessoa maldita.

As partes civis eram as únicas que não olhavam para ele. Sentada bem na minha frente, entre seus dois filhos, a mãe de Florence olhava fixamente para o chão, como se presa a um ponto invisível para não desfalecer. Naquela manhã, ela precisou se levantar, tomar o café da manhã, escolher a roupa que ia vestir, dirigir desde Annecy e agora estava ali, ouvindo a leitura das 24 páginas do ato

de acusação. Quando se chegou ao ponto da autópsia de sua filha e dos netos, a mão crispada, que apertava contra a boca um lenço embolado, começou a tremer um pouco. Se esticasse o braço eu poderia tocar em seu ombro, mas um abismo me separava dela, e não se tratava apenas da intensidade intolerável de seu sofrimento. Não foi para ela e para seus familiares que escrevi, e sim para aquele que havia destruído a vida deles. Era a ele que eu acreditava dever respeito, porque, ao querer contar essa história, eu a considerava uma história dele. Foi com o advogado dele que almocei. Eu estava do outro lado.

Ele estava prostrado. Apenas no fim da manhã arriscou alguns olhares na direção da sala e dos bancos da imprensa. A armação dos óculos cintilava atrás do vidro que o separava. Quando seus olhos enfim cruzaram os meus, nós dois os baixamos.

Os Romand são uma família de agentes florestais do Jura, fixada há várias gerações na comuna de Clairvaux-les-Lacs ou em vilarejos vizinhos. Compõem um verdadeiro clã, e seus atributos de austeridade e obstinação são respeitados: "Aquele ali tem cara de Romand", dizem. Todos trabalhavam duro, temiam a Deus e eram gente de palavra.

Aimé Romand nasceu logo depois da Primeira Guerra Mundial, foi convocado para a Segunda e, ao ser feito prisioneiro, passou cinco anos num campo. De volta ao país, condecorado, trabalhou com o pai e o sucedeu como gestor de uma empresa florestal. Por ser relativamente fácil fraudar os cortes de madeira, a profissão exige grande confiança por parte dos acionistas. Aimé, como seu pai, era digno dessa confiança. Alto e anguloso, de olhos perscrutadores, impunha confiança sem ter o carisma mais sanguíneo do irmão caçula, Claude, que era mecânico. Casou-se com uma mulher apagada, que todo mundo se acostumou a ver doente sem saber ao certo do que sofria. Tinha uma saúde fraca, a cabeça ruim. Seja por essa depressão latente, seja por uma tendência obsessiva em Aimé, nota-se nesse casal uma rigidez, algo de meticuloso, um hábito adquirido cedo de ser escrupuloso e fechado. O tipo de família que costuma ter muitos filhos, mas tiveram apenas Jean-Claude, em 1954. Anne-Marie foi hospitalizada duas vezes seguidas devido a duas gravidezes ectópicas, o que levou a temerem por sua vida. O pai tentou proteger o menininho do que estava acontecendo para não o deixar

preocupado e porque o que estava acontecendo tinha relação com o mundo indecente e ameaçador do sexo. Acobertaram a histerectomia dizendo que tinha sido apendicite, mas nas duas vezes ele deduziu, pela ausência da mãe, pelos cochichos sinistros em que se falava a palavra "hospital", que ela tinha morrido e estavam escondendo isso dele.

A primeira infância se desenvolveu na aldeia, onde o pai, no tempo que sobrava de seu trabalho como gestor florestal, tocava uma fazenda. Passei por lá, guiado pelos mapas de Jean-Claude: trata-se de algumas casas no fundo de uma ravina isolada numa floresta imensa e escura de pinheiros. A escola tinha apenas três alunos. Depois, os pais construíram a casa em Clairvaux e se mudaram para lá. Ele estava um ano à frente na escola, lia muito. No quinto ano, recebeu um prêmio de mérito escolar. Os vizinhos, os primos, os professores se lembram de um garotinho bem-comportado, tranquilo e gentil que alguns têm vontade de descrever como bem-comportado demais, tranquilo demais, gentil demais, assumindo que tal avaliação excessiva só lhes ocorreu agora, uma explicação fraca para uma desgraça sem explicação. Filho único, talvez um pouco mimado. Uma criança que nunca fazia besteira, que era mais admirável — se é que se pode dizer isso de uma criança — do que de fato cativante, mas nem por isso alguém cogitaria pensar que não fosse feliz. Ele mesmo, quando fala do pai, raramente deixa de fazer um breve parêntese, esquisito e formal, para dizer que seu nome, Aimé, correspondia ao homem amado que era: "Aimé, que nome certeiro". Diz que a mãe se preocupava com toda e qualquer coisa e cedo ele aprendeu a fingir para que ela não se preocupasse ainda mais. Admirava que o pai nunca deixasse suas emoções transparecerem e se esforçou para imitá-lo. Tudo devia estar bem sempre, senão a mãe ficaria ainda pior e ele seria um ingrato por deixá-la pior por causa de ninharias, tristezas bobas de criança. Era melhor esconder esse tipo de coisa.

No vilarejo, por exemplo, as famílias eram imensas, a casa dos outros era bem mais animada do que a dele, mas sentia que os pais sofriam quando perguntava por que não tinha um irmão ou uma irmã. Sentia que essa pergunta encobria algo que escondiam dele e que sua curiosidade, e mais ainda seu desalento, deixavam-nos tristes. "Tristeza" era uma palavra da mãe, para a qual ela atribuía um significado curiosamente concreto, como se fosse uma doença orgânica que a afligia. Ele sabia que, se confessasse sofrer dessa mesma doença, faria a da mãe piorar, e a dela era muito mais grave e podia até matá-la. De um lado, tinham-no ensinado a não mentir, isso era um dogma absoluto: um Romand dá sua palavra, um Romand é íntegro como uma rocha. De outro lado, não se podiam dizer determinadas coisas, ainda que fossem verdade. Não era permitido provocar tristeza nem se vangloriar de seu sucesso ou de suas qualidades.

(Querendo que as pessoas entendessem isso, ele contou, sem pensar muito, que ele e a esposa às vezes fingiam ir ao cinema em Genebra e na verdade iam dar aulas de alfabetização para famílias humildes. Nunca falaram sobre isso para os amigos, ele não contou nem para o juiz de instrução, e quando a presidente, surpresa, pediu que ele falasse mais — em que contexto isso se dava, quem eram essas famílias —, ele se recolheu para a discrição que devia à memória de Florence: ela não teria gostado que ele ostentasse a generosidade deles.)

Estávamos para encerrar a etapa da infância do réu quando o dr. Abad, seu advogado, perguntou: "Quando você estava feliz ou triste, então, seu confidente era o cachorro, não é mesmo?". Ele abriu a boca. Esperava-se uma resposta banal, naquele tom sensato e choroso com que começávamos a nos acostumar, mas não saiu nada. Ele hesitou. Começou a tremer de leve, depois mais forte, com todos os membros, e uma espécie de grunhido involuntário escapou de sua boca. Até a mãe de Florence olhou na direção dele. Então ele se

jogou no chão, soltando um gemido de gelar o sangue. Escutamos sua cabeça batendo no chão, vimos que esperneava no ar. Os policiais ao seu redor fizeram o possível para dominar aquele corpo volumoso agitado por convulsões, então o levaram embora, ainda gemendo e tomado por espasmos.

Acabei de escrever "de gelar o sangue". Naquele dia entendi a verdade que recobre as expressões clichê: foi mesmo um "silêncio mortal" que se instaurou depois que ele saiu, até que, com uma voz hesitante, a presidente declarasse a audiência suspensa por uma hora. As pessoas só começaram a falar, a tentar interpretar o que tinha acabado de acontecer, quando saíram da sala. Alguns enxergavam nessa crise um sinal bem-vindo de emoção, por ele ter parecido tão distante até então. Outros achavam monstruoso que, para um homem que tinha matado seus filhos, essa emoção tivesse se manifestado em relação a um cachorro. Uns se perguntavam se ele estava fingindo. Eu tinha parado de fumar, mas peguei um cigarro com um ilustrador, um senhor de barba branca e rabo de cavalo baixo. "Você entendeu o que o advogado está tentando fazer?", ele me perguntou. Eu não tinha entendido. "Quer fazê-lo desmoronar. Percebeu que está faltando alguma coisa visceral, que o público o acha frio, então quer que a gente veja a fraqueza dessa couraça. Mas ele não percebeu que isso é terrivelmente perigoso. Vou te dizer, faz quarenta anos que arrasto essa minha pasta de desenho por todos os tribunais da França, tenho olho para isso. Esse sujeito é um *belo* de um maluco, os psiquiatras estão doidos de permitir que ele seja julgado. Ele está se controlando, ele controla tudo, é assim que ele vive, mas, se alguém for cutucar bem ali, onde ele não consegue mais controlar, ele vai desmontar na frente de todo mundo, e posso te garantir que vai ser apavorante. As pessoas acham que isso que estão vendo diante de si é um ser humano — faz tempo que isso aí não é mais humano. É que nem um buraco negro e, você vai ver, ele vai vir pra cima da gente. As pessoas não sabem o que é a loucura. É uma coisa terrível. É o que de mais terrível existe no mundo."

Aquiesci com a cabeça. Estava pensando em *A colônia de férias*, que ele disse ser a exata história de sua infância. No grande vazio que pouco a pouco foi corroendo seu interior até não sobrar nada além dessa aparência de homem vestido de preto, esse abismo de onde saía a corrente de ar glacial que arrepiava a espinha do velho ilustrador.

A audiência foi retomada. Recuperado com ajuda de uma injeção, ele tentou explicar a crise: "A menção a esse cachorro me fez lembrar os segredos da minha infância, segredos pesados demais para carregar… Talvez não seja correto falar dos sofrimentos da minha infância… Eu não podia falar sobre isso, porque meus pais não teriam entendido, eles ficariam decepcionados… Eu não mentia, naquela época, mas nunca contava o que estava sentindo de verdade, só para o meu cachorro… Eu estava sempre sorrindo e achava que meus pais nunca desconfiaram da minha tristeza… *Não tinha mais nada para esconder naquele momento, mas eu escondia isto: essa angústia, essa tristeza…* Eles decerto estariam dispostos a me escutar, Florence também estava disposta, mas eu não consegui falar… E, quando a gente entra nessa roda-viva de não poder decepcionar, uma primeira mentira puxa outra, e a história não tem mais fim…".

* * *

Um dia, esse cachorro desapareceu. O filho — segundo conta hoje, adulto — desconfiou que seu pai o tivesse sacrificado com a espingarda. Fosse porque o cachorro estivesse doente e o pai quisesse poupar o filho do sofrimento de vê-lo agonizar, fosse porque tivesse cometido algum ato tão grave que a morte era a única pena possível. Uma última hipótese é que o pai tenha falado a verdade, que o cachorro tenha realmente desaparecido, mas parece que o filho não a considerou em nenhum momento, de tão frequente era a mentira piedosa naquela família em que a regra era não mentir nunca.

Ao longo de todo o julgamento, os cachorros que passaram por sua vida lhe despertaram emoções intensas. Curiosamente, nenhum foi nomeado. Ele falava disso sem parar, mencionando-os para datar os acontecimentos, suas doenças e como elas o deixaram preocupado. Muitas pessoas tiveram a impressão de que, conscientemente ou não, ele estava tentando expressar alguma coisa fazendo uso das lágrimas que enchiam seus olhos com essas histórias, de que alguma coisa ia sair por essa brecha e de que essa alguma coisa acabou não saindo.

Aluno interno do colégio de Lons-le-Saunier, ele foi um adolescente solitário, ruim em educação física, intimidado — não tanto pelas meninas, que eram de outro planeta, e sim pelos meninos mais maliciosos que fingiam frequentar esse planeta. Ele conta que se refugiou na companhia de uma namorada imaginária chamada Claude — os psiquiatras se perguntam se ele não a inventou depois, para agradar a eles. Por outro lado, comprovou-se que ele conseguiu tirar nota 8 no exame de filosofia do fim do ensino médio e que, dos três temas propostos em sua região na sessão de junho de 1971, ele escolheu "A verdade existe?".

Para passar no concurso do Serviço Florestal, ele se matriculou no cursinho preparatório de agronomia no prestigioso Lycée du Parc, em Lyon, e não deu muito certo. Ele menciona trotes, mas ao mesmo tempo reconhece que não era algo maldoso. Teria sido humilhado? Sua reação foi ficar doente, sinusites recorrentes que o impediram de voltar a Lyon depois do feriado do Dia de Todos os Santos e permitiram que passasse o resto do ano escolar enclausurado na casa dos pais.

Só ele pode dizer como foi esse ano em Clairvaux, e ele não diz. É um borrão em sua vida. No inverno, num vilarejo do Jura, as noites são longas. As pessoas se trancam em casa, acendem as luzes cedo, ficam observando a rua

principal por detrás das cortinas finas e da névoa. Os homens vão ao bar, mas ele não ia. Saía pouco, não conversava com ninguém — só com os pais, a quem precisava distrair com a história de sua doença física, pois qualquer outra forma de dúvida ou melancolia lhes teria parecido um capricho. Ele era grande, volumoso, tinha um corpo macio e flácido, já com o tamanho de um homem adulto, mas com o estofo de uma criança apavorada. Seu quarto, que ele pouco tinha habitado nos anos de internato, ainda era um quarto de criança.

Deve continuar assim até hoje, 25 anos depois, o lugar onde ele matou o pai. Eu o imagino deitado na cama — que ficou pequena demais —, olhando para o teto, entrando em pânico de repente, em silêncio porque já era noite, entediado com o que lia. Os pais só tinham guias sobre a floresta e a arte de cuidar da casa, uma prateleira dedicada à Segunda Guerra Mundial e alguns títulos religiosos. Não viam romances com bons olhos: só quando o filho ficava doente lhe davam dinheiro para comprar ficção na banca de jornal — onde o expositor de livros de bolso quase não era renovado. Inscreveram-no num curso por correspondência. Toda semana — o que era um pequeno acontecimento naquela casa que não recebia muitas cartas — o carteiro trazia um envelope rosado grosso, com uma aba que não grudava bem e que era preciso postar de volta depois de fazer o trabalho, e então aguardar o próximo envio, as correções, as notas. Ele respeitava o ritual, mas será que fazia mesmo as lições? De todo modo, houve de fato um período em que seguiu o programa, ainda que pró-forma, e, sem ter coragem de anunciar, amadureceu a decisão de não voltar para o cursinho de agronomia e, assim, renunciar ao Serviço Florestal.

Queriam que ele fosse agente florestal, ele foi estudar medicina. Essa mudança de caminho parece, à primeira vista, dar provas de uma atitude firme, capaz de sustentar aquilo que quer diante de algo que lhe é imposto. No entanto, ele diz que tomou a decisão contra sua vontade. Nos autos do processo, ele se alonga falando sobre seu amor pela floresta, uma herança de

Aimé, que considerava cada árvore um ser vivo e passava muito tempo refletindo antes de escolher uma para ser abatida. A vida de uma árvore pode perpassar seis gerações humanas; é com essa régua que, para ele, se media a vida de um homem, ligada organicamente a três gerações de ascendentes e a três de descendentes. Diz que não conseguia pensar em nada mais bonito que viver e trabalhar na floresta, como sempre fizeram seus familiares. Por que abriu mão disso? Acho que realmente sonhou em ser agente florestal, como o pai, porque via que ele era respeitado, se revestia de uma autoridade real, em resumo, porque o admirava. E depois, no Lycée du Parc, essa admiração foi maculada pelo desdém de uns playboys, filhos de médicos ou advogados que consideravam o gestor florestal uma espécie de caipira subalterno. A profissão de seu pai, ainda que numa função mais elevada, depois de passar na seleção de uma universidade de prestígio, deixou de parecer desejável e ele deve ter sentido vergonha dela. Começou a sonhar com uma ascensão social que, na sua condição de bom aluno, fazia de fato sentido, podia muito bem se realizar caso se tornasse médico, e, como toda pessoa sensível que se destaca em seu contexto, ele viveu a dilaceração que era trair seus familiares — ao mesmo tempo que satisfazia suas maiores expectativas. "Eu sabia que seria uma decepção imensa para o meu pai", ele disse, mas não parece que seu pai tenha ficado decepcionado, nem aqui nem na China: um pouco preocupado no início, mas depois, rápida e ingenuamente orgulhoso do sucesso do filho. Bem, mas foi uma terrível decepção *para ele mesmo* e ele escolheu a medicina por falta de opção, sem qualquer vocação que o levasse para esses lados.

A ideia de tratar pessoas doentes, tocar em corpos que sentem dor, o repugnava, ele nunca escondeu isso. No entanto, era atraído pela ideia de adquirir um conhecimento sobre doenças. Um dos psiquiatras que o examinou, o dr. Toutenu, disse no julgamento que discordava quando ele negava sua vocação médica. Segundo ele, Romand trazia em si o que era

necessário para se tornar um médico bom e verdadeiro e tinha, como fundamento para escolher esse caminho, uma daquelas motivações inconscientes poderosas, sem as quais nada se move: o desejo de entender a doença de sua mãe, talvez de curá-la. E, como nessa família era difícil distinguir claramente o sofrimento mental proibido de suas manifestações orgânicas permitidas, o dr. Toutenu até se arriscou a dizer que ele poderia ter se tornado um excelente psiquiatra.

Ele tinha outro motivo para se matricular no primeiro ano do curso de medicina de Lyon: Florence, uma prima distante que às vezes encontrava nas festas de família, também tinha se matriculado. Ela morava em Annecy com os pais e dois irmãos, era a mais velha. O pai trabalhava numa empresa que fabricava armações de óculos, um dos irmãos se tornou óptico. Era uma moça alta, esportiva, de corpo bonito, que adorava fazer fogueiras, sair com os amigos, assar bolos para as festas comunitárias. Católica, tinha uma fé sem afetação. Todos que a conheceram dizem que era sincera, honesta, íntegra, tinha alegria de viver. "Uma garota bacana", disse Luc Ladmiral, "um pouco tradicional…" Nada boba, mas também nada maliciosa, no sentido de que não via mal nos outros, não mais do que seria capaz de fazer. Parecia prometida a uma vida sem sobressaltos, o que uma mente pessimista, do tipo de gente que não convivia com ela, chamaria de uma trajetória pouco animadora: um curso superior não muito exigente, durante o tempo necessário para arrumar um marido bom e amoroso como ela; dois ou três lindos filhos, criados com uma moral sólida e num clima alegre; uma casa num subúrbio residencial com uma cozinha bem equipada; grandes festas no Natal e nos aniversários, com todas as gerações reunidas, tanto suas quanto dos amigos; um ritmo de vida em progressão quase lenta, mas constante; então os filhos vão embora de casa um a um, eles se casam, o quarto do mais velho é transformado em uma sala de música porque agora você tem tempo de voltar a tocar piano; o marido se

aposenta, você nem viu o tempo passar, surgem aqui e ali uns momentos de melancolia, você acha a casa grande demais, os dias longos demais, as visitas dos filhos espaçadas demais; volta a pensar naquele sujeito com quem teve uma aventura rápida, a única, no começo dos quarenta anos, na época foi terrível, o segredo, a loucura, o sentimento de culpa, depois fica sabendo que o marido também teve uma história, chegou até a pensar em pedir o divórcio; sente uns arrepios com a aproximação do outono, já é o feriado do Dia de Todos os Santos, e um dia, depois de um exame de rotina, você fica sabendo que tem um câncer e, bom, é isso, acabou, dentro de alguns meses você vai ser enterrada. Uma vida comum, mas ela teria sabido vivê-la, preenchê-la da maneira como uma boa dona de casa sabe dar alma a um lar e torná-lo agradável para sua família. Não parece que tenha sonhado com qualquer outra coisa, tampouco alimentado alguma fantasia em segredo. Talvez tenha sido poupada disso por sua fé, que diziam ser profunda: não havia nela o menor sinal de bovarismo, nem a menor vocação para as fugas, a inconsequência, tampouco para a tragédia, naturalmente.

(Dito isso, antes de ela aparecer, todo mundo achava que Jean-Claude era o marido perfeito para uma mulher assim. Ao longo do julgamento, a presidente ficou escandalizada por ele comprar fitas de vídeo pornográficas e perguntou, ingenuamente, o que ele fazia. O réu respondeu que assistia, às vezes com a esposa, e a presidente achou aquilo uma difamação à memória da morta: "Alguém consegue imaginar Florence assistindo a essas fitas pornográficas?", exclamou, e ele, baixando a cabeça, sussurrou: "Não, eu sei. Mas ninguém tampouco imaginaria que eu assistisse".)

Ele quis fazer parte dessa trajetória reta e clara de vida, que parecia um atributo natural de Florence. Diz que desde os catorze anos pensava estar prometido a ela. Não havia nenhum obstáculo, mas não é certo que essa

escolha tenha sido recíproca de imediato. Em Lyon, Florence dividia um apartamento pequeno com duas moças, também estudantes de medicina. Segundo elas, na verdade Florence ficava incomodada com essa corte ao mesmo tempo insistente e tímida do primo do Jura, que agradava sobretudo a seus pais, e, mais ou menos encarregado por eles de vigiá-la, nunca deixava de ir esperá-la na estação de Perrache quando voltava de Annecy no domingo à noite. Ela tinha uma boa vida social, ele não conhecia ninguém, mas, de tanto fazer figuração, acabou sendo incorporado ao grupo de amigos dela. Ninguém via nenhum problema nisso, mas ninguém tampouco cogitava chamá-lo caso não estivesse presente. Nesse grupinho de pouca agitação, que fazia passeios nas montanhas e às vezes, aos sábados à noite, saía para dançar, ele desempenhava o papel do nerd, não muito engraçado mas gentil. Já Luc Ladmiral era um líder nato. Rapaz bonito, filho de uma antiga família de médicos de Lyon, seguro de si sem ser arrogante, católico sem fanatismo, com planos para o futuro mas decidido a aproveitar a juventude, ele se entendia perfeitamente bem com Florence, com todo o respeito. Jean-Claude lhe emprestava suas anotações de aula, eram tão organizadas que pareciam ter sido feitas para outras pessoas lerem. Luc gostava do jeito sério e da lealdade dele. Ao elogiá-lo, adorava mostrar a segurança de seu próprio julgamento, que ia além das aparências: onde os outros viam apenas um caipira tranquilo, meio maçante, ele enxergava uma pessoa dedicada que ainda iria longe e, mais do que isso, um homem firme e sem subterfúgios, digno de total confiança. Essa amizade foi muito importante para sua integração no grupo e talvez tenha exercido uma influência nos sentimentos de Florence.

As más-línguas dizem que ela cedeu pelo cansaço. Que se sentia tocada por ele, talvez enternecida, mas não apaixonada. Quem poderia dizer? Quem conhece o mistério dos casais? O que se sabe é que por dezessete anos eles comemoraram juntos o dia 1º de maio, que não era seu aniversário de

casamento mas o dia em que Jean-Claude teve coragem de dizer “eu te amo” para Florence e, depois dessa declaração, viveu com ela — e ela, muito provavelmente, com ele — suas primeiras experiências sexuais. Ele tinha 21 anos.

O sexo é uma das lacunas dessa história. Antes de Corinne, ele não teve nenhuma outra mulher além da esposa, segundo ele mesmo confessa, e talvez eu esteja enganado, mas não acredito que Florence tenha vivido aventuras amorosas depois do casamento. A qualidade da vida amorosa não está associada ao número de parceiros, e deve haver relações eróticas muito felizes entre pessoas que permanecem fiéis umas às outras durante toda a vida; no entanto, é difícil imaginar que Jean-Claude e Florence Romand tenham permanecido unidos por uma relação erótica muito feliz — se fosse o caso, a história deles talvez não tivesse sido esta. Quando, durante a fase de instrução, fizeram essa pergunta, ele se limitou a responder que, quanto a esse aspecto, era tudo “normal”, e, muito curiosamente, nenhuma das quatro duplas de psiquiatras que o examinaram tentou fazê-lo falar mais nem formular alguma hipótese a esse respeito. Já durante o julgamento, correu entre os veteranos da imprensa que cobriam o Judiciário um boato zombeteiro de que, no fundo, essa história tinha acontecido porque o réu não era bom de cama. A base para o boato não era apenas a impressão geral que ele provocava, mas também esta coincidência: cada vez que ele foi para a cama com uma mulher — Florence, na primavera de 1975; Corinne, na primavera de 1990 —, seguiu-se uma separação decretada pela mulher e um período depressivo da parte dele. Logo depois de ceder às suas invectivas, Corinne passou a ter um discursinho carinhoso e sensato, do tipo: vamos parar por aqui, valorizo demais a nossa amizade para correr o risco de estragá-la, estou dizendo, é melhor assim etc. Discurso que ele escutava como um garoto de castigo que alguém tenta consolar dizendo que

aquilo é para seu próprio bem. Da mesma maneira, quinze anos antes, depois de alguns dias daquilo que foi enfim uma relação, Florence usou como pretexto a necessidade de estudar para as provas, o risco de se distrair, para decidir que era melhor não saírem mais. Sim, era melhor assim.

Depois desse fora, ele reagiu da mesma maneira que na época do Lycée du Parc, com uma depressão silenciosa e um ato falho. Fosse porque o despertador não tocou ou porque não quis ouvi-lo tocar, ele acordou tarde demais para uma das provas finais do segundo ano do curso, e por isso a realização dessa prova foi adiada para a sessão de setembro. Não era uma catástrofe: faltavam apenas alguns pontos para ele ser aprovado. Ainda assim, o verão foi melancólico, pois, se Florence se mantinha firme na vontade de não sair mais com ele pelo bem dos estudos de ambos, ele sabia pelos amigos em comum que essa decisão inflexível não a impedia de sair em grupo, se divertir, e ele definhava ainda mais em Clairvaux. Então chegou o momento de voltar às aulas e a bifurcação começou a se abrir.

Entre a separação decretada por Florence e essa volta às aulas em setembro, pouco antes das férias de verão, ocorre um episódio que é um prenúncio. Numa boate estava o grupo de sempre, menos Florence, que já tinha voltado para casa, em Annecy. Em determinado momento, Jean-Claude disse que ia sair para buscar cigarros no carro. Só voltou muitas horas depois, e ninguém parece ter se preocupado com a ausência prolongada. A camisa estava em frangalhos, manchada de sangue, e ele estava alucinado. Contou para Luc e para os outros que havia sido agredido por desconhecidos. Sob a ameaça de uma arma, tinham-no obrigado a entrar no porta-malas de seu carro e a lhes entregar a chave. O carro deu partida. Ia em alta velocidade, e ele, no porta-malas, sendo levado para algum lugar, ferido pelos solavancos, aterrorizado. A sensação era de que iam para muito longe e que esses sujeitos, que ele nunca

tinha visto, que talvez o estivessem confundindo com outra pessoa, iam matá-lo. Do mesmo modo brutal e arbitrário como o jogaram no porta-malas, acabaram o tirando de lá, espancaram-no e o abandonaram no acostamento da estrada de Bourg-en-Bresse, a cinquenta quilômetros de Lyon. Deixaram o carro também, com o qual ele tinha voltado, do jeito que deu.

"Mas o que eles queriam com você, afinal de contas?", os amigos perguntaram, boquiabertos. Ele balançava a cabeça: "Pois é, não sei dizer. Não consigo entender. Estou me fazendo exatamente as mesmas perguntas que vocês". Era preciso avisar a polícia, prestar queixa. Ele disse que faria isso, mas os registros das delegacias de Lyon não guardam nenhum vestígio. Durante alguns dias perguntaram se ele tinha alguma novidade, aí chegaram as férias, cada um foi para seu lado, não se falou mais no assunto. Dezoito anos depois, procurando no passado do amigo alguma coisa que pudesse explicar a tragédia, Luc se lembrou dessa história. Contou-a ao juiz de instrução, que já a conhecia. Em uma de suas primeiras entrevistas com os psiquiatras, o réu a mencionara de um jeito totalmente espontâneo, como um exemplo de sua mitomania: assim como, quando era adolescente, inventara uma namorada chamada Claude, havia inventado essa agressão para que as pessoas se interessassem por ele. "Mas depois eu não sabia mais se era verdade ou mentira. Claro que não tenho nenhuma lembrança de uma agressão real, sei que ela não aconteceu, mas tampouco tenho lembrança da simulação, de ter destruído minha camisa ou ter me machucado. Se paro para pensar, digo para mim mesmo que com certeza fiz isso, mas não me lembro. E acabei acreditando que fui mesmo agredido."

O mais estranho nessa confissão é que nada o obrigava a fazê-la. Dezoito anos depois, a história era impossível de ser verificada. Já era impossível quando, ao voltar à boate, ele contara aos amigos. Além disso, ela não parava de pé, e é por isso, paradoxalmente, que ninguém cogitou duvidar dele. Um

mentiroso costuma se esforçar para soar plausível: não sendo plausível, aquilo que estava contando só podia ser verdade.

Quando eu estava no primeiro ano do ensino médio, muitos alunos começaram a fumar. Eu tinha catorze anos, era o mais novo da sala e, com medo de tirarem sarro de mim por imitar os mais velhos, bolei um plano. Eu pegava um cigarro do maço de Kent que minha mãe tinha comprado numa viagem e guardava em casa, para o caso de algum amigo que a visitasse querer fumar, escondia esse cigarro no bolso do meu paletó e quando, no café onde todos nos encontrávamos depois da aula, chegava o momento certo, enfiava a mão no bolso. Franzindo as sobrancelhas, com espanto, ficava observando esse objeto que tinha encontrado. Com uma voz que me parecia terrivelmente estridente, perguntava quem tinha colocado aquilo ali. Ninguém, por motivos óbvios, dizia ser o culpado, e ninguém de fato prestava muita atenção a esse incidente, que eu comentava sozinho. Eu tinha certeza de que não havia nenhum cigarro no meu bolso quando saí de casa: isso significava que alguém o tinha posto ali sem eu perceber. Ficava dizendo que não conseguia entender, como se isso bastasse para afastar a suspeita de que eu mesmo havia armado essa farsa para me tornar mais interessante. Bom, só que isso não me tornava mais interessante. Ninguém deixava de me ouvir, mas os mais condescendentes diziam "é mesmo, que esquisito" e a vida continuava. Já eu tinha a impressão de colocá-los diante de um daqueles dilemas que, embora irritantes, não tinham como não ficar na cabeça. Ou alguém tinha posto aquele cigarro no meu bolso, como eu estava fingindo ter acontecido, e a pergunta era então "por quê?", ou eu mesmo tinha feito isso e estava mentindo e a pergunta seria, portanto, a mesma: "por quê?", "com que objetivo?". Por fim eu dava de ombros com uma desenvoltura fingida e dizia que, bom, já que o cigarro estava ali, só me restava fumar. E fumava. Mas continuava surpreso e decepcionado

porque, aos olhos dos outros, nada de diferente tinha acontecido, apenas os gestos comuns de um fumante: pegar um cigarro e fumar, o que todos faziam e eu queria fazer mas não tinha coragem. Pode-se dizer que esse contorcionismo, com o qual eu queria ao mesmo tempo dizer que fumava e que, se fazia isso, era devido a circunstâncias bastante especiais, isto é, que não se tratava, da minha parte, de uma escolha que eu temia ser risível para os outros (o que ninguém cogitava), e sim uma obrigação associada a um mistério, pode-se dizer que esse teatrinho tinha passado despercebido por todo mundo. E consigo imaginar perfeitamente o espanto de Romand diante da maneira como seus amigos aceitaram a explicação inverossímil que ele deu. Ele saiu e voltou contando que uns caras tinham dado uma surra nele, e pronto, fim de papo.

No segundo dia, quando se abordaria o ponto de virada, tomei café da manhã com o dr. Abad. Ele tem minha idade, é um homem robusto, imperioso: um bloco de autoridade viril. Pensei que Romand devia morrer de medo dele, e ao mesmo tempo devia ser reconfortante pensar que era defendido pelo tipo de sujeito que, na escola, o teria coberto de porrada com prazer. Além disso, Abad empenhava muito tempo e energia em sua defesa, sem esperar que isso lhe rendesse um centavo: dizia fazer isso em memória das crianças mortas.

Ele estava agitado. Romand disse que, durante a noite, tivera um flash de memória e de repente se lembrara do verdadeiro motivo de não ter feito a prova. Perguntei qual era esse *verdadeiro motivo*. Abad só concordou em me dizer que, se fosse comprovado, decerto contaria a favor de seu cliente, mas que infelizmente era algo impossível de comprovar, ou melhor, que ele se recusava a dizer o nome de quem poderia comprovar. Por respeito, afirmava, em nome dos familiares de uma pessoa falecida e a quem ele queria muito bem.

"Está parecendo aquelas famílias humildes a quem ele ensinava a ler…"

"Você consegue imaginar o impacto disso?", suspirou Abad. "Eu disse para ele guardar isso para si. Aliás, ele ficou feliz em vê-lo no banco da imprensa. Mandou lembranças."

Não houve reviravolta alguma. Romand contou para a corte, ajuizadamente, a mesma história que tinha contado ao juiz de instrução: dois dias antes da prova, ele caiu na escada e fraturou o pulso direito. Foi assim, com esse

“acidente banal”, que tudo começou. Como não há nenhum vestígio e nenhuma testemunha pode dizer se ele estava com o pulso enfaixado em setembro de 1975, ele devia temer que desconfiassem que inventou o acidente, na época ou na fase de instrução, e insistiu muito no fato de que aconteceu *mesmo*. Então, como se, mais uma vez, a falta de coerência da história fosse garantia da veracidade dela, acrescentou que, no fim, isso não deveria ter mudado nada, porque ele podia ter pedido para ditar as respostas.

Na manhã da prova, os ponteiros do despertador marcaram sucessivamente a hora em que ele deveria ter se levantado, a hora do começo da prova, a hora do fim. Da cama, ele ficou olhando os ponteiros girarem. Depois de terminar as provas, os estudantes se reuniram na saída do anfiteatro e nas esplanadas dos cafés para conversar sobre como tinham se saído. No começo da tarde, seus pais telefonaram para lhe perguntar a mesma coisa, e ele respondeu que tinha ido bem. Ninguém mais telefonou.

Passaram-se três semanas entre o dia da prova e a divulgação dos resultados. Tudo estava em suspensão. Ele ainda podia confessar que tinha mentido. Claro, seria difícil. Devia ser custoso demais, para esse rapaz sério, reconhecer uma besteira dessas, tão infantil, uma besteira parecida com a de Antoine Doinel que, em *Os incompreendidos*, se livra de uma situação difícil na escola dizendo que a mãe tinha acabado de morrer e depois precisa lidar com as consequências inevitáveis dessa mentira. Isso era o pior: o fato de essas consequências serem inevitáveis. A menos que, por um milagre, sua mãe morra de fato nas 24 horas seguintes, a criança sabe muito bem, assim que as palavras-tabu são pronunciadas, o que vai acontecer: o estupor, a compaixão pesarosa, os detalhes que vai precisar contar e que vão enrolá-lo ainda mais, e em breve o momento hediondo em que a verdade virá à tona. Esse tipo de mentira escapole sem pensar. Assim que solta, você já se arrepende dela, quer

poder voltar no tempo um minuto que seja, anular a loucura que acabou de cometer. O mais desconcertante no caso de Romand é que ele cometeu essa loucura em duas etapas, como alguém que estivesse no computador e, por descuido, desse um comando para apagar um arquivo importante; o programa perguntaria se ele quer mesmo destruir esse arquivo e, depois de ponderar cuidadosamente os prós e os contras, ele confirmasse mesmo assim. Se a própria infantilidade da mentira fizesse dela algo inconfessável aos próprios pais, ainda havia a opção de dizer que tinha pegado dependência. Se não tivesse coragem de confessar um fracasso, podia dar uma desculpa esfarrapada — encontrar uma autoridade universitária a quem explicar o pulso quebrado, a crise de depressão, e negociar uma prova de recuperação. Do ponto de vista racional, qualquer coisa seria melhor do que o que ele fez: esperar o dia dos resultados e, nesse dia, anunciar que tinha passado, que tinha sido aprovado para o terceiro ano de medicina.

De um lado, abria-se o caminho normal, que seus amigos seguiam e para o qual, todo mundo confirma, ele tinha habilidades ligeiramente acima da média. Ele acabou de tropeçar nesse caminho, mas ainda dá tempo de se redimir, de alcançar os outros: ninguém percebeu. De outro lado, havia esse caminho tortuoso da mentira, que nem se podia dizer coberto de rosas no início, enquanto o outro seria lotado de espinhos e pedras, como nas alegorias. Não é preciso sequer avançar nele, ir até um retorno para ver que é um caminho sem saída. Não fazer as provas e fingir que foi aprovado não é um blefe arriscado que tem chance de dar certo, um tudo ou nada de quem faz uma aposta: a única coisa que pode acontecer é ser pego rapidamente e ser expulso da faculdade, sob o peso da vergonha e do ridículo, o que devia ser a coisa que mais lhe dava medo no mundo. Como ele poderia suspeitar que haveria algo pior do que ser desmascarado rapidamente — não ser

desmascarado — e que essa mentira infantil o levaria, dezoito anos depois, a massacrar seus pais, Florence e os filhos que ainda não tinha?

"Mas, no fim das contas", perguntou a presidente, "por quê?"

Ele encolheu os ombros.

"Eu me fiz essa pergunta todos os dias nos últimos vinte anos. Não tenho a resposta."

Um momento de silêncio.

"De todo modo, os resultados das provas são divulgados num quadro. Você tinha amigos. Ninguém reparou que seu nome não estava nas listas?"

"Não. Posso garantir que não fui até lá incluí-lo de próprio punho. Inclusive, as listas eram protegidas por vidros."

"É um mistério."

"Para mim também."

A presidente se inclinou na direção de um dos assessores, que sussurrou algo em seu ouvido. Então:

"Acreditamos que você não esteja respondendo de fato à pergunta."

Depois de anunciar o sucesso, ele se trancou no apartamento que os pais haviam comprado para ele, da mesma maneira como, depois do fracasso do Lycée du Parc, tinha se trancado no quarto da infância. Passou ali o primeiro trimestre, sem voltar para Clairvaux, sem ir à faculdade, sem ver os amigos. Se alguém por acaso batesse à sua porta ele não respondia, ficava quieto esperando a pessoa desistir. Escutava os passos se afastando no corredor. Ficava prostrado na cama, não fazia mais limpeza, se alimentava de conservas em lata. Os xerox das aulas espalhados pela mesa continuavam abertos nas mesmas páginas. Às vezes, a consciência a respeito do que tinha feito rompia o torpor onde se deixava ficar. O que poderia tê-lo tirado dessa? Um incêndio na faculdade que

reduzisse todas as provas a cinzas? Um terremoto que destruísse Lyon? Sua própria morte? Suspeito que ele se perguntasse por quê, por que tinha fodido com a própria vida. Pois estava convencido de que tinha mesmo se fodido. Não conseguia imaginar como continuar com essa impostura, aliás, nesse momento nem era impostura, ele não fingia ser um dos alunos, ele se retirou do mundo, se trancou em casa e esperava tudo acabar, como um criminoso que sabe muito bem que a polícia virá buscá-lo mais dia, menos dia, e poderia fugir, mudar de endereço, zarpar para outro país, mas não, ele prefere continuar ali sem fazer nada, relendo cinquenta vezes os mesmos jornais de um mês atrás, comendo feijão em lata frio, engordando vinte quilos, esperando o fim.

No grupinho de amigos, onde ele fazia figuração, as pessoas estavam um pouco surpresas, mas não iam além de menções vagas, que logo passaram a ser rotina: "Você tem visto o Jean-Claude?". Não, ninguém o tinha visto, nem nas aulas teóricas, nem nas práticas, ninguém sabia direito o que ele estava aprontando. Os mais bem informados diziam que ele estava na fossa. Florence deixava que falassem. E ele, em seu apartamento de persianas fechadas, onde pouco a pouco se transformava em um fantasma, devia ficar fantasiando essa indiferença com uma satisfação amarga. Talvez, como criança crescida que era, sentisse alguma volúpia diante da ideia de estar apodrecendo no fundo de sua toca, abandonado por todos.

Mas ele não foi abandonado por todos. Um pouco antes das férias de Natal, alguém tocou a campainha e insistiu até ele abrir. Não era Florence. Era Luc, com seu dinamismo irritante, aquela completa incapacidade de ver as coisas de alguma perspectiva além da sua, mas também com a preocupação em se mostrar um cara legal oferecendo carona para as pessoas, dando uma mãozinha para os amigos quando se mudavam e batendo em suas costas com uns tapas enérgicos quando estavam pra baixo. Era a pessoa certa para passar um sabão em Jean-Claude, fazê-lo sacudir a poeira e dizer que ele estava indo ladeira

abaixo — sem que sua paixão pelas expressões clichê surpreendesse o amigo, que também as apreciava. Na fase de instrução, ambos se lembraram do momento mais intenso dessa conversa. Estavam no carro de Luc, passando pelo cais do rio Saône, um dirigindo e explicando que é ao chegar no fundo do poço que se dá um impulso para voltar à superfície, o outro escutando com uma expressão abatida e desanimada, como se já tivesse passado para o outro lado. Talvez tenha sentido vontade de confessar tudo a Luc. Como ele teria reagido? Primeiro, com certeza dizendo algo como: "É, você fez uma bobagem das grandes!", depois, sempre positivo, procurando um jeito de consertar — e esse jeito existia, não era nem um pouco fora da realidade, mas pressupunha pedir perdão pelos erros cometidos. Luc lhe teria dito o que fazer, teria ajeitado tudo, talvez falasse em seu nome com o reitor da universidade. Teria sido simples recorrer a ele, como um bandidinho faz com seu advogado. Por outro lado, dizer a verdade era decair aos seus olhos e, pior, ter de encarar a falta de compreensão, as perguntas que o importunariam: "Mas, Jean-Claude, que loucura é essa? Será que você pode me explicar por que fez isso?". Não, justamente: ele não podia explicar. Ele não tinha vontade. Estava cansado demais.

No semáforo vermelho, Luc se virou para o amigo, procurando seu olhar. Tinha certeza de que o motivo da depressão era o rompimento com Florence (o que, de certa forma, era verdade) e acabava de argumentar que as mulheres são volúveis, que nada era definitivo. Então Jean-Claude disse a ele que estava com câncer.

Não foi premeditado, mas era uma fantasia que ele alimentava fazia dois meses. Um câncer consertaria tudo. Sua mentira estaria perdoada: quando você vai morrer, qual a importância de ter feito ou não as provas finais do segundo ano? Isso lhe teria rendido compaixão e admiração por parte de Florence e de

todos esses supostos amigos que, sem se dar conta, nem percebiam que ele existia. Assim que falou, sentiu o poder mágico da palavra. Tinha encontrado a solução.

O câncer que ele escolheu ter era um linfoma, ou seja, uma doença caprichosa, de evolução imprevisível, que era grave mas não necessariamente fatal e não impedia que a pessoa levasse uma vida normal durante anos. Na verdade, ela o *permitiu* levar uma vida normal, pois tomou o lugar da mentira para os outros e para si mesmo. Alguns ficaram sabendo que ele vivia com uma bomba-relógio que um dia o destruiria, mas que por enquanto estava dormente no fundo de suas células — já que ele logo falou em remissão e, depois disso, não se tocou mais no assunto. Acho que ele mesmo preferia retratar assim a ameaça que pesava sobre si e se convencer de que ela era iminente e ao mesmo tempo distante, de modo que, depois de um período de crise, quando se viu perdido, reduzido a aguardar uma catástrofe inevitável, passou a adotar o estado de espírito de um doente que sabe que essa catástrofe é inevitável, na verdade, que sabe que cada minuto pode ser o último da remissão da doença, mas que apesar disso decide viver, fazer planos, e assim, com sua coragem discreta, suscita a admiração de quem convive com ele. Para ele, revelar um linfoma em vez de uma impostura era o equivalente a traduzir uma realidade bastante singular e pessoal em palavras que os outros entenderiam. Ele preferiria ter um câncer pra valer em vez da mentira — pois a mentira era uma doença, etiologicamente falando, com riscos de metástase, com risco de vida —, mas quis o destino que ele pegasse a doença da mentira, e não era culpa sua que isso tivesse acontecido.

A vida voltou ao normal. Ele retornou à faculdade, reencontrou os amigos e principalmente Florence. Muito abalado pelo que tinha acabado de saber, Luc perguntara se ela estava sabendo e Jean-Claude respondeu com uma gravidade pudica que não queria que ela soubesse por nada neste mundo. “Você não vai

contar nada, certo? Prometa que não vai contar", ele chegou a acrescentar, adivinhando o que Luc, que prezava pela verdade, responderia: "Não posso prometer isso. Florence é uma garota bacana. Ela tem o direito de saber. Se ficar sabendo que eu sabia e escondi isso dela, vai me odiar até o fim da vida, e com razão…". Se foi uma estratégia, deu certo. As moças que moravam com Florence deram a entender que ela sentia carinho e afeto por Jean-Claude, mas que ele não a atraía fisicamente. Uma delas chegou a dizer que seu corpo suado lhe dava repugnância, que ela não gostava de ser tocada por ele nem de tocá-lo. Daí a pensar que ela voltaria para ele por achar que estava gravemente doente… De todo modo, ela voltou, e dois anos depois celebraram o noivado.

Nos autos do processo há um documento administrativo surpreendente: a correspondência que o estudante do segundo ano Jean-Claude Romand trocou com a UER/ Faculdade de Medicina Lyon-Nord, entre 1975 e 1986. Na ocasião das provas de admissão para o terceiro ano, ele por duas vezes enviou cartas alegando motivos de saúde para não estar presente. As cartas são acompanhadas de atestados médicos, assinados por profissionais diferentes que, sem dizer por quê, prescrevem a ele repouso de oito a quinze dias — o que, infelizmente, coincide com as provas. Em 1978 a mensagem é a mesma, mas o "atestado anexo" não está anexado. Por esse motivo ele recebe muitas cartas em torno do assunto, às quais responde fazendo referência ao famoso atestado, como se o tivesse enviado. Essa estratégia de se fazer de desentendido rende resultados: ele recebe o aviso de que não está autorizado a retomar as aulas em setembro. Mas ninguém especifica que está proibido de se rematricular no segundo ano, e é isso que ele fará regularmente até 1985. A cada outono, ele recebe da seção de matrículas uma nova carteirinha de estudante e, da seção de provas, a mesma carta, assinada pelo reitor da UER, que o proíbe de retomar as aulas em setembro. Foi apenas em novembro de 1986 que uma nova chefe da

seção quis saber se era possível proibir que esse sr. Romand não apenas retomasse as aulas (algo que ele não fazia) como também se rematriculasse. Responderam que isso não estava determinado no regulamento. Ela fez uma convocação ao estudante-fantasma, que não compareceu e, decerto alarmado por essa mudança de tom, não deu mais sinal de vida.

Quando mencionam esses anos de estudo, tanto a presidente quanto a acusação e a defesa se mostram igualmente estupefatas, e ele compartilha de sua estupefação. "Até eu me surpreendi que isso fosse possível", diz. Ele podia, no limite, tirar proveito da burocracia da administração, iludir-se com a ideia de que era apenas um número nos registros, com certeza não imaginava que por doze anos seguidos se matricularia no segundo ano de medicina. De todo modo, o alerta deveria ter aparecido muito antes, vindo daqueles para quem ele não era um número, e sim o amigo Jean-Claude, o noivo Jean-Claude. Bom, mas nada aconteceu. Ele assistia às aulas, frequentava a biblioteca da universidade. Na mesa do apartamento, tinha os mesmos livros e xerox que os outros alunos e continuava emprestando suas anotações a quem fosse menos diligente que ele. Para fingir que fazia medicina, despendia a mesma quantidade de zelo e energia que teria sido necessária para fazer o curso de fato. Quando reatou com Florence, costumavam virar noites estudando juntos, aplicando simulados um ao outro. Mas não faziam o mesmo curso, porque Florence tinha sido reprovada nas provas finais do segundo ano, aquelas em que ele supostamente passou, e, assim como as duas moças com quem dividia o apartamento, assim como seu amigo Jacques Cottin, ela se contentara em seguir o curso de farmácia. Ficou um pouco decepcionada, mas não fez nenhum drama: era melhor ser uma boa farmacêutica do que uma médica ruim, e Jean-Claude se tornaria um bom médico, talvez mais do que isso. Ele tinha ambição, era dedicado, seus amigos achavam que iria longe. Ela o

ajudava nas questões da residência e ele, nas do curso de farmácia. No fim, ele concluiu o ciclo completo dos estudos de medicina, só que não fazia as provas nem participava dos estágios nos hospitais. Para as provas, chegava a ir até o hall na hora da entrada e da saída, apostando na multidão e no estresse de cada um para não ser lembrado no meio-tempo. Para os estágios, os efetivos eram reduzidos, cada estudante era supervisionado pessoalmente pelo superior, era impossível entrar clandestinamente, mas, como se dispersavam em diversos hospitais da região de Lyon, ele podia fingir que estagiava num lugar diferente do colega com quem estivesse conversando. Imagine como um roteirista de comédia, nem tão criativo assim, poderia se aproveitar desse argumento, as situações em que o mentiroso inveterado se vê acuado entre duas pessoas para quem contou histórias diferentes. E, no entanto, nem ele nem nenhum de seus companheiros de faculdade se lembra de uma cena assim, e só nos resta nos conformarmos com o fato de que nunca aconteceu.

Os amigos começaram a se casar. Jean-Claude e Florence eram testemunhas muito requisitadas. Ninguém tinha dúvida de que logo seria a vez deles. Os pais de Florence faziam bastante pressão: adoravam o futuro genro. O casamento foi celebrado na casa deles, perto de Annecy, na presença de 150 convidados. No ano seguinte, Florence defendeu seu trabalho de conclusão em farmácia, com louvor concedido pela banca, e Jean-Claude passou no concurso de residência em Paris. Primeiro, foi encarregado de pesquisas no Instituto Nacional da Saúde e de Pesquisas Médicas (Inserm, na sigla em francês) de Lyon; depois foi transferido com o título de pesquisador-sênior para a OMS, em Genebra. Por isso saíram de Lyon e foram se instalar em Ferney-Voltaire. Luc Ladmiral tinha acabado de assumir o consultório do pai, e Jacques Cottin, uma farmácia, onde Florence poderia trabalhar por meio período. Estavam a uma hora de carro tanto de Annecy, para um lado, quanto de Clairvaux, para outro.

Havia as vantagens do campo, da montanha e de uma capital a poucos passos; um aeroporto internacional; uma sociedade progressista e cosmopolita. Por fim, era ideal para crianças.

Os amigos começaram a ter filhos. Jean-Claude e Florence eram padrinhos muito requisitados, e ninguém tinha dúvida de que logo seria a vez deles. Jean-Claude era louco pela afilhada Sophie, a primogênita de Luc e Cécile, que já estavam no segundo filho. Caroline nasceu em 14 de maio de 1985 e Antoine, em 2 de fevereiro de 1987. O pai trouxe presentes magníficos de seus chefes da OMS e do Inserm, que depois nunca se esqueceram de seus aniversários. Sem conhecê-los, Florence lhes escrevia cartas de agradecimento, que ele se encarregava de entregar.

A maioria dos álbuns de família dos Romand foi destruída no incêndio, mas conseguiram salvar algumas fotos, que se parecem com as nossas. Como eu, como Luc, como todos os jovens pais, Jean-Claude comprou uma câmera quando a filha nasceu e fotografou fervorosamente Caroline e depois Antoine bebês, suas mamadeiras, sua diversão no parquinho com brinquedos de madeira, seus primeiros passos, o sorriso de Florence debruçada sobre os filhos, e ela também o fotografava, todo orgulhoso com os filhos no colo, jogando-os para o alto, dando banho neles. Essas fotos têm um clima de deslumbre desajeitado, que devia comover a esposa e convencê-la de que, no fim das contas, tinha feito uma boa escolha ao amar esse homem que também os amava, a ela e a seus filhos.

Seus filhos.

Ele chamava Florence de Flô, Caroline de Carrô e Antoine de Titu. Usava muitos pronomes possessivos: minha Flô, minha Carrô, meu Titu. Também costumava dizer, naquele tom de brincadeira carinhosa que a seriedade dos pequenos nos inspira, sr. Titu. E então, sr. Titu, o senhor dormiu bem esta noite?

Ele diz: “O lado social era mentiroso, mas o lado afetivo era verdadeiro”. Diz que era um falso médico, mas um verdadeiro marido e um verdadeiro pai, que amava a esposa e os filhos do fundo de seu coração e que eles também o amavam. Quem os conhecia diz, até mesmo depois de tudo que aconteceu, que Antoine e Caroline eram felizes, seguros de si, equilibrados, ela um pouco tímida, ele a alegria da casa. Nas fotos da escola que fazem parte dos autos, vemos sua carinha rasgada por um sorriso largo sem alguns dentes de leite. Dizem que as crianças sabem de tudo sempre, que não dá para esconder nada delas, e sou o primeiro a acreditar nisso. Mas volto a olhar para essas fotos. Não sei dizer.

Eles tinham orgulho do pai doutor. “O doutor cuida dos doentes”, escreveu Caroline numa redação. Ele não cuidava, no sentido clássico do termo, não cuidava nem da família — todos, inclusive ele, frequentavam o consultório de Luc — e dizia nunca ter assinado uma receita em toda a sua vida. Mas, explicava Florence, inventava remédios que permitiam que os outros fossem cuidados, o que o tornava um superdoutor. Os adultos não sabiam muito mais do que isso. Quem o conhecia pouco diria, ao ser interrogado, que ele tinha um cargo importante na OMS e viajava muito; quem o conhecia bastante acrescentaria que suas pesquisas diziam respeito à arteriosclerose, que ele dava aulas na faculdade de Dijon, que tinha contato com políticos importantes, como Laurent Fabius — mas ele mesmo nunca falava disso e, se alguém mencionava essas relações lisonjeiras em sua presença, parecia ficar incomodado. Segundo a expressão de Florence, ele era “muito compartimentado”: separava as relações pessoais das profissionais de maneira rígida, nunca convidava os colegas da OMS para irem à sua casa, não aceitava que, em casa, o incomodassem com questões do trabalho, nem no escritório com questões domésticas ou de amizades. Além disso, ninguém tinha o

número do telefone de seu escritório, nem sequer a esposa, que entrava em contato por meio de um serviço de pager: ela deixava uma mensagem numa caixa postal, que o avisava com um bipe num aparelhinho que ele mantinha sempre junto de si, e ele rapidamente telefonava de volta. Nem ela nem ninguém achava isso estranho. Era uma característica da personalidade de Jean-Claude, seu lado introspectivo, do qual ela tirava sarro: "Um dia desses, vou descobrir que meu marido é um espião do Leste Europeu".

A família, incluindo os pais e sogros, eram o centro de sua vida, em torno da qual gravitava um pequeno círculo de amigos, os Ladmiral, os Cottin e alguns outros casais com quem Florence tinha afinidade. Como eles, essas pessoas estavam na casa dos trinta anos, tinham profissões e rendas semelhantes, filhos da mesma idade. Visitavam uns aos outros sem formalidades, jantavam fora juntos, iam ao cinema, principalmente em Genebra, às vezes em Lyon ou Lausanne. Os Ladmiral se lembram de ter assistido com os Romand os filmes *Vertigem azul*, *Papai Noel é um picareta* (cujo VHS compraram depois, e cujos diálogos sabiam de cor: "É isso mesmo…", diziam, imitando Thierry Lhermitte), balés de Béjart para os quais Jean-Claude conseguia ingressos por meio da OMS, os solos da humorista Valérie Lemercier, mas também *Na solidão dos campos de algodão*, peça de Bernard-Marie Koltès que Luc descreveria, em seu depoimento, como "um diálogo interminável entre duas pessoas que colhem algodão ao longo de suas vidas, do qual vários amigos que estavam conosco não entenderam nada". Já Jean-Claude tinha gostado, o que não surpreendeu os outros, para quem fazia o tipo intelectual. Ele lia muito e gostava de ensaios semifilosóficos escritos por grandes nomes da ciência, nos moldes de *O acaso e a necessidade*, de Jacques Monod. Dizia ser racionalista e agnóstico, ao mesmo tempo que respeitava a crença da esposa e até gostava que os filhos frequentassem uma escola religiosa: mais tarde, eles se sentiriam livres para escolher. Entre as pessoas que admirava, estavam Abbé Pierre e Bernard

Kouchner, Madre Teresa de Calcutá e Brigitte Bardot. Estava entre uma parcela importante dos franceses que pensava que, se Jesus retornasse entre nós, seria para trabalhar como médico de uma organização humanitária. Kouchner era seu amigo, Bardot lhe tinha autografado seu busto simbolizando a figura de Marianne. Solidário à luta pela defesa dos animais, era membro da fundação criada pela atriz, assim como da Sociedade Protetora dos Animais (SPA), do Greenpeace, do Handicap International, mas também do Clube Perspectivas e Realidades da comuna de Bellegarde, do golfe de Divonne-les-Bains, do Clube Automotivo Médico da França (ACMF), cujo emblema colou no para-brisa do carro. Os investigadores descobriram indícios de doações e contribuições para essas instituições, cujos boletins, insígnias e adesivos ele colecionava. Tinha também um carimbo, cartões de visita em nome do dr. Jean-Claude Romand, antigo residente dos hospitais de Paris, mas não aparecia em nenhum anuário profissional. No dia seguinte ao incêndio, bastaram alguns telefonemas para que essa fachada viesse abaixo. Ao longo da fase de instrução, o juiz se surpreendia o tempo todo com o fato de esses telefonemas não terem sido feitos antes — não por malícia nem desconfiança, apenas porque, mesmo quando alguém é "muito compartimentado", passar dez anos trabalhando sem nunca receber um telefonema da esposa ou dos amigos no escritório é coisa que não existe. É impossível pensar nessa história sem dizer a si mesmo que existe aí algum mistério e alguma explicação escondida. Mas o mistério é não existir explicação, e o fato de que, por mais inverossímil que pareça, foi assim que aconteceu.

De manhã, era ele quem levava os filhos à escola. Ia com eles até o pátio, trocava algumas palavras com os professores ou mães — que o davam como exemplo, para os maridos, de um pai tão chegado aos filhos — e pegava a estrada para Genebra. São dois quilômetros até o posto de fronteira que, duas

vezes por dia, alguns milhares de habitantes do Pays de Gex cruzam para ir trabalhar na Suíça. Como pessoas que costumam pegar o mesmo trem, eles têm horários regulares, cumprimentam um ao outro e aos policiais de fronteira, que sinalizam que podem passar sem fiscalização. Muitos são funcionários públicos de outros países e, ao chegar à cidade, em vez de virar à direita, em direção ao centro e à estação Cornavin, pegam a esquerda em direção ao jardim botânico e ao bairro residencial, onde ficam as sedes das organizações. Ele se misturava àquele fluxo, dirigia em baixa velocidade naquelas grandes avenidas arborizadas e tranquilas e geralmente parava o carro no estacionamento da OMS. Entrava com crachá de visitante, uma pasta na mão e circulava como se fosse de casa entre a biblioteca no térreo, as salas de conferência e o balcão de material impresso, onde pegava sistematicamente todo tipo de papelaria gratuita: seu carro e sua casa transbordavam de papelada com o cabeçalho ou o emblema da organização. Usufruía de todos os serviços oferecidos — o correio, onde postava sua correspondência; um banco, onde sacava dinheiro na maioria das vezes; uma agência de viagens, pela qual organizava as férias da família —, mas não se arriscava nos andares superiores, onde seguranças poderiam perguntar o que ele estava procurando. Será que ao menos uma vez, aproveitando um horário oportuno, ele visitou o escritório cuja janela marcara com uma cruz na foto que deu aos pais? Será que, com a testa colada no vidro, olhou a vista dessa janela? Será que se sentou no *seu* lugar, cruzou com o sujeito que estava indo ocupá-lo, telefonou para ele? Ele diz que não, que nunca sequer cogitou. A sogra lembra que, num domingo em que toda a família fora à Suíça, as crianças queriam ir visitar o escritório do papai, e o papai concordou em fazer isso na volta. Eles pararam no estacionamento, ele apontou a janela. E só.

No começo, ele ia todos os dias à OMS, depois passou a ir de maneira mais irregular. Em vez de pegar a estrada para Genebra, pegava a do Pays de Gex e

Divonne, ou a de Bellegarde, por onde seguia para entrar na rodovia e chegar a Lyon. Parava numa banca e comprava um monte de coisas: jornais do dia, revistas, periódicos científicos. Depois ia ler tudo, fosse num café — ele tomava o cuidado de trocar sempre de lugar e escolher aqueles que ficavam suficientemente longe de casa —, fosse no carro. Parava num estacionamento, num ponto de parada e descanso da rodovia, e ali passava horas lendo, tomando notas, cochilando. Almoçava um sanduíche e de tarde continuava a ler em outro café, em outro ponto de parada. Quando esse programa ficava monótono demais, passeava por alguma cidade: Bourg-en-Bresse, Bellegarde, Gex, Nantua, principalmente Lyon, onde ficavam suas livrarias preferidas, Fnac e Flammarion, na Place Bellecour. Outros dias sentia que precisava da natureza, de espaço, e ia para o Jura. Percorria a estrada cheia de curvas que leva ao passo de La Faucille, onde fica uma pousada chamada Le Grand Tétras. Florence e as crianças adoravam ir até lá aos domingos para esquiar e comer batata frita. Durante a semana, nunca tinha ninguém. Ele tomava uma taça de vinho, caminhava pelos bosques. Da trilha que passava pelos cumes se exibiam o Pays de Gex, o lago Léman e, quando o tempo estava aberto, os Alpes. Diante de si ele via a planície civilizada onde viviam o dr. Romand e seus pares, atrás de si via o território de vales e florestas escuras onde se desenrolou sua infância solitária. Às quintas-feiras, dia de sua aula em Dijon, ele visitava os pais, que ficavam felizes da vida em mostrar aos vizinhos que, mesmo sendo tão importante, tão ocupado, o filho sempre dava um jeito de passar para dar um beijo. O pai estava perdendo a visão, perto do fim estava quase cego e não podia mais ir à floresta sozinho. Ele o levava, guiando-o pelo braço, o ouvia falar das árvores e de seu tempo de cativeiro na Alemanha. Quando voltavam, liam as agendas nas quais Aimé, tendo sido correspondente de uma estação meteorológica, anotou todos os dias, por quarenta anos, as temperaturas mínimas e máximas, como quem faz um diário pessoal.

Por fim, ele tinha viagens a fazer: congressos, seminários, colóquios, em todo canto do mundo. Ele comprava um guia do país em questão, Florence arrumava sua mala. Ele saía com seu carro, que supostamente ficaria no estacionamento do aeroporto Genebra-Cointrin. Num quarto de hotel moderno, geralmente perto do aeroporto, ele tirava os sapatos, deitava-se na cama e ali ficava por três, quatro dias, assistindo TV e aos aviões que decolavam e aterrissavam do outro lado da janela. Estudava o guia para não falar besteira quando, na volta, fosse contar suas histórias. Telefonava todo dia para dizer que horas eram e como estava o clima em São Paulo ou em Tóquio. Perguntava se estava tudo bem na sua ausência. Dizia para a esposa, para os filhos, para os pais, que sentia saudade, que pensava neles, que mandava um beijo grande. Não telefonava para mais ninguém: para quem telefonaria? Depois de alguns dias, voltava para casa com presentes, que comprava numa loja do aeroporto. Faziam festa quando chegava. Ele estava cansado por causa do fuso horário.

Divonne é uma pequena estação termal que fica perto da fronteira com a Suíça e é conhecida sobretudo por seu cassino. Ambientei ali algumas páginas de um romance sobre uma mulher que levava uma vida dupla, tentando se afundar no mundo do jogo. Esse romance tinha a intenção de ser baseado em fatos reais, mas, porque não visitei todos os cassinos de que falava, escrevi que Divonne fica na margem do lago Léman, sendo que na verdade fica a uma dúzia de quilômetros de distância. Ali existe mesmo algo que se pode chamar de lago, mas não passa de uma porção pequena de água, diante da qual fica um estacionamento onde ele costumava parar o carro. Também parei o meu ali. É a lembrança mais nítida que guardo da minha primeira viagem aos locais onde ele viveu. Havia apenas outros dois carros, sem ninguém dentro. Estava ventando. Reli a carta que ele escreveu para me guiar, olhei a água, acompanhei pelo céu cinzento o voo de pássaros cujos nomes desconhecia — não sei

identificar nem pássaros, nem árvores, e acho isso triste. Fazia frio. Liguei o carro de novo para usar o aquecimento. O ar quente me entorpecia. Pensei no apartamento aonde vou todas as manhãs depois de deixar as crianças na escola. Esse apartamento existe, as pessoas podem ir até lá me visitar, me telefonar. Ali escrevo e ajusto roteiros, que costumam virar filmes. Mas sei bem o que é passar todos os dias sem ninguém ver: as horas que fico deitado olhando para o teto, o medo de não existir mais. Eu me perguntava o que ele sentia dentro do carro. Prazer? Uma alegria debochada diante da ideia de estar enganando tão magistralmente as pessoas que faziam parte do seu mundo? Eu tinha certeza de que não era isso. Angústia? Será que ele ficava pensando em como tudo aquilo terminaria, de que modo a verdade viria à tona e o que aconteceria então? Será que chorava, com a testa apoiada no volante? Ou não sentia absolutamente nada? Será que, ali sozinho, ele se tornava uma máquina que dirigia, caminhava, lia, sem pensar nem sentir nada de fato, um dr. Romand residual e anestesiado? Normalmente, uma mentira serve para acobertar uma verdade, algo que talvez provoque vergonha, mas é real. A mentira dele não acobertava nada. Sob o falso dr. Romand não havia um verdadeiro Jean-Claude Romand.

Eu me lembrei de um filme que, naquele momento, estava fazendo grande sucesso. Contava a história — uma lenda para momentos de crise — de um executivo que é demitido e não tem coragem de confessar para sua esposa e filhos. Ele achava que logo encontraria outro trabalho, e eis que se vê no fim do período de seguro-desemprego. Ele sai toda manhã, volta para casa toda noite, fingindo que foi e voltou do escritório. Passa os dias andando para lá e para cá, evitando o próprio bairro. Não conversa com ninguém, tem medo de cada pessoa com que cruza porque poderia ser um antigo colega, um amigo que perguntaria o que ele estava fazendo sentado num banco no meio da tarde… Mas um dia conhece uns sujeitos na mesma situação, gente que muito fala mas pouco faz, que passa sufoco, vive nas ruas. Descobre entre eles um mundo mais

duro porém mais caloroso e com mais vida do que aquele onde, no aconchego, vegetava antes de seu revés. Ele sai dessa experiência mais maduro e humano: o filme termina bem.

Ele me disse que assistiu a esse filme com Florence na TV e que gostou, não ficou perturbado. Sabia que sua própria história não poderia terminar bem. Nunca contou nem tentou contar seu segredo. Nem para a esposa, nem para o melhor amigo, nem para um desconhecido num banco, nem para uma prostituta, nem para nenhuma das boas almas que se dedicam a escutar e compreender: padre, psicoterapeuta, ouvido anônimo de um serviço de apoio emocional como o SOS Amitié. Em quinze anos de vida dupla, nunca se encontrou com ninguém, não conversou com pessoa alguma, não se misturou a nenhuma dessas sociedades paralelas como o mundo do jogo, das drogas ou da noite, onde poderia se sentir menos sozinho. Também nunca tentou trapacear fora de casa. Quando voltava para o cenário doméstico, as pessoas pensavam que ele vinha de outro cenário ou desempenhava outro papel, o de alguém importante que corre o mundo, encontra ministros, frequenta jantares oficiais cheios de pompa, papel que assumia ao sair de casa. Mas não havia outro cenário, outro público diante do qual desempenhar esse outro papel. Do lado de fora, ele estava nu. Voltava à ausência, ao vazio, ao nada, que não era um acidente de percurso, e sim a única experiência de sua vida. Ele nunca conheceu outra, acho, nem sequer antes da bifurcação.

Até o fim da faculdade foi sustentado pelos pais, que tinham comprado para ele um pequeno apartamento em Lyon, um carro e preferiam derrubar algumas árvores a ver o filho perder tempo fazendo baby-sitting ou dando aulas particulares para completar o dinheiro do mês. A hora da verdade deveria chegar quando, depois de terminar o curso de medicina e se casar, ele iniciou a vida profissional como pesquisador do Inserm. Nada aconteceu. Ele continuou a recorrer às contas bancárias dos pais, para o que tinha uma procuração. Considerava que eram seus os bens deles, e os pais o apoiavam, não se surpreendiam com essas punções regulares que ele realizava — esse filho que, no entanto, recebia um salário. Ao se mudar de Lyon para o Pays de Gex, vendeu o apartamento por 300 mil francos, que ficaram para ele. Quando já estava na OMS, disse ou deu a entender que sua posição de funcionário público internacional lhe dava direito a investimentos financeiros extremamente vantajosos, com uma taxa de 18%, de modo que poderia beneficiar sua família com isso. Patriotas e avessos a maracutaias, os Romand não eram o tipo de gente que depositava suas economias em bancos suíços, mas bastou que a ideia viesse do filho para que não vissem problema algum. Vendo o pé-de-meia diminuir a cada novo extrato bancário, em vez de se preocuparem eles abençoavam Jean-Claude, que, apesar dos inúmeros compromissos, administrava sua pequena carteira de aposentados. Essa confiança era compartilhada pelo tio Claude, que, além de sua oficina, tinha participação na

sociedade florestal administrada pelo irmão e também confiou ao sobrinho algumas dezenas de milhares de francos, convencido de que, se não tocasse no dinheiro, renderia um valor dez vezes maior.

Foi disso que ele viveu nos primeiros anos de casado. Florence declarava ao fisco a renda muito modesta que recebia cobrindo folgas nas farmácias da região e ele declarava o total de zero franco, pois, por trabalhar na Suíça, dizia não ter impostos a pagar. Depois que ela assinava, ele acrescentava à declaração conjunta sua profissão, estudante, e enviava uma cópia de sua carteirinha. O carro deles era um Volvo velho, eles passavam as férias na casa dos pais, às vezes dez dias na Espanha ou na Itália. O apartamento de um quarto, cinquenta metros quadrados, 2 mil francos por mês, funcionava bem para um jovem casal, um pouco menos para um jovem casal com um filho e não mais para uma família de quatro pessoas, à qual se somava, além disso, a mãe de Florence, que passava algumas semanas lá de visita. Para os amigos, isso virou motivo de piada. Um por um, eles foram comprando ou construindo a própria casa, enquanto os Romand insistiam em acampar em sofás-camas como se ainda fossem estudantes. "Você ganha quanto?", perguntou Luc um dia. "Trinta, quarenta paus por mês, mais ou menos?" (Lançou o número como se fosse óbvio, Jean-Claude assentiu com a cabeça, confirmando.) "Ainda assim, você podia viver melhor. Senão vamos acabar achando que você é mão de vaca, ou que a tua amante rapa todo o teu dinheiro!" Todo mundo riu, Florence foi a primeira, e ele se exasperou, resmungando que não sabia se ficariam muito tempo na região, que havia a possibilidade de ir trabalhar no exterior e seria um transtorno fazer duas mudanças seguidas. Também dizia que ficava nauseado com o rio de dinheiro fácil que corria no Pays de Gex: não queria entrar nessa onda, criar os filhos com esses valores; fazia questão de viver de um jeito mais modesto. As duas explicações, preguiça e virtude, não eram contraditórias, pelo contrário, elas se somavam para criar a imagem de um

homem sábio, desapegado das coisas materiais. A pergunta que todos se faziam é se Florence também era assim. Na verdade, apesar de ter gostos simples e confiar no marido, ela passou a achar, com o tempo, que as observações dos amigos faziam sentido e começou a pressionar para procurarem um lugar maior. Ele fugia do assunto, postergava, não tinha tempo de pensar nisso. Já estava passando aperto para pagar as contas diárias.

No ano em que Antoine nasceu, o pai de Florence se aposentou na empresa de óculos onde trabalhava, em Annecy. Foi uma demissão por corte de gastos disfarçada, que lhe rendeu um bônus de 400 mil francos. É pouco provável que Jean-Claude tenha se oferecido diretamente para investir o dinheiro: ele deve ter falado com Florence, que deve ter falado com a mãe, que deve ter falado com o marido, de modo que ele se viu na confortável posição de alguém a quem pedem algo, e não que pede por si mesmo. Aceitou fazer esse favor ao sogro e investir para ele 378 mil francos no UOB, banco de Genebra cuja sede fica no Quai des Bergues. Esse montante foi obviamente depositado numa conta com o nome dele, pois era apenas seu cargo que lhe permitia fazer tal investimento. O nome de Pierre Crolet não aparecia em documento nenhum. De modo geral, nem os Crolet, nem os Romand, seus principais acionistas, nunca viram nenhum documento bancário que atestasse o depósito do capital ou o rendimento de juros. Mas a única coisa do mundo mais confiável que um banco suíço era um banco suíço ao qual se foi apresentado por Jean-Claude Romand. Eles pensavam que o dinheiro estava rendendo tranquilamente no Quai des Bergues e não tinham nenhuma intenção de interromper esse rendimento. Ao menos era com o que ele contava, até o dia em que o sogro disse que queria comprar uma Mercedes e por isso precisava retirar uma parte do capital. A esposa tinha tudo de que precisava, os filhos voavam com as próprias asas, por que se privar desse prazer?

Algumas semanas depois, em 23 de outubro de 1988, Pierre Crolet caiu de uma escada em casa, onde estava apenas com o genro, e morreu no hospital sem recuperar a consciência.

Depois da tragédia, foram solicitadas diligências complementares a pedido da família Crolet. Obviamente, não deram em nada. No julgamento, o promotor sustentou que não podia deixar de expor aquela dúvida terrível com que os Crolet — que não precisavam de mais essa — continuavam a viver. Abad se levantou, acusando a acusação de sair dos autos para incriminar seu cliente, que também não precisava de mais essa. No fim, antes de a corte se retirar para deliberação, Romand fez questão de dizer à família Crolet, tomando Deus como testemunha, que não tinha relação nenhuma com aquela morte. Acrescentou que, para ele, não havia perdão para pecados não confessados. A não ser que ele confesse algo posteriormente, nunca se saberá mais nada, e não tenho hipótese para essa questão. Gostaria apenas de acrescentar que, em um dos primeiros interrogatórios, ele respondeu ao juiz: "Se eu o tivesse matado, eu diria. Um a mais, um a menos, que diferença faria?".

Ao dizer simplesmente que não, ele não matou o sogro, ele se beneficia da presunção de inocência. Ao jurar diante de Deus, ele introduz uma dimensão que pode ou não convencer, a depender da sensibilidade de cada um. Mas dizer que um morto a mais não faria diferença e que confessaria se o tivesse matado é ignorar ou fingir ignorar a diferença enorme entre crimes monstruosos mas irracionais e um crime sórdido. É verdade que, em termos penais, isso não muda muita coisa, já que a pena de morte não existe mais. Mas em termos morais — ou, se preferirmos, para a imagem que ele quer passar de si e que é importante para ele — existe muita diferença entre ser o protagonista de uma tragédia em que, por uma fatalidade obscura, é levado a cometer atos que

provocam terror e pena e um trambiqueiro de pouca monta que, por garantia, escolhe fazer de trouxa pessoas idosas e crédulas da própria família e que, para assegurar sua impunidade, empurra o sogro escada abaixo. Bem, se esse crime não está provado, o restante segue sendo verdade: Romand *também* é esse trambiqueiro de pouca monta, e para ele é mais difícil confessar isso, que é sórdido e vergonhoso, do que os crimes que, por sua atrocidade, lhe conferem uma estatura trágica. De certo modo, uma coisa serviu para esconder a outra, sem de fato conseguir.

Outra história constrangedora ocorreu mais ou menos ao mesmo tempo. A irmã de Pierre Crolet, ou seja, a tia de Florence, tinha um marido com um câncer incurável. Ela depôs no julgamento. Segundo sua versão dos fatos, Jean-Claude teria um dia falado a respeito de um fármaco que estava desenvolvendo com seu chefe da OMS à base de células frescas de embriões, coletadas numa clínica onde se realizavam abortos. Esse medicamento poderia interromper, talvez reverter o processo mórbido; infelizmente, ainda não era comercializado, de modo que havia grandes chances de o tio morrer antes que o remédio pudesse curá-lo. Colocando a tia contra a parede, ele teria explicado que talvez conseguisse arranjar uma ou duas doses, mas que naquele estágio da pesquisa a fabricação custaria caro: 15 mil francos por cápsula, e seriam necessárias duas cápsulas para começar o tratamento. Acabaram aceitando mesmo assim. Alguns meses mais tarde, depois que o tio passou por uma intervenção cirúrgica grave, mais uma dose dupla foi necessária, o que elevava o valor da cura a 60 mil francos, em dinheiro vivo. De início o doente se recusou a usar uma parcela da poupança que juntara para a viúva em nome de um resultado tão incerto, mas depois acabou cedendo. Morreu no ano seguinte.

Confrontado com esse depoimento avassalador — que, coisa rara nesse julgamento, vinha de uma pessoa que ainda estava viva, fisicamente presente e capaz de contradizê-lo —, Romand respondeu, numa perturbação crescente: 1)

que a ideia do tratamento não tinha sido sua, mas de Florence, que ouvira falar do assunto (onde? Por quem?); 2) que ele não o apresentou como um tratamento milagroso, mas como um placebo que, se não fizesse bem, mal não faria (então por que custava tão caro?); 3) que nunca afirmou estar associado ao desenvolvimento do fármaco, nunca invocou a autoridade de seu chefe na OMS e que, além disso, uma mulher tão bem informada quanto Florence não teria acreditado nem por um segundo que um cientista de alto escalão faria negócios escusos oferecendo material de uma pesquisa em andamento sobre câncer (essa mulher bem informada acreditou em coisas ainda mais inacreditáveis); 4) que foi apenas um intermediário entre ela e um pesquisador que encontrava na estação de Cornavin, a quem entregava o dinheiro em troca de cápsulas — e, quando lhe perguntam informações detalhadas sobre esse pesquisador, diz que não lembra seu nome, que deve ter anotado na agenda da época mas infelizmente se perdeu no incêndio. Diante da evidência, ele se defendeu como aquele homem que pegou um caldeirão emprestado, numa história que Freud adorava: o dono do caldeirão o acusa de ter devolvido o caldeirão com um furo e ele argumenta que, em primeiro lugar, o caldeirão não estava furado quando o devolveu, depois que já estava furado quando pegou emprestado, e por fim que nunca pegou um caldeirão emprestado de ninguém.

O que é certo é que a morte do sogro foi providencial. Para começar, não se falaria mais em mexer no dinheiro depositado na Suíça. Depois, a sra. Crolet decidiu vender a casa, que ficou grande demais só para ela, e confiou a ele o produto dessa venda, que atingia o valor de 1,3 milhão de francos. Nos meses que se seguiram ao acidente, ele se revelou de um amparo admirável para a família, que a partir de então passou a considerá-lo seu chefe. Ele tinha apenas 34 anos, mas sua maturidade tranquila e ponderada o havia preparado para esse momento em que você deixa de ser filho e se torna pai, e pai não só dos

próprios filhos mas também dos próprios pais, que vão passando lentamente para a última infância. Ele desempenhava esse papel para os pais e agora para a sogra, a quem o luto tinha mergulhado na depressão. Florence também estava muito abalada. Com a esperança de distraí-la, ele decidiu que se mudariam do apartamento minúsculo e alugariam outro em Prévessin, bem perto de Ferney, uma casa de pedra reformada que estava mais de acordo com o status social deles e que ela teria prazer em decorar.

As coisas aceleraram. Ele se apaixonou.

Rémi Hourtin era psiquiatra, e sua esposa, Corinne, psicóloga infantil. Tinham aberto um consultório juntos em Genebra e alugado um apartamento em cima do apartamento dos Ladmiral, que os incluíram em seu grupo de amigos. No início, eles os acharam divertidos, cheios de vida, um pouco exibidos. Bonita, provavelmente pouco segura de si, mas de todo modo querendo seduzir, Corinne expressava admirações ingênuas ou desprezo cruel de acordo com o que as revistas femininas determinavam que era chique ou provinciano. Rémi gostava de bons restaurantes, de charutos e licor digestivo ao fim das refeições, de comentários maliciosos, gostava da vida boa. Os Ladmiral tiveram e ainda têm por esse colega animado uma amizade condescendente, que as pessoas ordeiras nutrem pelos boêmios que se aferram lealmente a esse papel. Romand devia invejar e talvez odiar em segredo sua lábia, o sucesso que fazia com as mulheres, sua maneira descompromissada de viver, sem grandes remorsos.

Logo perceberam que aquele casamento ia mal das pernas e que cada um tomava suas liberdades, malvistas no Pays de Gex. Pairava em torno deles um aroma de libertinagem que chocava. Luc, um sujeito bonito e nada indiferente ao charme de Corinne, soube se conter a tempo, mas essa aventura abortada, e outras que provavelmente foram adiante, renderam à jovem uma reputação de devoradora de homens, que roubava o marido das outras. Quando ela deixou Rémi para ir morar em Paris com as duas filhas pequenas, o grupo de amigos tomou partido do marido abandonado. Apenas Florence Romand observou

que Rémi devia ter traído bastante a esposa, tanto quanto ela o traíra, que se eles tinham errado o problema era deles e que ela, Florence, por nunca ter sido afetada pessoalmente por nada disso, não queria julgar nenhum dos dois, continuava amiga de ambos. Costumava telefonar para Corinne e, quando Jean-Claude e ela foram passar uns dias em Paris, jantaram juntos. Os Romand visitaram o apartamento que ela encontrou perto da igreja de Auteuil, mostraram as fotos da casa para onde iam se mudar. Corinne ficou comovida com a gentileza e fidelidade deles. Ao mesmo tempo, aquela moça grande e esportiva e seu marido do tipo ursão de pelúcia faziam parte de uma página virada, ela havia desencanado do interior, seus mexericos, seus pequenos conchavos, estava na luta para conseguir viver com as filhas em Paris: eles não tinham muito assunto. Ficou muito surpresa, três semanas depois, ao receber um buquê de flores vistoso com um cartão de Jean-Claude, dizendo que estava em Paris para uma conferência e adoraria convidá-la naquela mesma noite para jantar. Ele estava no Royal Monceau. Esse detalhe também surpreendeu Corinne, e positivamente: jamais imaginaria que aquele homem se hospedaria num hotel quatro estrelas. Ele continuou a surpreendê-la, primeiro ao levá-la a um restaurante requintado, não numa brasserie qualquer, depois ao contar, ele mesmo, sobre sua carreira, suas pesquisas. Ela sabia que ele era muito discreto em relação a esse assunto — era uma característica sua tão proverbial quanto as brincadeiras de Rémi —, mas, por enxergar nele apenas um cientista sério e meio sem graça, um entre os tantos que havia no Pays de Gex, ela nunca tinha tentado transgredir essa discrição. De repente, descobria outro homem: um pesquisador de envergadura e renome internacional, que era próximo de Bernard Kouchner e em breve assumiria a direção do Inserm — ele mencionou o assunto por alto, ao explicar que estava em dúvida por causa da maior carga de trabalho que isso acarretaria. O contraste entre essa nova realidade e a imagem opaca que até então tinha dele o tornava ainda mais simpático. É fato

conhecido que os homens mais notáveis são também os mais modestos, os que menos se importam com a opinião que as pessoas têm deles. Era a primeira vez que Corinne, que conhecia sobretudo homens sedutores, bons vivants como seu marido, se relacionava com um desses tipos notáveis, sábios austeros ou artistas atormentados que, até então, ela havia admirado a distância, como se vivessem apenas nas páginas de cultura dos jornais.

Ele voltou, convidou-a de novo para jantar, falou de novo sobre suas pesquisas e congressos. Mas, da segunda vez, antes de ir embora ele falou que tinha algo um pouco delicado para dizer: ele a amava.

Acostumada com o desejo dos homens, Corinne se sentia lisonjeada que ele a escolhesse para ser sua amiga, sem segundas intenções de que fosse uma amante: isso queria dizer que ele se interessava mesmo por ela. Ao saber que havia se enganado, primeiro ficou boquiaberta — apesar de toda a sua experiência, não percebeu os sinais —, depois decepcionada — ele era igual aos outros —, um pouco enojada — ele não a atraía fisicamente de modo algum — e, por fim, comovida com o tom de súplica que havia na confissão desse desejo. Não teve nenhuma dificuldade em dispensá-lo com delicadeza.

No dia seguinte, ele telefonou para se desculpar por aquela declaração intempestiva e, antes de ela voltar do trabalho, deixou em sua casa um pacote com um anel de ouro amarelo com uma esmeralda rodeada de pequenos diamantes (19,2 mil francos na joalheria Victoroff). Ela ligou para dizer que aquilo era uma loucura, jamais aceitaria um presente daqueles. Ele insistiu. Ela ficou com o anel.

Naquela primavera, ele passou a ir uma vez por semana a Paris. Chegava de Genebra no voo de 12h15, hospedava-se no Royal Monceau ou no Concorde La Fayette e, à noite, convidava Corinne para jantar num bom restaurante. Justificava as viagens com uma experiência importante que estava em curso no

Instituto Pasteur. A desculpa também servia para Florence. Mentindo para as duas, ele podia contar a mesma mentira.

Esses jantares semanais com Corinne se tornaram o grande projeto de sua vida. Era como uma fonte d'água que brotava no deserto, algo inesperado e milagroso. Ele só pensava nisso, no que ia falar para ela, no que ela responderia. As frases que por tanto tempo ficavam girando em sua mente eram agora dirigidas a alguém, enfim. Antes, quando saía de casa com seu carro, ele sabia que, até voltar, passaria um longo período de tempo vazio e morto, em que não falaria com ninguém, não existiria para ninguém. Agora, esse tempo era o que vinha antes e depois do momento de encontrar Corinne. Era um intervalo que o separava e o aproximava dela. Ele estava cheio de vida, pleno de expectativa, inquietação e esperança. Ao chegar ao hotel, sabia que ia telefonar para ela, marcar um encontro para a mesma noite, enviar-lhe flores. Ao se barbear na frente do espelho no luxuoso banheiro do Royal Monceau, via o rosto que ela ia ver.

Ele conheceu Corinne no mundo compartilhado com os outros, mas, por um lance audacioso, ao convidá-la para sair e estabelecer esses encontros frequentes, ele a havia introduzido num outro mundo, o mundo onde estivera sempre sozinho, onde pela primeira vez não estava mais, onde pela primeira vez existia aos olhos de alguém. Mas ainda era o único a saber disso. Ele se imaginava como o monstro infeliz de *A Bela e a Fera*, com esta sofisticação a mais: Bela não suspeitava de que jantava com ele num castelo onde ninguém antes dela havia estado. Acreditava estar diante de um habitante normal do mundo normal, ao qual parecia estar integrado de modo notável, e não podia imaginar, nem mesmo sendo psicóloga, que fosse possível ser tão radical e secretamente estrangeiro a esse mundo.

Será que ele chegou perto de lhe contar a verdade? Longe dela, alimentava a esperança de que as palavras de uma confissão, na noite seguinte, ou numa outra noite, acabariam por sair. E que ficaria tudo bem, isto é, que um determinado encadeamento de confidências, um determinado entendimento misterioso entre eles permitiria que tais palavras fossem ditas. Passava horas repetindo as primeiras palavras. Talvez pudesse contar uma história estranha, como se tivesse acontecido com outra pessoa: um personagem complexo e atormentado, um caso para a psicologia, um protagonista de romance. Ao longo das frases, sua voz ficaria cada vez mais grave (tinha medo de que, na verdade, ficasse cada vez mais aguda). A história envolveria Corinne, a embalaria com seu clima comovente. Senhor de si até aquele momento, dominando com virtuosismo todas as situações, o mentiroso inveterado se tornava humano, frágil. A fraqueza da couraça se revelava. Ele havia conhecido uma mulher. Ele a amava. Ele não tinha coragem de contar a verdade, preferiria morrer a decepcioná-la, preferiria morrer a continuar mentindo para ela. Corinne o olhava intensamente. Tomava sua mão. Lágrimas corriam pelas faces de ambos. Subiam em silêncio para o quarto, estavam nus, transavam e ao mesmo tempo choravam, os dois, e esse choro compartilhado tinha um gosto de libertação. De agora em diante ele podia morrer, não importava mais, nada mais importava, ele tinha sido perdoado, tinha sido salvo.

Esses devaneios preenchiam sua solidão. De dia, no carro, de noite, perto de Florence adormecida, criava uma Corinne que o compreendia, o perdoava, o consolava. Mas sabia muito bem que, ao ficar diante dela, as coisas podiam não caminhar desse jeito. Para emocioná-la e impressioná-la, seria preciso que a história fosse diferente, que se parecesse com aquilo que, três anos depois, os investigadores iriam imaginar. Falso médico, mas verdadeiro espião, verdadeiro traficante de armas, verdadeiro terrorista, talvez isso pudesse seduzi-la. Apenas um falso médico, enroscado no medo e na rotina, dando golpes em

aposentados com câncer, ele não teria chance alguma, e a culpa não era de Corinne. Ela talvez fosse superficial e cheia de preconceitos, mas, mesmo que não fosse, mulher alguma aceitaria beijar essa Fera, que nunca se transformaria em príncipe encantado. Mulher alguma poderia amar o que ele era na realidade. Ele se perguntava se existia alguma verdade mais inconfessável no mundo, se outros homens tinham tanta vergonha assim de si mesmos. Talvez alguns pervertidos sexuais, os que na prisão são chamados de Jack, e que os outros criminosos desprezam e maltratam.

Como ele trabalhava e viajava muito, Florence cuidava sozinha da mudança para Prévessin. Organizou tudo, decorou com seu estilo aconchegante e nada pretensioso — estantes de madeira branca, poltronas de vime, edredons de cores alegres — e pendurou um balanço para as crianças no jardim. Até então um simples observador, ele assinava os cheques sem sequer ouvir as explicações. Comprou uma Range Rover. Ela não suspeitava nem que o dinheiro vinha da venda da casa de sua mãe, nem que ele o gastava, em Paris, com ainda mais prodigalidade. As pessoas ficaram surpresas com o que estava acontecendo, mas, mesmo que tivessem uma conta conjunta, parece que ela nunca bateu o olho nos extratos bancários.

Quanto aos Ladmiral, estavam construindo a alguns quilômetros dali, no meio do campo. Eles viviam no meio da obra, metade na casa antiga, metade na nova. Cécile, que estava grávida de novo, precisava ficar de cama. Luc se lembra de uma visita inesperada de Jean-Claude no começo do verão. Os pedreiros tinham acabado de ir embora, depois de concretar a laje da sacada. Os dois beberam uma cerveja no jardim cheio de entulho. Luc estava com a cabeça nas preocupações de um homem que lida com um empreiteiro. Vistoriava a obra falando de atrasos, orçamento estourado, a posição da churrasqueira. Esses assuntos entediavam Jean-Claude, visivelmente. As

circunstâncias da mudança que ele mesmo estava fazendo, assunto que Luc se viu obrigado a abordar, para não falar só de si, não o interessavam muito mais, tampouco os oito dias de férias que acabara de passar na Grécia com Florence e as crianças. Ele respondia de um jeito evasivo, sorria com um ar distante, vago, como se estivesse mergulhado num devaneio interno infinitas vezes mais interessante. Luc percebeu de repente que ele havia emagrecido, rejuvenescido, que, em vez do paletó de tweed e da calça de veludo cotelê que costumava usar, vestia um terno bem cortado, que claramente tinha custado caro. Desconfiou de leve daquilo que, se estivesse lá, Cécile sacaria só de olhar para ele. Como se para confirmar essa suspeita, Jean-Claude acabou soltando que não excluía a possibilidade de ir morar em Paris em breve. Por motivos profissionais, claro. Luc ressaltou que ele tinha acabado de se mudar para Prévessin. Claro, claro, mas isso não impediria que ele alugasse um apartamento funcional e voltasse para casa aos finais de semana. Luc encolheu os ombros. "Espero que você não esteja fazendo besteira."

Numa noite da semana seguinte, já tarde, Jean-Claude lhe telefonou do aeroporto de Genebra, a voz sufocada. Estava se sentindo muito mal, com medo de estar tendo um infarto, mas não queria ir ao hospital. Conseguia dirigir, iria até lá. Meia hora depois, lívido, muito agitado, com a respiração pesada e sibilante, Jean-Claude empurrou a porta da casa de Luc, que ele deixara entreaberta para não acordar todo mundo. Luc o examinou e o diagnosticou apenas com uma crise de ansiedade. Eles se sentaram um de frente para o outro, como velhos amigos que eram, na sala, à meia-luz. A noite estava tranquila, Cécile e as crianças dormiam no andar de cima. "Então, vamos lá", disse Luc, "o que é que está acontecendo?"

Se, como Jean-Claude contou, estava prestes a dizer toda a verdade naquela noite, a primeira reação de seu confidente o fez recuar. Para começar, essa história de amante o enfureceu. E ainda por cima Corinne, o que o deixou

indignado. Ele nunca tivera uma opinião muito favorável sobre ela, aquilo que acabava de saber confirmava suas suspeitas. Mas Jean-Claude! Jean-Claude! Jean-Claude, trair Florence! O mundo vinha abaixo. De uma maneira bem pouco lisonjeira, considerava óbvia essa distribuição de papéis em que ele era um sujeito bacana, sem muita experiência nos assuntos do amor, e ela, a sereia que, por pura malícia, para reafirmar seu poder e destruir uma família que invejava, o apanhava em sua rede. Era isto que acontecia quando você não fazia merda aos vinte anos: quase aos quarenta, se descobria no meio de uma crise de adolescente. Jean-Claude tentava objetar, parecer orgulhoso e não constrangido pela aventura, interpretar aos olhos de Luc o papel daquele sedutor dr. Romand cujo reflexo flutuava nos espelhos do Royal Monceau. Perda de tempo. Luc o fez prometer, no fim, que romperia com Corinne o mais rápido possível e, depois, contaria tudo a Florence, pois o silêncio é o maior inimigo dos casais. Por outro lado, uma crise superada em conjunto poderia se revelar a melhor aliada. Se não fizesse isso, ou demorasse a fazer, seria ele, Luc, quem contaria para Florence, pelo bem de ambos.

Luc não precisou demonstrar sua devoção denunciando o amigo à esposa. Em meados de agosto, Jean-Claude e Corinne passaram três dias juntos em Roma. Ele insistiu para ela aceitar fazer a viagem, que para ela foi um pesadelo. Suas versões, igualmente elípticas, convergiam neste ponto: no último dia, ela disse que não o amava porque o achava triste demais. “Triste demais” foram as palavras que ambos usaram. Ele chorou, implorou, como havia feito quinze anos antes com Florence, e, como Florence, ela foi gentil. Por fim terminaram, prometendo que continuariam amigos.

Ele foi encontrar a família, que estava passando as férias em Clairvaux. Numa manhã bem cedo, saiu de carro pela floresta de Saint-Maurice. O pai, que antigamente a administrava, lhe mostrara um abismo de onde uma queda seria fatal. Ele diz que quis se jogar dali, que se jogou mas foi retido por galhos,

que arranharam seu rosto e rasgaram suas roupas. Não conseguiu morrer, mas também não sabe dizer como saiu vivo. Foi até Lyon, pegou um quarto de hotel e telefonou para Florence, dizendo que tinha acabado de sofrer um acidente na rodovia entre Genebra e Lausanne. Fora lançado para fora do carro, uma Mercedes da OMS que estava completamente destruída. Havia sido levado de helicóptero para o hospital de Lausanne, de onde estava falando. Desesperada, Florence quis correr até lá e, igualmente desesperado, ele começou a suavizar a situação. Voltou para casa em Prévessin na mesma noite, dirigindo o próprio carro. Os arranhões provocados pelos espinheiros evocavam apenas muito remotamente um acidente de trânsito, mas Florence estava perturbada demais para prestar atenção nisso. Ele se atirou na cama de atravessado, chorando. Ela o abraçou para consolá-lo, perguntava baixinho o que estava acontecendo, por que ele sofria tanto. Tinha mesmo notado que alguma coisa não andava bem nos últimos tempos. Ainda chorando, ele explicou que perdeu o controle do carro porque havia passado por um choque terrível. Seu chefe da OMS acabara de morrer de um câncer que o consumia há anos. Durante o verão, as metástases se multiplicaram, ele sabia que não tinha mais nenhuma esperança, mas vê-lo morto… Continuou a soluçar a noite toda. Florence, muito comovida, estava ao mesmo tempo surpresa com esse apego a um chefe de quem ele nunca havia falado.

Ele também deve ter entendido que isso não era suficiente. No começo do outono, o linfoma que passou quinze anos adormecido despertou na forma de doença de Hodgkin. Sabendo que isso seria mais bem visto do que uma amante, contou a Luc. Ao ouvi-lo dizer que estava condenado — aquele homem inchado e flácido, afundado na poltrona —, Luc se lembrou do Jean-Claude exaltado que o visitara na obra. O terno era o mesmo, mas agora estava opaco, com o colarinho coberto de caspa. A paixão o tinha devastado. Agora ela se voltava contra suas células. Sem chegar a se sentir culpado por ter exigido

com tanta firmeza que ele rompesse com Corinne, Luc sentia uma pena profunda pela alma do amigo, que imaginava estar tão doente quanto seu corpo. Mas, sempre otimista, queria pensar que essa provação o aproximaria de novo de Florence e seria a oportunidade de uma comunhão mais profunda: "É claro que vocês devem estar conversando bastante sobre isso…". Para sua grande surpresa, Jean-Claude respondeu que não, eles não estavam conversando bastante sobre isso. Ele havia informado Florence, tentando ao máximo não transformar aquilo num fuzuê, e eles combinaram de fingir que nada estava acontecendo, para não pesar o clima em casa. Ela se oferecera para acompanhá-lo a Paris, onde era tratado pelo prof. Schwartzenberg (isso também surpreendeu Luc: não imaginava que o médico tão renomado ainda atendesse, se é que um dia tinha atendido), mas ele recusara. O câncer era dele, lutaria sozinho contra isso, sem incomodar ninguém. Ele tomava isso para si, ela respeitava a decisão dele.

A doença e o tratamento o exauriam. Ele não ia mais trabalhar todos os dias. Florence acordava as crianças, dizia para não fazerem barulho porque o papai estava cansado. Depois de levá-los à escola, ia até a casa de outra mãe da escola para tomar café, ia à aula de dança ou ioga, fazia compras. Sozinho em casa, ele passava o dia na cama úmida, com o edredom puxado até em cima da cabeça. Sempre transpirou muito, agora era preciso trocar os lençóis todos os dias. Banhado em suor malcheiroso, ele cochilava, lia as coisas sem entender, atordoado. Como em Clairvaux, no ano em que se escondeu depois do fracasso no Lycée du Parc: o mesmo torpor nebuloso, sacudido por calafrios.

Apesar da declaração de amizade no momento em que terminaram, ele não falara mais com Corinne desde a viagem catastrófica para Roma. Assim que Florence saía, ele ficava rodeando o telefone, discava o número dela e punha o aparelho no gancho assim que ela atendia, de tanto medo de ser tratado como

alguém inconveniente. No dia em que teve coragem de falar, surpreendeu-se ao descobri-la feliz por ser ele. Estava numa fase de muito desânimo: dificuldades profissionais, casinhos sem futuro. Sua solidão, suas filhas, sua disponibilidade ansiosa amedrontavam os homens, e ela tinha sofrido tanto com a grosseria deles que acolheu bem esse dr. Romand que, mesmo muito triste, muito desajeitado, a tratava feito rainha. Começou a lhe contar suas decepções, seus ressentimentos. Ele a escutava, a confortava. No fundo, ele dizia, para além das aparências, os dois eram muito parecidos. Ela era sua irmãzinha. Ele voltou a Paris em dezembro e as coisas recomeçaram: os jantares, os encontros, os presentes e, depois do Ano-Novo, cinco dias de amor em Leningrado.

Essa viagem, que tanto estimulou a imaginação no início da investigação, foi organizada pela revista *Le Quotidien du Médecin*, que ele assinava. Se tivesse procurado, havia dezenas de pacotes turísticos para passar alguns dias na Rússia, mas não lhe ocorreu a ideia de viajar de outra maneira, só com um grupo de médicos, entre os quais muitos se conheciam e ele não conhecia ninguém. Corinne achava aquilo estranho, assim como o cuidado que ele tinha em evitar os companheiros de viagem, interromper as conversas abruptamente, se isolar. Ela adoraria fazer amigos. Se ele achava a companhia deles tão chata, ou se, como pensou, temia as fofocas que poderiam chegar à esposa, por que foram viajar com aquelas pessoas? Ele decididamente a exasperava. Ao fim de três dias, fez o mesmo discurso de Roma: aquilo era um erro, era melhor continuarem amigos, irmã mais nova e irmão mais velho. Ele chorou de novo e, no voo de volta, disse a ela que, de todo modo, estava com câncer. Logo morreria.

Como se responde a uma coisa dessas? Corinne ficou numa saia justa. Ele implorou para que ela telefonasse de vez em quando, se ainda sentisse algum carinho por ele, mas não para sua casa, e sim para a caixa postal. O código secreto seria: 222 para “estou pensando em você, mas nada urgente”; 221 para

“me telefone”; 111 para “eu te amo”. (Ele tinha um código do mesmo tipo com Florence, que deixava um número de 1 a 9 de acordo com o nível de urgência.) Com pressa para acabar com tudo aquilo, Corinne anotou os números, prometeu que os usaria. Ele levou gorros chapka para os filhos e bonecas russas para a afilhada.

Ao perder essa segunda chance, ele afundou de novo na rotina e no desespero. Para explicar a presença dele em casa, Florence tinha comentado do câncer com a maioria dos amigos, mas pediu que eles guardassem aquilo para si, de modo que cada um pensava ser o único que sabia. As pessoas o cercavam de uma solicitude discreta e de uma alegria forçada.

Num jantar na casa dos Ladmiral, Rémi, que tinha ido ver as filhas em Paris, trouxe notícias da ex-mulher. Ainda era uma pessoa instável, estava dividida entre dois homens, tentando decidir com quem reconstruir a vida: um sujeito gentil, que era cardiologista ou algo assim, muito bom no que fazia mas nada divertido, e outro claramente mais escorregadio, um dentista parisiense que não se deixava dobrar fácil. Sem conhecê-lo, Rémi torcia mais pelo primeiro, avaliando que Corinne precisava de equilíbrio e proteção; infelizmente, ela preferia os amores complicados e escolhera o segundo. A cara de Jean-Claude ao escutar isso era de dar pena, lembra-se Luc.

Como prometera, ela telefonava às vezes e, para mostrar como confiava nele, contava da relação apaixonada com o dentista que não se deixava dobrar fácil. Ele a fazia sofrer mas não conseguia resistir, estava louca por ele. Jean-Claude aquiescia com uma voz apática. Tossia, explicava que o linfoma baixava sua imunidade.

Um dia, ela lhe pediu um conselho. O consultório que tinha com Rémi em Genebra fora vendido. Sua parte, que havia acabado de receber, equivalia a 900 mil francos. Estava pensando em usar o dinheiro em um novo consultório,

talvez se associando a alguém, mas preferia não se precipitar e, em vez de deixar esse dinheiro parado na conta, pensou em investi-lo. Os fundos da Sociedade de Investimento em Capital Variável (Sicav) que tinha não rendiam muito. Será que o irmão mais velho teria uma ideia melhor? Claro que tinha. No UOB do Quai des Bergues, em Genebra, rendia 18% por ano. Ele pegou o avião para Paris, foi com ela à sede do banco, onde retirou os 900 mil francos em dinheiro vivo, e depois pegou o avião de volta como nos filmes, carregando uma maleta recheada de dinheiro. Sem recibo, sem vestígios. Ele se lembra de ter comentado: "Se alguma coisa acontecesse comigo, todo o dinheiro se perderia". Ao que ela teria respondido carinhosamente (é a versão dele): "Se alguma coisa acontecesse com você, não é com o dinheiro que eu ficaria preocupada".

Pela primeira vez quem estava enganando não eram pessoas idosas da família, que buscavam apenas fazer frutificar seus bens para os herdeiros, e sim uma mulher determinada que precisava do dinheiro e esperava recuperá-lo com facilidade. Perguntou várias vezes se poderia resgatar o valor assim que quisesse, e ele lhe garantiu que sim. Ele não tinha escolha, de todo modo. Não restava quase nada da bolada que a sogra lhe havia confiado. Nos dois anos anteriores, as despesas explodiram. Em Prévessin, ele se adequara ao padrão de vida das pessoas do seu círculo, pagando 8 mil francos de aluguel, comprando uma Range Rover por 200 mil, substituindo-a por uma BMW de 250 mil, e, em Paris, se arruinou com hotéis sofisticados, jantares caros e presentes para Corinne. Para seguir, ele precisava desse dinheiro, que, assim que lhe chegou às mãos, dividiu entre suas três contas: a do BNP de Ferney-Voltaire, a de Lons-le-Saunier e a de Genebra. O gerente da agência de Ferney não tinha coragem de perguntar a respeito de suas fontes de renda, mas estranhava aquelas entradas irregulares. Várias vezes lhe telefonou para oferecer investimentos, pacotes de gestão mais eficientes. Ele fugia do assunto. Temia, mais do que tudo, o

bloqueio da conta, do qual acabava de escapar, por pouco, mais uma vez. Mas sabia que tinha conseguido apenas um adiamento e que, ao pegar o dinheiro de Corinne, tornava a catástrofe inevitável.

O último ano transcorreu sob essa ameaça. Até agora, ela vinha assombrando sua vida de maneira difusa. A cada vez que cruzava com alguém, que uma pessoa lhe dirigia a palavra ou que o telefone tocava em casa, a apreensão provocava um nó no estômago: a hora havia chegado, sua impostura seria desmascarada. O perigo podia vir de todos os lados, o mais ínfimo acontecimento da vida cotidiana punha em marcha o pior cenário possível, que não seria interrompido por nada. Mas, naquele momento, uma versão desse pior cenário tinha adquirido mais verossimilhança que outras, e, por mais que tentasse dizer a si mesmo aquilo que se diz para os doentes em estado grave, que é muito possível ter um câncer e morrer de gripe ou de uma picada de marimbondo, era naquela versão que não parava de pensar. Quanto mais o golpe demorava, mais certa parecia ser sua chegada, e sem escapatória. Se Corinne tivesse pedido o dinheiro de volta uma semana depois de lhe ter entregado, ele ainda o poderia ter devolvido e buscado outros meios — mas quais? — para viver sem renda como se tivesse uma. Com as semanas, os meses passando, a quantia supostamente investida foi diminuindo. Tomado de vertigem, ele nem tentava fazer esse dinheiro durar; pelo contrário, gastava-o desvairadamente. Quando ela o pedisse de volta, o que faria? Alguns anos antes, poderia tentar juntá-lo pedindo ajuda aos doadores de sempre: seus pais, tio Claude, a família de Florence. Mas ele conhecia, por motivos óbvios, a

situação da fortuna de cada um. Tinha pegado tudo que era deles, tinha gastado tudo. Não havia mais ninguém a quem recorrer.

E agora? Dizer a Corinne que o tinham agredido e roubado a maleta de dinheiro? Confessar a verdade? Uma parte da verdade: que estava numa situação financeira inextricável e a arrastou consigo para o problema? Toda a verdade: dezessete anos de mentira? Ou juntar o que tinha sobrado e pegar um avião para outro canto do mundo? Não voltar nunca mais, desaparecer. O escândalo viria à tona dentro de algumas horas, mas ele não estaria mais ali para assistir à derrocada de sua família e enfrentar seu olhar. Talvez pudesse se fingir de morto, levá-los a acreditar que tinha se suicidado. Não haveria cadáver, mas, se deixasse o carro com um bilhete de despedida perto de um abismo na montanha… Declarado morto, estaria fora de alcance. O problema era que continuaria vivo e, sozinho, ainda que com dinheiro, não saberia o que fazer com essa vida. Sair da pele do dr. Romand significaria ver-se sem pele, mais do que nu: em carne viva.

Desde o início ele sabia que a conclusão lógica de sua história era o suicídio. Pensou muito nisso, sem jamais encontrar coragem para cometê-lo, e de certa maneira a certeza de que um dia aconteceria o dispensava disso. Sua vida tinha passado a ser a espera por esse dia em que ele não poderia mais adiar. Inúmeras vezes esse dia deveria ter chegado, e inúmeras vezes um milagre, ou um acaso, lhe permitira escapar. Sem nenhuma dúvida de como seria o desfecho, estava curioso para saber até quando o destino o adiaria.

Depois de tanto implorar para Corinne telefonar, de acessar dez vezes a caixa postal para escutar de novo sua voz quando por acaso ela deixava uma mensagem, agora preferia deixar o bipe desligado. Ele se fazia de morto. Corinne, por sua vez, temendo que Florence atendesse, não arriscava telefonar para Prévessin. Sua melhor amiga não parava de repetir que ela tinha sido louca

de confiar todo o seu dinheiro, sem nenhuma garantia, sem procuração, sem nada, a um homem com um câncer terminal. Se ele viesse a morrer, quem lhe avisaria? Quem podia provar que já não estava morto e enterrado? A conta da Suíça estava no nome dele, teria de correr atrás da viúva para exigir o reembolso. Corinne estava cada vez mais preocupada, o marido da melhor amiga deixou mensagens urgentes na secretária eletrônica de Prévessin usando o próprio nome. Nenhuma resposta. Já era o começo do verão. Corinne lembrou que todo ano, em julho, Florence cobria as férias da farmacêutica de um vilarejo do Jura e a família ficava hospedada na casa dos pais de Jean-Claude. Eles os procuraram por Minitel[1] e foi assim, afinal, que os pegaram. Ele não havia telefonado de volta porque passara muito tempo hospitalizado. Fez radioterapia, estava muito cansado. Corinne se compadeceu, então foi direto ao ponto: queria ao menos uma parte do dinheiro de volta. Não era simples assim, ele objetou, era preciso respeitar alguns prazos… "Você disse que não, que eu poderia resgatar o que eu quisesse, quando eu quisesse…" Sim, em teoria, mas apenas em teoria. Se ela quisesse recuperar os juros em vez de pagar taxas bancárias, o dinheiro deveria permanecer bloqueado até setembro, na verdade estava de todo modo bloqueado e, além disso, ele mesmo também estava bloqueado: doente, preso à cama, impossibilitado de ir até Genebra. O que poderia fazer naquele momento era vender o próprio carro para resolver o problema. Corinne ficou nervosa: estava pedindo que ele pegasse de volta o dinheiro dela no banco, sem vender o carro nem dar a entender que aquilo era um grande sacrifício. Ainda assim, ele conseguiu tranquilizá-la.

Naquele ano, as faturas do cartão Premier mostraram compras regulares de fotonovelas e fitas pornô em sex shops e, cerca de duas vezes por mês, massagens no Marylin Center e no clube Only You de Lyon. Os funcionários desses estabelecimentos se lembram de um cliente tranquilo, educado, que

falava pouco. Ele dizia que, fazendo massagem, tinha a impressão de existir, de ter um corpo.

No outono, Florence parou de tomar pílula. Isso pode ser interpretado de duas maneiras, mas, segundo o depoimento de sua ginecologista, ela desejava ter um terceiro filho.

Como vice-presidente da associação de pais de Saint-Vincent (APE, na sigla em francês), ela era responsável pelo catecismo, pela organização da festa da escola, por encontrar pais voluntários para acompanhar as crianças na piscina ou no esqui. Luc fazia parte da associação gestora (Ogec). Para distrair Jean-Claude de suas ideias obscuras, Luc sugeriu que se juntasse ao grupo, e ele, estimulado pela esposa, aceitou. Para ele não era apenas uma distração, e sim uma forma de se inserir na vida real: uma vez por mês, ia a uma reunião que não era ficcional, encontrava pessoas, falava com elas e, mesmo fingindo ser um homem ocupado, solicitava reuniões extras de bom grado.

Foi então que o diretor da escola, um homem casado, pai de quatro filhos, começou a ter um caso com uma das professoras, também casada. As pessoas ficaram sabendo e não gostaram nada disso. Alguns pais começaram a dizer que não fazia sentido confiar seus filhos a uma escola católica para que ali recebessem o exemplo de um casal de libertinos. A associação gestora decidiu interferir. Houve uma reunião na casa de Luc, no começo das férias de verão. A ideia era pedir ao diretor que se demitisse e à direção da diocese que o substituísse por uma professora, ela, sim, acima de qualquer suspeita. Para evitar um escândalo, tudo deveria estar resolvido na volta às aulas, e de fato se resolveu. Mas os depoimentos divergem quanto ao que foi dito durante essa reunião. Luc e os outros garantem que a decisão foi unânime, isto é, que Jean-Claude estava de acordo. Ele diz que não, que não estava de acordo, que o tom subiu, que as pessoas foram embora exasperadas. Insiste no ponto de que não

era seu costume ter uma atitude dessas: teria sido muito mais simples, e mais condizente com seu jeito, acatar a opinião dos amigos.

Como não há motivo para pensar que os outros teriam mentido, imagino que ele tenha mesmo manifestado seu desacordo, mas de um modo tão pouco assertivo que não apenas não se lembraram mais tarde como sequer registraram ali na hora. Estavam todos tão acostumados que ele aprovasse tudo que nem o escutaram, literalmente, e ele estava tão desacostumado a se fazer ouvir que se lembra não do volume real de sua intervenção — um balbucio, o vestígio de um sussurro de objeção —, mas do volume do clamor de indignação que fervia dentro de si e ao qual tentou, em vão, dar voz. Ele se ouviu dizer, com toda a intensidade necessária, aquilo que queria ter dito, e não aquilo que os outros ouviram. Também é possível que não tenha dito absolutamente nada, apenas pensado em dizer, sonhado em dizer, se arrependido de não ter dito e, enfim, imaginado que disse. Quando voltou para casa, contou tudo à esposa, o conluio contra o diretor e o modo cavalheiresco como tomou o partido dele. Florence era virtuosa mas não pudica, e não gostava que as pessoas se metessem na vida dos outros. Ficou comovida que seu marido, de natureza conciliadora, cansado pela doença, ocupado com questões infinitamente mais importantes, tenha preferido sacrificar seu conforto a acobertar uma injustiça. E quando, na volta às aulas, deparou com o golpe consumado — o diretor rebaixado ao cargo de mero professor e substituído por uma professora cujo puritanismo hipócrita sempre a havia exasperado —, ela encabeçou com seu dinamismo costumeiro uma cruzada a favor do perseguido, fazendo campanha junto às mães dos alunos e logo levando uma parte da associação de pais a aderir a seu ponto de vista. A decisão da associação gestora foi contestada. A APE e a Ogec, que até então tinham funcionado em sintonia, se tornaram lados inimigos, liderados respectivamente por Florence Romand e Luc Ladmiral, que eram, contudo, amigos desde sempre. O trimestre foi marcado por essa tensão.

Não satisfeito em apoiar a esposa, Jean-Claude se juntou a ela. As pessoas encontravam esse homem tranquilo dizendo em alto e bom som, na saída da escola, que lutava pelo respeito aos direitos humanos no Marrocos e não aceitaria ver as pessoas serem ridicularizadas em Ferney-Voltaire. Irritados por passarem a imagem de guardiões da moral e dos bons costumes, os partidários da Ogec e da nova diretora defendiam que o problema não era tanto a imoralidade do antigo diretor, e sim sua gestão frouxa: ele não estava à altura do cargo, só isso. Ao que Jean-Claude respondia que nem sempre estamos à altura, não é sempre que podemos fazer o que queremos e era melhor entender e ajudar do que julgar e condenar. Contra os princípios nobres, ele defendia o homem nu e falível, aquele que são Paulo diz que gostaria de fazer o bem e não consegue evitar fazer o mal. Teria consciência de que estava argumentando a seu próprio favor? Em todo caso, estava arriscando muito.

Pela primeira vez em sua pequena comunidade, as pessoas demonstravam interesse por ele. Começou a se espalhar o rumor de que ele estava na origem do problema — uns dizendo que ele tinha virado a casaca, outros, que era muito amigo desse diretor sem princípios; a impressão geral era de que sua posição não estava clara. Mesmo com raiva do amigo, Luc tentava acalmar os ânimos: Jean-Claude estava com problemas graves de saúde, por isso metia os pés pelas mãos. Mas os outros companheiros da Ogec exigiam que fosse confrontado, o que, para ele, representava um perigo mortal por princípio. Fazia dezoito anos que tinha medo disso. A cada vez um milagre o poupara, e agora a coisa ia acontecer, não por um acaso contra o qual não podia fazer nada, mas por culpa sua, porque pela primeira vez na vida falou o que pensava. Uma notícia trazida por um vizinho foi a cereja do bolo: Serge Bidon, outro membro da associação gestora, teria falado que ia quebrar a cara dele.

O depoimento mais impressionante do julgamento foi o do tio, Claude Romand. Ele entrou, sanguíneo, atarracado, espremido num terno que mal continha seus ombros poderosos, e quando chegou à tribuna, em vez de olhar para a corte, como os outros, se virou na direção do sobrinho. Com as mãos na cintura, certo de que ninguém ousaria lhe dizer nada, o encarou. Tomou o tempo que queria, talvez trinta segundos, o que é bastante coisa. Romand se liquefez, e todos na sala pensaram a mesma coisa: não sentia apenas remorso e vergonha; apesar da distância, do vidro, dos policiais, estava com medo de apanhar.

Naquele instante, o que se via era o pânico que tinha da violência física. Escolhera viver entre pessoas nas quais o instinto da briga havia se atrofiado, mas a cada vez que voltava a seu vilarejo devia senti-lo mais próximo da superfície. Quando adolescente, lia nos olhinhos azul-claros do tio Claude o desprezo debochado que aquele homem, que habitava seu corpo e seu lugar na terra sem frescuras, sentia pelo cabaço que ele era, sempre enfiado nos livros. Mais tarde, por detrás da admiração que o clã dedicava a seu brilhante rebento, ele detectou uma violência que estava só esperando uma oportunidade para explodir. Tio Claude tirava sarro dele, dava uns encontrões afetuosos, confiava a ele seu dinheiro para investir, como os outros, mas era o único a pedir notícias disso de vez em quando: se alguém algum dia suspeitasse de alguma coisa, seria ele. Bastaria essa suspeita passar pela sua cabeça para ele entender tudo muito rápido e encurralar o sobrinho. Então lhe daria uma surra. Antes de prestar queixa, antes de qualquer coisa, o cobriria de porrada com seus punhos enormes. Acabaria com ele.

De acordo com quem conhece Serge Bidon, ele é o sujeito mais doce do mundo. A ameaça, se é que foi feita, certamente era retórica. No entanto, Romand estava morrendo de medo. Não tinha mais coragem de voltar para casa nem de fazer os trajetos conhecidos. Seu corpo inteiro se esquivava.

Sozinho no carro, ele soluçava e murmurava: “Querem quebrar a minha cara… querem quebrar a minha cara…”.

Na saída da missa no último domingo do Advento, Luc se afastou de Cécile e dos filhos por um momento para falar com Florence, que tinha ido com os filhos, mas sem Jean-Claude. Haviam trocado o gesto da paz antes da comunhão, lido o evangelho onde Jesus diz que de nada serve rezar se você não está em paz com o próximo, então foi fazer as pazes, pôr um fim, antes do Natal, àquela briga besta. “Tudo bem, você não concorda com a gente, é direito seu, não somos obrigados a concordar em tudo só porque somos amigos, mas não vamos passar séculos de mal por causa disso.” Florence sorriu, eles se abraçaram, felizes com a reconciliação. Ainda assim, disse Luc, sem conseguir se segurar, se Jean-Claude não concordava, ele poderia ter falado ali na hora, nós teríamos debatido… Florence franziu o cenho: mas foi justamente o que ele fez, não foi? Não, disse Luc, não foi o que ele fez, e era por isso que as pessoas o estavam criticando. Não por ter tomado o partido do antigo diretor — de novo, ele estaria em seu direito —, mas por ter votado pela expulsão com os outros e só depois, sem consultar ninguém, feito campanha contra aquilo que ele mesmo tinha aprovado, e assim feito a Ogec parecer um bando de idiotas. À medida que falava, retomando, por puro zelo de precisão histórica, os aborrecimentos que sinceramente decidira esquecer, Luc viu a expressão de Florence desmontar. “Você jura que Jean-Claude votou pela demissão?” Claro que jurava, os outros também, mas isso não tinha importância, já tinham baixado as armas, vamos comemorar o Natal juntos. Quanto mais reafirmava que o caso estava encerrado, mais se dava conta de que para Florence não estava, de que em vez disso suas palavras, que ele pensava serem inofensivas, estavam abrindo um abismo dentro dela. “Ele sempre me disse que votou contra…” Luc não tinha nem coragem de dizer que aquilo não era importante.

Sentia que era importante, sim, que estava se desenrolando naquele momento algo extremamente importante, algo que lhe escapava. Tinha a impressão de estar vendo Florence implodir bem ali, na sua frente, na porta da igreja, e de não poder fazer nada. Ela tocava nas crianças de um jeito nervoso, segurou a mão de Caroline, que se inquietava, ajeitou o capuz de Antoine, os dedos se mexendo feito marimbondos bêbados, e seus lábios, de onde o sangue tinha desaparecido, repetiam baixinho: "Então ele mentiu para mim… mentiu para mim…".

No dia seguinte, na saída da escola, ela trocou algumas palavras com outra mãe cujo marido também trabalhava na OMS. A mulher estava pensando em levar a filha para ver a árvore de Natal dos funcionários e queria saber se Antoine e Caroline estariam lá. Diante dessas palavras, Florence empalideceu e sussurrou: "Desta vez, vou ficar muito brava com meu marido".

No julgamento, quando tentavam interpretar esse depoimento, ele disse que fazia anos que Florence estava a par da existência de uma árvore de Natal da OMS. Conversaram sobre isso várias vezes, ele se recusando a levar as crianças até lá porque não gostava de tirar vantagem desse tipo de privilégio, ela lamentando que esses princípios rígidos demais os privavam de um passeio agradável. A pergunta da mulher na escola poderia ter despertado irritação em Florence, mas não provocar nela o impacto de uma revelação. Além disso, reforçou, se ela tivesse alguma dúvida, bastaria passar a mão no telefone e ligar para a OMS.

"E quem disse que ela não fez isso?", perguntou a presidente.

Logo antes das férias de Natal, o presidente da Ogec quis conversar com ele, ainda a respeito da história do diretor. Não era próximo o bastante de Romand para saber que não se podia contatá-lo no escritório e, como também

trabalhava em Genebra para uma organização internacional, pediu que sua secretária o procurasse na lista telefônica da OMS e depois no banco de dados do fundo de pensão dos órgãos internacionais. Intrigado por não o encontrar em lugar nenhum, pensou que devia haver alguma explicação e, como aquilo não era muito importante, não pensou mais no assunto até o dia em que, na volta das férias, encontrou Florence na rua principal de Ferney e comentou com ela. O tom não era de alguém que tinha alguma suspeita, e sim de alguém que adoraria entender o que estava por trás de uma coisa esquisita, e Florence reagiu da mesma maneira leve. Tem razão, é mesmo esquisito, deve ter algum motivo, ela ia falar com Jean-Claude. Não se encontraram mais, uma semana depois ela estava morta e ninguém nunca saberá se falou sobre isso com o marido. Ele diz que não.

Ele não sabia de onde viria o primeiro golpe, mas sabia que o massacre estava próximo. Em breve, suas várias contas bancárias estariam a descoberto e ele não tinha nenhuma esperança de reabastecê-las. As pessoas estavam falando dele, estavam de olho nele. Circulava por Ferney um sujeito que ameaçava quebrar sua cara. Mãos folheavam anuários. O olhar de Florence tinha mudado. Ele estava com medo. Telefonou para Corinne. Ela havia acabado de terminar com o dentista que não se deixava dobrar fácil, estava deprimida. Alguns meses antes, isso lhe teria dado novas esperanças. Agora, não mudava muita coisa, mas ele se comportou como um rei do xadrez que, ameaçado por todos os lados, só tem uma casa aonde ir: objetivamente, a partida está perdida, você deveria desistir, mas ainda assim vai até essa casa — se não por nada, ao menos para ver como o adversário vai tomá-la. No mesmo dia pegou um avião até Paris e levou Corinne para jantar no Michel Rostang, onde lhe deu de presente um porta-retratos de madeira de olmo com veios irregulares e um organizador de cartas de couro, que comprou na Lancel por 2120 francos.

Durante duas horas, dentro do círculo de luz suave que isolava a mesa, ele se sentiu protegido. Interpretou o dr. Romand pensando que era a última vez, mas que logo estaria morto e nada mais teria importância. No fim do jantar, Corinne disse que desta vez não tinha conversa, queria o dinheiro de volta. Em vez de tentar escapar, ele pegou a agenda para marcar um próximo encontro, quando traria o dinheiro. Ao virar as páginas, ocorreu-lhe uma ideia: tinha combinado de jantar com seu amigo Bernard Kouchner no começo do ano; Corinne gostaria de ir? É claro que Corinne gostaria. De preferência num sábado, 9 ou 16 de janeiro, Kouchner o deixara escolher. Então vamos dia 9, decidiu Corinne, estava mais perto. Ele preferia dia 16, estava mais longe, mas não disse nada. Os dados estavam lançados. Entre hoje e 9 de janeiro, ele morreria. Durante a viagem de volta, continuou a analisar sua agenda, como um executivo ocupado. O Natal não era uma boa data, seria cruel demais com as crianças. Caroline seria Maria, e Antoine um dos pastores no presépio vivo na igreja. Logo depois do Ano-Novo, então?

Ele foi buscar os pais em Clairvaux para comemorarem o Natal juntos. No porta-malas, debaixo do pinheiro, levava uma caixa com papéis que pegou em seu antigo quarto: cartas de outros tempos, cadernetas, um caderno encapado de veludo no qual, ele garante, Florence lhe havia escrito poemas de amor na época do noivado. Queimou tudo nos fundos do jardim, com outras caixas que estavam no sótão e continham cadernos pessoais. Ele diz que ao longo dos anos enchera dezenas de cadernos com textos mais ou menos autobiográficos, sem se dar ao trabalho de escondê-los, e que esses textos pareciam ficção para despistar Florence, caso tropeçasse neles, mas ao mesmo tempo estavam tão colados na realidade que poderiam valer como uma confissão. Mas ela nunca tropeçou neles, ou não teve curiosidade de abri-los, ou não falou sobre isso com ele — ou ainda, hipótese final, esses cadernos não existiam.

Ele também diz que queria deixar uma mensagem para Florence encontrar depois de sua morte e que, durante esses dias entre o Natal e o Ano-Novo, rascunhou-a sem parar. Uma carta, mas também uma fita cassete que gravaria sozinho, no carro, num pequeno gravador: “Perdão, eu não sou digno desta vida, eu menti para você, mas meu amor por você e pelos nossos filhos não é uma mentira…”. Não conseguiu. “A cada vez que eu começava, me colocava no lugar dela enquanto lia ou escutava isso, e…”

Ele engasga, baixa a cabeça.

Ele se sentiu pesado, cansado, na última semana. Pegava no sono no sofá, no carro, a qualquer hora. O ouvido zumbia, como se tivesse saído do fundo do mar. O cérebro doía, ele queria poder tirá-lo de dentro do crânio e mandar fazerem uma lavagem nele. Ao voltar de Estrasburgo, onde tinham comemorado a véspera de Ano-Novo na casa de amigos médicos, Florence encheu a máquina de lavar e ele passou um bom tempo no banheiro, onde ficava a máquina, assistindo a roupa se retorcer com preguiça, na água muito quente, por detrás do vidro. Havia camisas e cuecas dele, impregnados de seu suor fedido, havia roupas de Florence e das crianças, as camisetas, os pijamas estampados com bichinhos de desenho animado, as meinhas de Antoine e Caroline, difíceis de separar na hora de guardar a roupa limpa. As roupas dos quatro todas misturadas, suas respirações misturadas, tranquilas, debaixo do teto bem vedado que os protegia da noite de inverno… Devia ter sido bom voltarem juntos no primeiro dia do ano, uma família unida no Renault Espace que ronronava na estrada coberta de neve; chegar tarde, levar as crianças adormecidas para o quarto, ajudá-las a trocar de roupa e pronto!, já dormir!; procurar nas bolsas o coelho de pelúcia de Antoine e ficar aliviado porque não o tinham esquecido em Estrasburgo, como temeram; escutar Florence fazendo piada lá em cima, enquanto tirava a maquiagem: Você escapou por pouco, ia ter que voltar lá rapidinho; ser o último acordado no banheiro que separava o quarto das crianças do quarto onde Florence o esperava, debaixo do edredom.

Com a cabeça de lado para desviar da luz, ela ficaria segurando sua mão enquanto ele lia. Devia ter sido boa e calorosa essa vida em família. Achavam que era boa e calorosa. Mas ele sabia que estava podre por dentro, que nenhum momento, nenhum gesto, nem mesmo o sono deles escapava dessa podridão. Ela havia crescido dentro dele, devorado tudo por dentro, pouco a pouco, sem que se visse nada por fora, e agora não sobrara mais nada, só ela, que ia romper a casca e aparecer à luz do dia. Eles se veriam nus, sem defesa, no frio e no horror, e essa seria a única realidade. Já era a única realidade, ainda que não soubessem disso. Ele entreabria a porta, se aproximava das crianças na ponta dos pés. Estavam dormindo. Ele as observava dormir. Não podia fazer aquilo com eles. Não podiam saber que era ele, seu papai, que fazia isso com eles.

Passaram o domingo no Grand Tétras, o chalé do passo de La Faucille que costumavam frequentar. Ótima esquiadora, Florence ensinou as crianças. Sob seus cuidados, esquiavam praticamente para todo canto. Ele ficava lendo no salão do restaurante, onde o haviam encontrado para almoçar. Antoine contou, cheio de orgulho, que tinha descido numa pista vermelha e que certa hora, numa curva difícil, quase caiu, mas conseguiu ficar de pé. As crianças podiam pedir pratos enormes de batata frita com ketchup, era um dos motivos pelos quais adoravam o Grand Tétras. No carro, indo para lá, eles repetiam, como uma ladainha: “A gente vai poder pedir batata? A gente vai poder pedir batata?”, Florence dizia que sim, e eles acrescentavam: “Vamos poder repetir? Podemos pedir dois pratos? Três pratos pra cada um?”.

* * *

Na segunda de manhã, a mãe dele telefonou, muito preocupada. Acabara de receber um extrato do banco dizendo que a conta estava no negativo em 40 mil francos. Era a primeira vez que isso acontecia, e ela não tinha coragem de

contar ao marido, que ficaria transtornado. Ele disse que ia cuidar disso, fazer um depósito, e ela desligou mais tranquila, como sempre se sentia depois de falar com o filho. (A carta informando o bloqueio da conta chegou na semana seguinte.)

Ele pegou em sua biblioteca o exemplar do livro de Bernard Kouchner, *Le Malheur des autres* [O sofrimento dos outros], assinado numa sessão de autógrafos numa livraria de Genebra ("Para Jean-Claude, meu colega querido da OMS, Bernard"), depois dirigiu até o aeroporto de Cointrin, comprou um vidro de perfume e pegou o voo de 12h15 para Paris. No avião, onde reconheceu o ministro Jacques Barrot entre os passageiros, escreveu uma carta curta para Corinne ("Preciso tomar algumas decisões nesta semana. Adoraria passar a noite de sábado com você. Talvez seja um adeus ou uma nova prorrogação: você decide") e procurou no livro de Kouchner um trecho que o havia perturbado, sobre o suicídio de um amigo de juventude. Esse amigo era anestesista. Consumindo, numa ordem cuidadosamente preestabelecida, produtos que resultavam num coquetel letal impossível de reverter, ele telefonou para uma mulher que amava para informá-la, minuto a minuto, da progressão de sua agonia. Ela só tinha uma linha de telefone e sabia que, se desligasse para pedir socorro, ele injetaria imediatamente a dose fatal. Foi obrigada a acompanhar a morte dele em tempo real.

Com a expectativa de que Corinne lesse e entendesse, pôs a carta nessa página e deixou o livro e o perfume em seu consultório. Não se lembra de mais nada da passagem por Paris e, considerando os trajetos de táxi, não teve mesmo tempo de fazer mais nada, porque pegou o voo das 16h30 para, antes do fim do expediente, encontrar seu representante da concessionária de Ferney. Desde a venda da BMW, ele havia alugado um Renault 21 e depois o Espace, o qual, em suas palavras, já havia "experimentado o suficiente". Queria voltar a ter um

sedan. Depois de titubear, acabou escolhendo uma BMW verde metálica, munida de inúmeros itens opcionais, e foi nela que voltou para casa.

Não foi trabalhar na terça. Florence e ele fizeram compras em Ferney. Ela insistia que ele arrumasse um terno novo, ele ficou seduzido por uma parca quantia de 3200 francos. A vendedora achou que eram um casal com tempo e dinheiro e que se entendiam bem. Foram à escola buscar os filhos e também Sophie Ladmiral, que ia dormir na casa deles. Florence levou os três para tomar um lanche e deixou Jean-Claude na farmácia Cottin. Tinha passado a manhã estudando *Suicídio: Modo de usar* e o dicionário Vidal de medicamentos, descartando aqueles que provocavam morte instantânea — sais de cianeto, curarizantes — e dando preferência a barbitúricos que atingiam rápido o pico sérico; associados a um antiemético, eram recomendados para um adormecimento confortável. Ele precisava disso, explicou a Cottin, para suas pesquisas em culturas de células. Cottin poderia ter se surpreendido que um pesquisador fosse comprar numa farmácia produtos que deviam ser fornecidos pelo laboratório, mas não foi o que aconteceu. Como profissionais, analisaram juntos as microfichas e escolheram dois barbitúricos, aos quais, para garantir, Cottin sugeriu acrescentar uma solução que ele mesmo prepararia à base de fenobarbital. Estaria pronto na sexta, tudo bem? Tudo bem.

De noite, com a afilhada no colo, leu uma historinha para as três crianças. Como não tinham aula na quarta de manhã e fizeram muita bagunça na véspera, elas acordaram tarde e ficaram de pijama brincando até a hora do almoço. Ele foi para Lyon. Às 14h08 fez uma retirada de mil francos no caixa automático do BNP da Place Bellecour, e mais mil francos às 14h45. Entre um e outro, diz ter dado uma nota de quinhentos francos a um morador de rua. Depois, numa loja de armas, comprou um taser de neutralizar agressores, duas

bombas lacrimogêneas, uma caixa de munição e um silenciador para uma espingarda calibre 22 long rifle.

"Então", destacou a presidente, "você não estava pensando só em se suicidar. Você vivia com sua esposa e seus filhos pensando que iria matá-los."

"Essa ideia me ocorreu… mas era imediatamente encoberta por outros projetos fantasiosos, ideias fantasiosas… Era como se ela não existisse… Eu fingia que… Eu dizia para mim mesmo que ia fazer outra coisa, que era por outro motivo, e ao mesmo tempo… ao mesmo tempo eu comprava as balas que iam atravessar o coração dos meus filhos…"

Ele chora convulsivamente.

Pediu para embrulharem os dois pacotes para presente, dizendo a si mesmo que o equipamento de autodefesa era para Corinne, que tinha medo de voltar para casa de noite, e a munição e o silenciador eram para o pai, que, quase cego, já não conseguia usar sua espingarda há muitos anos.

Enquanto fazia essas compras, Florence tinha combinado de receber duas amigas, também mães da escola, para tomar chá. Ela não fez nenhum tipo de confidência, mas, por algum motivo de que não se lembram, mostrou sobre o frontão da lareira um porta-retratos com a foto de um menininho de seis ou sete anos, dizendo: "Vejam que bonitinho. Vejam o olhar dele. Não dá para imaginar maldade nenhuma detrás desse olhar". Um pouco espantadas, as duas mulheres se aproximaram da foto e reconheceram que, de fato, Jean-Claude foi uma criança muito bonitinha. Florence mudou de assunto.

Às quintas, dia de dar aula em Dijon, ele saía cedo para ter tempo de passar em Clairvaux e ver os pais. O médico deles, com quem cruzou na frente da casa, o ajudou a descarregar uma caixa de água mineral que tinha levado para eles. Em seu antigo quarto, folheou o material de aulas antigas de toxicologia e

repetiu palavras tranquilizadoras para a mãe a respeito da situação bancária. O promotor questionou se o verdadeiro objetivo da visita não era pegar a espingarda do pai, para a qual havia comprado munição e um silenciador na véspera, mas ele diz que não: ele a havia levado a Prévessin no verão anterior para praticar tiro ao alvo no jardim (nenhum depoimento confirma esse passatempo). No caminho de volta, telefonou para Corinne e a lembrou, com insistência, do jantar com Kouchner no sábado. Depois passou na casa dos Ladmiral para entregar um par de pantufas que Sophie havia esquecido. Diz que esperava ver Luc e lhe contar a verdade, que achava que essa visita seria a última oportunidade, e infelizmente só encontrou Cécile, atarefada: uma amiga tinha acabado de dar à luz, precisava cuidar dos filhos dela. Ele sabia que às cinco da tarde não havia nenhuma chance de Luc estar em casa, estaria no consultório, e lá ele não foi. No fim do dia, como todos os dias, ele telefonou para os pais para desejar boa-noite.

* * *

Na sexta, levou as crianças para a escola, comprou jornais e croissants, ficou esperando junto com um vizinho, que o achou sorridente, a farmácia abrir. Pegou seus frascos de barbitúricos e um pacote de chicletes que supostamente eram bons para os dentes, depois encontrou Florence na floricultura de Ferney. Pediram que entregassem uma azaleia para a mulher que tinha acabado de parir, acompanhada de um bilhete que os dois assinaram. Enquanto ela ia à aula de pintura em porcelana, ele foi ao supermercado Continent, onde comprou dois galões e um objeto que, segundo a nota fiscal, custava quarenta francos. (A acusação avaliou que por esse preço se podia comprar um rolo de massa. Ele acredita se lembrar de uma barra metálica para substituir um degrau quebrado de uma escada, mas ninguém encontrou nem a barra nem a escada quebrada.) Encheu os galões de gasolina no posto do Continent. Ao chegar em

casa para almoçar, havia uma convidada, uma moça loira e descontraída, que era a professora de Caroline. A conversa girava em torno de uma peça de teatro que ela queria que os alunos apresentassem e de como conseguir uma grande quantidade de bandagem para fantasiá-los de múmias. Sempre solícito, ele disse que poderia pegar quanto quisesse no hospital de Genebra e prometeu pensar no assunto. Como as crianças iriam no dia seguinte para a festinha de aniversário da amiga Nina, filha de um diplomata africano, era preciso arranjar um presente. Na saída da escola, toda a família foi comprar uma caixa de Lego num shopping na Suíça. Jantaram na lanchonete, voltaram cedo para casa. Antoine e Caroline, já de pijama, fizeram desenhos para entregar com o presente. Depois que foram se deitar, Florence teve uma longa conversa ao telefone com a mãe, que estava magoada por não ter sido convidada para o casamento de uma prima. Reclamava, cheia de amargor, de ser viúva, de envelhecer, de ter sido abandonada pelos filhos. Sua tristeza invadiu Florence, que, assim que desligou, começou a chorar. Ele se juntou a ela no sofá. Essa é a última imagem que ele guarda. Sentou-se ao lado dela, tomou-a nos braços, tentou consolá-la.

"Não me lembro de suas últimas palavras", diz.

Na autópsia, foi encontrado 0,20 grama de álcool no sangue de Florence, o que significa que, caso ela tenha tido uma noite inteira de sono, foi dormir num estado de quase embriaguez. Ora, mas ela nunca bebia — no máximo uma taça de vinho no jantar, em ocasiões especiais. Podemos imaginar uma briga que começasse com estas palavras: "Eu sei que você está mentindo para mim". Ele se esquiva, ela insiste: por que disse que votou contra a demissão do diretor? Por que você não está no anuário da OMS? A discussão se torna tempestuosa, ela bebe uma taça de vinho para se acalmar, depois mais uma, e uma terceira. Com a ajuda do álcool, com o qual não está acostumada, acaba

pegando no sono. Ele continua acordado, passa a noite se perguntando como sair dessa situação e, de manhã, esmaga a cabeça dela.

Quando esse roteiro é apresentado, ele responde: “Se tivesse acontecido uma briga, por que eu esconderia? Não me sentiria menos culpado, mas seria uma explicação… talvez até mais aceitável… Não consigo dizer com certeza que isso não aconteceu, mas não me lembro de ter acontecido. Eu me lembro das outras cenas de assassinato, que são também horríveis, mas não dessa. Sou incapaz de dizer o que se passou entre o momento em que eu estava consolando Florence no sofá e o momento em que acordei com o rolo de massa manchado de sangue nas mãos”.

A acusação defendia que ele o havia comprado na véspera no supermercado, ele diz que o rolo estava no quarto das crianças, que o pegaram para brincar de massinha. Depois de utilizá-lo, ele o lavou no banheiro, com muito cuidado para que nenhum vestígio de sangue fosse visível a olho nu, depois o guardou.

O telefone tocou. Ele o levou para o banheiro. Era uma amiga de Prévessin, psicóloga, que queria saber se Florence gostaria de participar com ela da missa do catecismo naquela noite de sábado. Ele respondeu que provavelmente não, pois estavam pensando em passar a noite na casa dos pais dele, no Jura. Pediu desculpas por falar baixo: as crianças estavam dormindo, Florence também. Ele se ofereceu para ir chamá-la se fosse urgente, mas a psicóloga disse que não precisava: participaria sozinha da missa.

O toque do telefone acordou as crianças, que invadiram o banheiro. Sempre acordavam com mais facilidade nos dias em que não tinham aula. Ele disse também aos filhos que a mamãe ainda estava dormindo, e os três desceram para a sala. Pôs a fita de *Os três porquinhos* no videocassete, preparou tigelas de sucrilhos de chocolate com leite. Se ajeitaram no sofá para assistir ao desenho comendo cereal, o pai junto deles.

“Eu sabia que, depois de ter matado Florence, mataria também Antoine e Caroline, e que aquele momento na frente da televisão era o último que passaríamos juntos. Fiz carinho neles. Devo ter dito coisas afetuosas, como ‘amo vocês’. Eu sempre fazia isso, e eles costumavam responder com desenhos. Até Antoine, que ainda não sabia escrever direito, sabia escrever ‘eu te amo’.”

Silêncio longo. A presidente, com a voz alterada, sugeriu um intervalo de cinco minutos, mas ele negou com a cabeça; engoliu em seco e então continuou:

“Ficamos assim por uma meia hora, talvez… Caroline notou que eu estava com frio, quis subir para pegar meu roupão… Eu disse que achava que eles estavam quentes, talvez estivessem com febre, e ia medir a temperatura deles. Caroline subiu comigo, eu pedi que se deitasse em sua cama… Fui buscar a espingarda…”

A cena do cachorro se repetiu. Ele começou a tremer, o corpo cedeu. Ele se jogou no chão. Não o víamos mais, os policiais se curvaram em sua direção. Com uma voz aguda de menininho, ele gemeu: “Meu papai! Meu papai!”. Uma mulher saiu do público, correu em direção ao aquário e começou a bater no vidro, implorando “Jean-Claude! Jean-Claude!”, como uma mãe. Ninguém teve coragem de afastá-la.

“O que você disse para Caroline?”, a presidente retomou depois de meia hora de suspensão.

“Não lembro mais… Ela se deitou de bruços… Foi aí que atirei.”

“Continue…”

“Já precisei contar para o juiz de instrução, inúmeras vezes, mas aqui… aqui, eles estão aqui… (choro convulsivo) Atirei uma primeira vez em Caroline… Ela estava com um travesseiro em cima da cabeça… Tive que fingir que era

uma brincadeira… (solta um gemido, de olhos fechados) Atirei… Guardei a espingarda em algum lugar do quarto… Chamei Antoine… e fiz mais uma vez."

"Talvez eu devesse ajudá-lo um pouco, pois os jurados precisam dos detalhes e você não está sendo preciso o bastante."

"… Quando Caroline nasceu, foi o dia mais lindo da minha vida… Ela era linda… (gemidos) … nos meus braços… para o primeiro banho… (espasmo) Eu que a matei… Eu que a matei."

(Os policiais o seguram pelos braços, com uma gentileza aterrorizada.)

"Você não imaginava que Antoine pudesse ouvir os tiros? Você tinha posto o silenciador? Você o chamou com o mesmo pretexto, medir a temperatura? Ele não achou isso estranho?"

"Não tenho a imagem desse momento exato. Ainda eram eles, mas não podia ser Caroline… não podia ser Antoine…"

"Ele não se aproximou da cama de Caroline? Você a havia coberto com o edredom para que ele não desconfiasse…"

(Ele chora.)

"Você disse na instrução que tentou fazer Antoine beber o fenobarbital diluído num copo d'água e que ele recusou dizendo que o gosto era ruim…"

"Foi mais uma dedução… Não tenho a imagem de Antoine dizendo que o gosto era ruim."

"Mais nenhuma explicação?"

"Talvez eu quisesse que ele já estivesse dormindo."

O promotor interveio:

"Em seguida você saiu e foi comprar o *L'Équipe* e o *Le Dauphine Libéré*, e a vendedora da banca de jornais achou que você parecia completamente normal. Era para fingir que nada tinha acontecido, como se a vida seguisse em frente?"

"Não é possível que eu tenha comprado o *L'Équipe*. Nunca leio esse jornal."

“Os vizinhos o viram atravessando a rua para olhar a caixa de correspondência.”

“Será que eu fiz isso para negar a realidade, para fingir?”

“Por que você embalou a espingarda e a guardou com cuidado antes de ir para Clairvaux?”

“Na verdade, para matá-los, é claro, mas devo ter dito a mim mesmo que era para devolvê-la ao meu pai.”

Acostumado à sujeira que o labrador dos pais deixava em suas roupas ao recebê-lo fazendo festa, vestiu uma jaqueta velha e calça jeans, mas pendurou no gancho do carro um terno, para o jantar em Paris. Na mochila pôs uma camisa extra e o nécessaire.

Ele não se lembra do caminho até lá.

Ele se lembra de estacionar na frente da estátua da Virgem Maria de que o pai cuidava, pondo flores toda semana. Ele o vê abrindo o portão. Depois, não tem mais lembranças até sua morte.

Sabe-se que os três almoçaram juntos. Ainda havia talheres e louça na mesa quando tio Claude entrou na casa, dois dias depois, e a autópsia revelou que o estômago de Aimé e Anne-Marie estavam cheios. Ele também comeu? A mãe insistiu para que comesse? Sobre o que conversaram?

Ele tinha pedido aos filhos que subissem ao andar de cima, um por vez, e fez o mesmo com os pais. Primeiro o pai, que levou até seu antigo quarto com a desculpa de verificarem um duto de ventilação que estava exalando um cheiro ruim. A menos que tenha feito isso quando chegou, ele precisou subir a escada com a espingarda na mão. O estojo da espingarda não estava no segundo andar, ele talvez tenha dito que ia dar uns tiros no jardim pela janela, ou mais provavelmente não disse nada. Por que Aimé Romand ficaria perturbado em ver seu filho carregando a espingarda que ele mesmo tinha ido comprar no seu

aniversário de dezesseis anos? O velho, que não conseguia se inclinar devido a problemas na lombar, deve ter se ajoelhado para mostrar o duto com defeito, na altura do rodapé. Foi então que levou dois tiros nas costas. Ele caiu para a frente. O filho o cobriu com uma colcha de veludo cotelê cor de vinho que continuava igual desde a sua infância.

Em seguida, foi procurar a mãe. Ela não tinha escutado os tiros, disparados com o silenciador. Ele a levou até a sala que não costumavam usar. Foi a única a levar tiros de frente. Ele deve ter tentado fazê-la virar de costas, mostrando alguma coisa. Será que ela se virou mais cedo que o previsto e viu o filho apontar a espingarda para ela? Será que disse: "Jean-Claude, o que está acontecendo comigo?", ou "o que está acontecendo com você?", como ele se lembrou em um dos interrogatórios, para depois dizer que não tinha mais nenhuma lembrança e sabia disso somente pelos autos do processo? Da mesma maneira incerta, tentando reconstituir os fatos como nós, ele disse que, ao cair, ela perdeu a dentadura e ele a pôs de volta, antes de cobrir o corpo da mãe com uma colcha verde.

O cachorro, que tinha subido com ela, corria de um corpo ao outro sem entender, soltando pequenos gemidos. "Pensei que Caroline devia ficar com ele", disse. "Ela o adorava." Ele também o adorava, a ponto de levar sempre consigo, na carteira, uma foto do cachorro. Depois de abatê-lo, o cobriu com um edredom azul.

Desceu de volta ao térreo com a espingarda, que limpou na água fria, pois o sangue sai melhor na água fria, e a guardou de volta no estojo. Trocou o jeans e a jaqueta velha pelo terno, mas não mudou de camisa: estava transpirando, seria melhor fazer isso ao chegar em Paris. Telefonou para Corinne e combinaram de se encontrar na igreja de Auteuil, onde ela levaria as filhas à missa das escoteiras. Ele trancou a casa cuidadosamente e pegou a estrada por volta das duas da tarde.

“Ao ir embora de Clairvaux, fiz o que sempre fazia: me virei para olhar o portão e a casa. Sempre fazia isso porque meus pais eram idosos e doentes, e eu me dizia que talvez fosse a última vez que os veria.”

Como disse a Corinne que faria o possível para assistir à missa com ela e as filhas, passou a viagem toda de olho no relógio e no número de quilômetros que faltavam para chegar a Paris. Antes de pegar a rodovia, na estrada local de Lons-le-Saunier, onde há muitas lombadas, ele se lembra de ter dirigido um pouco perigosamente, coisa que nunca fazia. Era sábado à noite: ficou nervoso no pedágio, onde a fila de carros andava devagar, depois na marginal de Paris. Pensava que levaria quinze minutos entre a Porte d’Orléans e a Porte d’Auteuil e levou quarenta e cinco. A missa não estava acontecendo na nave da igreja, e sim numa capela subterrânea cuja entrada ele teve dificuldade para encontrar. Como chegou atrasado, ficou no fundo e não foi comungar: disso ele tem certeza, pois se tivesse comungado teria ido depois se sentar ao lado de Corinne. Em vez disso, saiu primeiro e as esperou do lado de fora. Deu um beijo nas duas menininhas, que não via há mais de ano, e os quatro voltaram para a casa de Corinne. Ele conversou com a babá. Léa e Chloé lhe mostraram os presentes que tinham ganhado no Natal, enquanto a mãe se maquiava e se trocava. Quando saiu, ela estava usando um tailleur rosa e o anel que ele lhe dera de presente como pedido de desculpas pela primeira declaração. Na marginal, que eles tomaram no sentido inverso, ela pediu o dinheiro. Ele se desculpou por não ter tido tempo de passar em Genebra, mas iria na manhã de segunda-feira sem falta e pegaria o voo de 12h15; ela estaria com o dinheiro no começo da tarde. Ela ficou um pouco contrariada, mas a perspectiva do jantar grandioso que os aguardava fez com que esquecesse o assunto. Saíram da rodovia em Fontainebleau e, desse ponto em diante, ela o orientou usando um mapa no qual ele tinha marcado ao acaso uma cruz, indicando onde seria a

casa de Kouchner. Estavam procurando "uma estradinha à esquerda". O mapa não era muito detalhado, o que no início explicava a dificuldade em se localizar. Depois de uma hora dando voltas na floresta, ele parou para procurar no porta-malas um papel onde tinha anotado o número de telefone de Kouchner, mas não o encontrou. Corinne estava começando a ficar preocupada com o atraso, ele a tranquilizou: os outros convidados, também pesquisadores, viriam de Genebra e não chegariam antes de dez e meia. Para distraí-la, começou a falar da grande mudança que em breve faria para Paris, da direção do Inserm que enfim tinha aceitado, de seu apartamento funcional em Saint-Germain-des-Prés. Descreveu a planta para ela, especificando que pretendia morar ali sozinho. Na noite da véspera, Florence e ele haviam conversado longamente sobre como suas vidas estavam caminhando e, em comum acordo, decidiram que seria melhor assim. O mais difícil, ele disse, suspirando, seria não ver mais os filhos todos os dias. Eles deviam estar em Annecy, na casa da avó; tinham passado a tarde num aniversário… Corinne estava perdendo a paciência. Ele diz que só pensava em ganhar tempo e encontrar um motivo plausível para cancelar o jantar. Parou de novo em um local de piquenique, decidido a revirar o porta-malas do avesso até encontrar o número de telefone de Kouchner. Passou alguns minutos fuçando em caixas velhas que continham livros, revistas e também uma fita, na qual ele gravara, com a filmadora, momentos da viagem deles para São Petesburgo, dois anos antes. Bastou olhar de relance para Corinne, cada vez mais tensa na parte da frente do carro, para se convencer de que não era o momento de evocar essas doces lembranças. Voltou, pesaroso, dizendo que não estava encontrando o papel. Mas tinha encontrado um colar que prometera lhe dar de presente. Corinne se exasperou: isso não fazia o menor sentido. Mas ele insistiu e acabou convencendo-a a usá-lo, pelo menos naquela noite. Ela desceu do carro para que ele colocasse o

colar, como havia feito com todas as joias que lhe dera: pedindo que fechasse os olhos.

Ela sentiu primeiro no rosto e no pescoço a ardência espumosa do gás lacrimogêneo. Entreabriu os olhos, fechou-os de novo imediatamente porque se abria, ardiam ainda mais e, enquanto ele continuava a espirrá-lo, começou a se debater, a lutar com todas as suas forças, de tal modo que ele teve a impressão de que era ela quem o agredia. Eles se enroscaram ao longo da lateral do carro. Contra a barriga de Corinne, uma barra cilíndrica e dura disparava cargas elétricas: era o taser que ele tinha imaginado lhe dar de presente. Certa de que ia morrer, ela gritou: "Eu não quero! Não me mate! Pense em Léa e Chloé!" e abriu os olhos.

Olhar para ele foi o que salvou sua vida. De repente, tudo parou.

Ele estava de pé diante dela, paralisado, o rosto perturbado, as mãos estendidas à frente: não era mais o gesto de um assassino, estava mais para o de um homem tentando tranquilizar alguém numa crise nervosa.

"Mas, Corinne", ele ficava dizendo baixinho, "mas, Corinne, se acalme…"

Ele a levou para se sentar no carro, onde os dois se recompuseram como se tivessem escapado de um ataque de uma terceira pessoa. Limparam o rosto com lenços de papel e água mineral. Ele deve ter virado o gás contra si mesmo, pois também estava com a pele e os olhos irritados. Depois de um tempo, ela perguntou se ainda iam jantar na casa de Kouchner. Decidiram que não e ele deu partida no carro, saiu do local de piquenique, tomou a estrada em sentido inverso dirigindo bem devagar. Aquilo que tinha acabado de acontecer parecia tão incompreensível para ele quanto era para ela, e, no estado de estupor em que se encontrava, ela estava quase sendo convencida de que tinha sido ela quem começara. Mas conseguiu resistir. Explicou pacientemente para ele que não, tinha sido ele. Contou como foi que aconteceu. Ele escutava, aquiescendo com a cabeça, assustado.

No primeiro vilarejo, quis telefonar para Kouchner para se desculpar, e ela sequer se surpreendeu com o fato de que agora ele tinha o número. Ficou no carro, cuja chave ele, maquinalmente ou não, tirou do contato antes de caminhar até a cabine telefônica. Ela ficou olhando para ele, debaixo da luz néon, conversando ou fingindo conversar. O juiz tentou saber se ele tinha discado um número: ele não se lembra, mas acha que talvez tenha telefonado para si mesmo, em Prévessin, e escutado a mensagem da secretária eletrônica.

Quando voltou, ela perguntou se ele tinha pegado o colar do chão e ele respondeu que não, mas estava tudo bem: guardara a nota fiscal, o seguro cobriria. Ela se deu conta de que em nenhum momento viu esse colar, mas, no meio das folhas mortas ao lado do carro, avistou um cordão de plástico flexível que parecia ideal para estrangular uma pessoa. Durante toda a viagem de volta, que durou mais de duas horas porque ele estava dirigindo muito devagar, ela teve medo de ele ser novamente tomado pela crise assassina e, para distraí-lo, conversou com ele ao mesmo tempo como amiga fiel e profissional de psicologia. Ele punha a culpa na doença. Aquele câncer que não se contentava em matá-lo, mas também o enlouquecia. Nos últimos tempos ele sofrera muitas vezes esses momentos de ausência, brancos, dos quais não se lembrava. Ele chorava. Ela aquiescia, com uma expressão de competência e compreensão, mas na verdade estava morrendo de medo. Ele precisava muito, muito mesmo, marcar uma consulta. Com quem? Um psiquiatra? Isso, ou um psicoterapeuta, ela podia indicar profissionais muito bons. Ou então ele podia recorrer a Kouchner. Era um amigo próximo, ele sempre disse isso, um sujeito profundamente sensível e humano, podia ser uma boa ideia conversar com ele sobre tudo aquilo. Chegou a se oferecer, ela mesma telefonaria para Kouchner e contaria a ele, sem drama, o que tinha acontecido. Sim, ele concordava, era uma boa ideia. Esse arranjo carinhoso de Kouchner e Corinne para salvá-lo de seus demônios o comovia. Ele voltou a chorar, ela também. Os dois estavam

chorando quando ele a deixou na frente de casa, à uma da manhã. Ele a fez prometer que não contaria nada a ninguém, e ela, que ele pegaria o dinheiro, todo o seu dinheiro, na segunda-feira. Cinco minutos depois, ele telefonou para ela de uma cabine telefônica de onde conseguia ver as janelas ainda iluminadas de seu apartamento. “Você me promete”, ele disse, “que não vai pensar que isso foi premeditado? Se eu quisesse matá-la, teria feito isso no seu apartamento, e teria matado suas filhas também.”

O sol já tinha nascido quando ele chegou em Prévessin. Tinha dormido um pouco num ponto de parada na altura de Dijon, porque o cansaço o fizera avançar para a pista ao lado e ele temia provocar um acidente. Estacionou na frente de casa, cujas cortinas havia fechado antes de sair. Lá dentro estava tudo bem, a sala um pouco bagunçada, mas de um jeito acolhedor, exatamente como ele a teria encontrado ao voltar de um fim de semana em Clairvaux ou no passo de La Faucille. Os desenhos que as crianças fizeram para o aniversário de Nina ainda estavam em cima da mesa, assim como as coroas da torta do Dia de Reis. A árvore de Natal tinha perdido a maioria das suas agulhas, mas eles protestavam quando ele falava em jogá-la fora, pedindo para esperar mais um pouco; era um joguinho que faziam toda vez e que, no ano anterior, conseguiram estender até o meio de fevereiro. Como fazia sempre ao chegar em casa, ele arrancou a folhinha do calendário e consultou a secretária eletrônica. Ou não havia mensagens, ou ele as apagou. Cochilou um pouco no sofá.

Por volta das onze horas, teve medo de que, ao verem seu carro, amigos aparecessem para uma visita inesperada e saiu para guardá-lo no estacionamento do centro de Prévessin. Foi provavelmente nesse momento que escreveu, no verso de um envelope, o bilhete que tanto intrigou os investigadores. Ao voltar para casa, cruzou com Cottin e se cumprimentaram.

O farmacêutico perguntou se ele estava fazendo jogging. Uma pequena caminhada, ele respondeu.

Bom domingo.

Há dois elementos disponíveis para reconstituir o restante do dia dele.

O primeiro é uma fita VHS que ele pôs para rodar no lugar de *Os três porquinhos*. Durante 180 minutos, ele gravou fragmentos da transmissão de diferentes canais da TV por satélite: programas de variedades e esportivos, aquilo que costuma passar numa tarde de domingo, mas entrecortados, porque ele zapeou freneticamente, um segundo num canal, dois segundos em outro. O todo resulta num caos lúgubre e impossível de assistir, que os investigadores, mesmo assim, foram obrigados a ver. Levaram tão a sério que identificaram cada uma dessas microssequências e, assistindo aos programas de cada um dos canais transmissores, estabeleceram o horário exato em que foram gravados. Disso se conclui que ele ficou no sofá brincando com o controle remoto das 13h10 às 16h10, mas também que ele começou quando a fita VHS estava pela metade; quando chegou ao fim, ele se deu ao trabalho de rebobiná-la e gravar por cima de toda a primeira parte da fita enquanto zapeava, o que deve indicar que ele queria apagar uma gravação anterior. Como ele diz que não tem nenhuma recordação disso, resta ficar nas conjecturas. O mais provável é que se tratasse de imagens de Florence e das crianças: férias, aniversários, a família sendo feliz. No entanto, ao longo do interrogatório sobre suas compras em sex shops e sobre as fitas pornô a que ele às vezes assistia, segundo ele com a esposa, ele acrescenta que até chegou a gravar, com sua filmadora, suas brincadeiras sexuais. Não sobrou nenhum vestígio da fita, se é que ela existiu, e o juiz se perguntou se não foram essas imagens que, no último dia, ele destruiu tão metodicamente. Ele diz que não, acha que não.

Além disso, as faturas detalhadas da France Télécom mostram que, entre 16h13 e 18h49, ele telefonou nove vezes para o número de Corinne. A duração desses telefonemas, idêntica e breve a cada vez, confirma que por nove vezes ele se contentou em escutar a mensagem da secretária eletrônica. Na décima ela atendeu e eles conversaram durante treze minutos. As lembranças deles a respeito dessa conversa coincidem. Ela havia tido um dia terrível, dizia estar muito assustada, as queimaduras ainda doíam, e ele se solidarizava, compreendia, pedia desculpas, falava do próprio estado depressivo. Considerando a condição em que estava e a doença dele, ela não falaria com a polícia, como qualquer outra pessoa sensata faria, ressaltou, mas ele precisava ver alguém com urgência, precisava falar com Kouchner ou com quem ele quisesse, e sobretudo precisava cumprir a promessa de, logo na manhã seguinte, ir buscar seu dinheiro. Ele jurou que estaria no banco na hora que abrisse.

Ele não tinha subido ao andar de cima desde que voltara, mas sabia o que encontraria lá. Estendera as cobertas com cuidado, mas sabia o que havia por baixo delas. No cair da noite, entendeu que tinha chegado a hora de morrer, por tanto tempo adiada. Ele diz que começou os preparativos na mesma hora, mas está enganado: ainda demorou. Foi só depois da meia-noite, ou então, segundo os peritos, em torno das três da manhã, que despejou o conteúdo dos galões comprados e abastecidos de gasolina no Continent; primeiro no sótão, depois em cima das crianças, de Florence e na escada. Depois se despiu, pôs o pijama. Um pouco antes das quatro horas, botou fogo primeiro no sótão, depois na escada, por fim no quarto das crianças e entrou no seu. Teria sido mais garantido tomar os barbitúricos antes, mas ele deve ter esquecido ou eles se perderam, porque acabou recorrendo a um frasco de pentobarbital que estava guardado havia mais de dez anos no fundo do armário de remédios. Na época, tinha pensado em usá-lo para aliviar a agonia de um dos cachorros, mas

acabou não sendo necessário. Depois pensou em jogar fora, porque a data de validade havia expirado em muito. Deve ter pensado que funcionaria mesmo assim e, quando os garis que notaram o incêndio no telhado durante a ronda da manhã começaram a bater na porta de entrada, ele engoliu uns vinte comprimidos. A eletricidade caiu, a fumaça começou a invadir o cômodo. Ele empurrou algumas roupas contra o vão debaixo da porta para vedar o quarto, depois quis se deitar ao lado de Florence, que, debaixo do edredom, parecia estar dormindo. Mas estava enxergando mal, os olhos ardiam, ainda não tinha posto fogo no quarto e os bombeiros, cuja sirene ele garante não ter escutado, já estavam lá. Sem conseguir mais respirar, arrastou-se até a janela e a abriu. Os bombeiros ouviram o estampido da veneziana. Levantaram a escada para socorrê-lo. Ele perdeu os sentidos.

Quando saiu do coma ele negou tudo, a princípio. Um homem de preto que arrombara sua casa tinha atirado nas crianças e botado fogo. Ele ficou paralisado, impotente, tudo aconteceu diante dos seus olhos, como um pesadelo. Quando o juiz o acusou do massacre de Clairvaux, ele ficou indignado: "Ninguém mata o próprio pai e a própria mãe, é o segundo mandamento de Deus". Quando provou que ele não era pesquisador da OMS, disse que trabalhava como consultor científico para uma empresa chamada South Arab United sei lá o quê, no Quai des Bergues, em Genebra. Foram verificar, não havia nenhuma South Arab United sei lá o quê no Quai des Bergues, ele cedeu nesse ponto e logo inventou outra coisa. Durante sete horas de interrogatório, lutou minuto a minuto contra as evidências. Por fim, fosse por cansaço ou porque seu advogado explicou que aquele sistema de defesa absurda o prejudicaria depois, ele confessou.

Psiquiatras foram encarregados de examiná-lo. Ficaram chocados com a exatidão das declarações e com sua preocupação constante em causar boa impressão. Provavelmente estava minimizando a dificuldade de causar boa impressão depois de ter massacrado a família após enganar e trapacear pessoas próximas durante dezoito anos. Provavelmente estava também tendo dificuldade de se dissociar do personagem que interpretara todos aqueles anos, pois para obter a simpatia dos outros ele ainda empregava as técnicas que fizeram o sucesso do dr. Romand: calma, ponderação, atenção quase afetada às

expectativas do interlocutor. Tal controle dava notícia de uma confusão preocupante, pois, em seu estado normal, o dr. Romand era inteligente o bastante para entender que, dadas as circunstâncias, ficar prostrado, mostrar incoerência ou uivar feito um bicho mortalmente ferido teriam contado mais a seu favor que manter aquele comportamento de normalidade. Ele acreditava estar agindo de modo correto e não percebia como desorientava os psiquiatras ao lhes fazer um relato perfeitamente articulado de sua impostura, mencionando a esposa e os filhos sem emoção alguma, como um viúvo bem-educado que faz questão de não deixar que o luto entristeça os outros, e manifestando um único incômodo, por fim, referente aos soníferos que lhe estavam dando e que o preocupavam pela possibilidade de criarem dependência — preocupação que os psiquiatras julgaram "deslocada".

Ao longo das entrevistas seguintes o viram chorar convulsivamente e emitir sinais agudos de sofrimento, mas não sabiam dizer se ele sentia aquilo de verdade ou não. Tinham a impressão perturbadora de estar diante de um robô privado de qualquer capacidade de sentir, mas programado para analisar estímulos externos e ajustar suas reações a eles. Acostumado a funcionar segundo o programa "dr. Romand", ele precisou de um tempo de adaptação para desenvolver um novo programa, "Romand, o assassino", e aprender a rodá-lo.

Luc teve um choque, duas semanas depois do incêndio, ao abrir a caixa de correspondência e reconhecer num envelope a letra do morto-vivo. Ele o abriu apavorado, leu por alto o que estava escrito e enviou a carta imediatamente ao juiz de instrução, porque não queria ficar com aquilo debaixo de seu teto. Era uma carta maluca, na qual ele reclamava das suspeitas monstruosas que pesavam contra si e pedia que ele arrumasse um bom advogado. Alguns dias antes, Luc teria tentado acreditar que a verdade estava nessas linhas tremidas,

não no conjunto impressionante de provas reunido pelos investigadores. Mas, depois das negações, os jornais haviam enfim publicado as confissões do assassino. Quando a carta chegou, já não fazia mais sentido.

Na volta do enterro de Florence e das crianças, Luc enviou a ele um bilhete curto, informando que a cerimônia transcorrera de maneira digna e que tinham rezado pelos mortos e por ele. Logo Luc recebeu outra carta, em que o preso evocava "o encontro com um capelão que me ajudou muito a retornar à Verdade. Mas essa realidade é tão horrível e difícil de suportar que temo me refugiar em um novo mundo imaginário e perder novamente uma identidade muito precária. O sofrimento de ter perdido toda a minha família e todos os meus amigos é tamanho que tenho a impressão de estar sob uma anestesia moral… Obrigado por suas preces. Elas vão me ajudar a manter a fé e a suportar esse luto e essa angústia imensa. Um abraço! Eu amo vocês!… Se encontrarem amigos de Florence ou membros de sua família, peça-lhes perdão em meu nome".

Apesar de um ímpeto de sentir pena, Luc pensou que essa devoção era um refúgio um tanto fácil. Por outro lado, quem sabe? Sua própria fé o impedia de julgar. Ele não respondeu, mas leu a carta para Jean-Noël Crolet, o irmão de Florence de quem era mais próximo. Os dois conversaram por muito tempo, avaliando que Jean-Claude falava mais dos próprios sofrimentos e nada a respeito de quem tinha "perdido". Quanto à última frase, deixou Jean-Noël atônito: "Ele acha que é assim? Que alguém pode pedir perdão em seu nome? Como se dissesse: diga 'olá' em meu nome?".

* * *

No começo do verão os psiquiatras o viram novamente, em melhor forma: havia recuperado os óculos, que lhe fizeram muita falta no início, e alguns pertences pessoais. Explicou espontaneamente a eles que quis se suicidar no dia

1º de maio, data em que se declarou a Florence e que comemoravam todo ano. Arranjou algo com que se enforcar, decidido que dessa vez iria até o fim. Mas, na manhã do dia fatídico, acabou enrolando um pouco e, nesse meio-tempo, ficou sabendo pelo rádio que Pierre Bérégovoy tinha acabado de se suicidar também. Atormentado por terem lhe roubado a cena, adivinhando nisso um sinal que exigia ser interpretado, adiou a realização do projeto e então, depois de uma conversa com o capelão — segundo ele, uma conversa decisiva, embora seja pouco provável que o oposto fosse acontecer, um padre o encorajasse a se enforcar —, tomou a solene resolução de desistir. Diz que, desse dia em diante, ele "se condenou a viver", para dedicar seu sofrimento à memória de sua família. Ainda extremamente preocupado com o que pensam dele, segundo os psiquiatras, entrou numa fase de orações e meditação, associadas a longos jejuns para se preparar para a eucaristia. Vinte e cinco quilos mais magro, ele avalia que saiu do labirinto dos fingimentos, habitando um mundo dolorido, mas "verdadeiro". "A verdade vos libertará", disse Cristo. E ele: "Nunca fui tão livre, nunca a vida foi tão bonita. Sou um assassino, minha imagem é a pior que pode existir numa sociedade, mas isso é mais fácil de suportar que os vinte anos anteriores de mentira". Depois de ratear um pouco, o novo programa parece ter dado certo. O personagem do pesquisador respeitado foi substituído por aquele, não menos gratificante, do grande criminoso no caminho da redenção mística.

Outra equipe de psiquiatras deu continuidade ao trabalho da primeira e formulou o mesmo diagnóstico: o romance narcísico continua na prisão, o que permite a seu protagonista evitar mais uma vez o transtorno depressivo maior com o qual brincou de esconde-esconde durante toda a vida. Ao mesmo tempo, ele tem consciência de que qualquer esforço de compreensão de sua parte é percebido como uma recuperação condescendente e que os dados estão viciados. "Ele nunca será capaz de se perceber como alguém autêntico", conclui

o relatório, “e ele mesmo tem medo de nunca saber se é. Antes, as pessoas acreditavam em tudo que ele dizia, agora ninguém acredita mais em nada e ele mesmo não sabe em que acreditar, pois não tem acesso à própria verdade, mas a reconstrói com ajuda das interpretações que os psiquiatras, o juiz e a imprensa lhe fornecem. Uma vez que não pode ser descrito atualmente como em estado de grande sofrimento psíquico, parece difícil obrigá-lo a fazer um tratamento psicoterapêutico que ele não solicitou, de modo que se contenta com um intercâmbio de realidade com uma visitante voluntária. Resta torcer para que, ainda que seja pagando o preço de uma depressão melancólica, cujo risco permanece elevado, ele consiga ter acesso a defesas menos sistemáticas, mais ambivalência e autenticidade.”

Quando estavam saindo da entrevista com ele, um dos psiquiatras disse a seu colega: “Se ele não estivesse preso, já teria aparecido no programa da Mireille Dumas!”.

Os Ladmiral receberam outras cartas — na Páscoa, no aniversário das crianças. Os pais não as mostraram aos filhos. Luc, a quem as cartas inspiravam um mal-estar violento, as lia muito rápido e depois as guardava na ficha de um paciente que ele inventou, na prateleira mais alta do consultório, onde foi buscá-las para mim. A última data do fim de dezembro:

“… Deixo meus pensamentos e minhas preces voarem livremente em sua direção, eles hão de chegar a vocês, aqui ou em outro lugar. Apesar de tudo que nos separa e das tuas ‘cicatrizes definitivas’, que entendo e são legítimas, tudo aquilo que nos aproximou no passado talvez continue nos unindo para além do tempo, na comunhão dos vivos e dos mortos. Que o Natal, que para nós, cristãos, é o símbolo do mundo salvo pela Palavra tornada homem, tornada criança, seja para vocês todos uma fonte de alegria. Desejo mil felicidades a vocês.

P.S.: Talvez eu tenha sido inconveniente em escrever no aniversário de Sophie e Jérôme. Como hoje, antes de pegar a caneta eu rezei, e aquelas palavras me foram ditadas por um impulso do coração em comunhão com Florence, Caroline e Antoine."

"Obrigado pelas mil felicidades que você desejou a nós. Algumas poucas nos bastam", Luc obrigou-se a responder, porque era Natal. A correspondência deles foi interrompida nesse ponto.

Aquele ano e os dois seguintes foram de luto e preparação para o julgamento. Os Ladmiral viviam como pessoas que quase pereceram num terremoto e não conseguem mais dar um passo sem apreensão. Podem dizer que estão "em terra firme", mas sabem que isso é um engodo. Nada mais é firme nem confiável. Eles precisaram de muito tempo para conseguir confiar de novo em alguém. As crianças, como muitos de seus amiguinhos, foram acompanhadas por uma psicóloga, aquela que tinha telefonado logo depois da morte de Florence para saber se ela gostaria de participar da missa na mesma noite. Sophie se sentia culpada: se estivesse lá, sua presença talvez tivesse impedido o padrinho. Já Cécile pensava que ele a teria matado também e agradecia aos céus por sua filha não ter passado aquela noite na casa dos Romand, como fizera tantas vezes. Cécile tinha acessos repentinos de choro ao encontrar cartões-postais dos amigos dentro de livros, usados como marcadores de página. Não suportava mais dançar, coisa que ela e Florence adoravam. Quanto a Luc, estava obcecado com a perspectiva de seu depoimento. Ele foi convocado duas vezes pelo juiz de instrução, em Bourg-en-Bresse. O magistrado primeiro lhe pareceu frio feito gelo, mas aos poucos foi relaxando, e Luc tentou lhe mostrar que, se você conhece o fim da história, é fácil considerar Romand um monstro e seus amigos um bando de burgueses do interior ridiculamente ingênuos, mas que antes era diferente. "Parece idiota dizer isso, mas, você sabe, ele era um sujeito profundamente *gentil*. Não muda

nada do que ele fez, isso o torna ainda mais terrível, mas ele era gentil." Apesar da longa duração dos interrogatórios, oito e dez horas, ele saiu de lá torturado pela angústia de ter deixado o mais importante de fora. Começou a acordar durante a noite para anotar as lembranças que lhe ocorriam: uma viagem para a Itália com Jean-Claude quando tinham dezoito anos, uma conversa ao redor da churrasqueira, um sonho que retrospectivamente parecia premonitório… A preocupação em construir uma narrativa completa e coerente para apresentar na tribuna fez com que ele aos poucos revisse sua vida inteira à luz dessa amizade, que tinha sido devorada por um abismo e quase devorou junto tudo aquilo em que acreditava.

Seu depoimento foi mal recebido e ele sofreu com isso. Nos bancos da imprensa, chegava-se a sentir pena do réu por ter como melhor amigo aquele sujeito cheio de si, imbuído de uma moral tão tacanha. Depois entendi que ele havia ralado feito um louco, como se estivesse se preparando para uma prova oral, e que essa prova era a mais importante de sua vida. Era sua própria vida que ele vinha justificar. Tinha motivo para empinar o nariz.

Agora acabou. O homem que visitei depois do julgamento avalia que ele e sua família "atravessaram a fumaça e saíram ilesos do outro lado". Ainda há vestígios, o passo às vezes vacila, mas encontraram terra firme. Enquanto conversávamos, Sophie voltou da escola e, na presença dela, sem baixar a voz, ele continuou a falar sobre quem tinha sido o padrinho dela. Ela estava com doze anos, nos escutava com atenção e uma expressão séria. Chegou a interromper para especificar alguns detalhes, e pensei que era uma grande vitória daquela família falar sobre o assunto abertamente.

Em alguns dias de graça, Luc consegue rezar pelo preso, mas não escrever para ele nem o visitar. É uma questão de sobrevivência. Acha que ele "escolheu o inferno na terra". Como cristão que é, isso o perturba profundamente, mas o

cristianismo, diz ele, acolhe o mistério. Ele se curva. Ele aceita não compreender tudo.

Ele acaba de ser eleito presidente da associação gestora de Saint-Vincent.

Os sacos plásticos cinza continuam a assombrar seus sonhos.

A mulher que, na segunda crise, quando o réu contou sobre a morte das crianças, se precipitou em direção a ele repetindo seu nome chama-se Marie-France. Visitante voluntária em prisões, começou a vê-lo em Lyon, pouco tempo depois de ele ter saído do coma, e continuou a ir toda semana a Bourg-en-Bresse. Foi ela quem lhe deu *A colônia de férias* de presente. À primeira vista, tem a aparência comum de uma senhora, de roupa azul-escura, por volta dos sessenta anos. Num segundo momento, impressiona por algo que é ao mesmo tempo cheio de vida e tranquilizador, que deixa você imediatamente à vontade. Meu projeto de escrever a história de Jean-Claude lhe inspira uma confiança que me surpreendeu e que eu não sabia se merecia.

Ao longo do relato dos assassinatos, ela não parou de pensar em outro momento terrível para ele, a série de reconstituições em dezembro de 1994. Tinha medo de que ele não fosse sobreviver. Em Prévessin, inicialmente ele se recusou a sair do furgão da polícia. Por fim entrou na casa e até subiu ao segundo andar. No momento de passar pela porta de seu quarto, pensou que alguma coisa sobrenatural ia acontecer: talvez fosse fulminado ali mesmo. Não conseguiu fazer os gestos que correspondiam a suas declarações. Um policial se deitou na cama e outro, armado com um rolo de massa, fingiu bater nele, em diferentes posições. Ele deveria indicar, corrigir, como se o dirigisse. Eu tinha visto as fotos das reconstituições, eram sinistras e ao mesmo tempo pareciam meio que um teatro de marionetes. Depois, precisaram passar para o quarto

das crianças; no que restava das camas puseram dois manequins pequenos, vestidos com pijamas comprados para a ocasião, cuja nota fiscal consta dos autos. O juiz quis que ele segurasse a espingarda, mas ele não conseguiu: desmaiou. Passou o resto do dia sentado numa poltrona no térreo, enquanto um policial interpretava seu papel. O andar de cima havia sido devastado pelo incêndio, mas a sala estava exatamente igual a quando ele voltara de Paris na manhã de domingo, inclusive com o desenho das crianças e as coroas da torta do Dia de Reis. O juiz mandou lacrar a fita que estava no videocassete e a da secretária eletrônica, a qual o obrigou a ouvir alguns dias depois. Foi nesse momento que o raio caiu em cima dele. A primeira mensagem era do verão anterior. Era a voz de Florence, muito feliz, muito carinhosa, dizendo: "Oi, somos nós, chegamos bem, estamos esperando você vir nos encontrar, tome cuidado na estrada, nós te amamos". E Antoine, atrás dela: "Um beijo, papai, eu te amo, eu te amo, eu te amo, vem logo". Ao escutar isso e ao assisti-lo escutando, o juiz começou a chorar. E ele, desde então, não parou mais de escutar essa mensagem. Repetia sem parar aquelas palavras que rasgavam seu coração e ao mesmo tempo o consolavam. Eles chegaram bem. Eles estão me esperando. Eles me amam. Preciso tomar cuidado na estrada que me levará até eles.

Como Marie-France tinha conseguido autorização para encontrá-lo entre as audiências, perguntei se ela estava a par de uma história que o advogado dele me contou: no primeiro dia do processo, ele teria se lembrado, por uma espécie de iluminação, do verdadeiro motivo de seu esquivamento inicial.

"Ah, sim! Abad não quis que ele contasse porque não estava nos autos e, segundo ele, perturbaria os jurados. Acho que ele errou, era importante saberem. Na manhã da prova, quando estava saindo de casa, Jean-Claude encontrou uma carta na caixa de correspondência. Era de uma moça que estava

apaixonada por ele e que ele tinha rejeitado porque amava Florence. Dizia que, quando ele abrisse aquela carta, ela estaria morta. Ela tinha se suicidado. É por isso, porque ele se sentiu tão culpado por essa morte, que não foi fazer a prova. Foi como tudo começou."

Eu fiquei pasmo.

"Espere um pouco. Você acredita nessa história?"

Marie-France olhou para mim surpresa.

"Por que ele mentiria?"

"Não sei. Quer dizer, sei sim. Porque ele mente. É o jeito dele de ser, ele não sabe existir de outra maneira, e acho que faz isso mais para enganar a si mesmo do que para enganar os outros. Se essa história é verdade, deveria ser possível verificá-la. Não verificar que uma moça se suicidou por ele, talvez, mas pelo menos que uma moça que ele conhecia se suicidou naquela época. Bastaria dizer o nome dela."

"Ele não quer dizer. Em respeito à família."

"Claro. Ele também não quer dizer quem era o pesquisador de quem comprava os comprimidos contra o câncer. Bom, ao contrário de você, acho que Abad tem mil motivos para dizer a ele que guarde essa história para si."

Minha incredulidade confundia Marie-France. Ela era tão incapaz de contar uma mentira que a ideia de que isso fosse uma história para boi dormir sequer tinha lhe ocorrido.

Abad, que a citou como testemunha da defesa, contava com ela para corrigir a impressão que a testemunha anterior, citada pela acusação, provocaria: aquela lá, me confidenciou com um suspiro pesado, ele daria tudo para estar em outro lugar quando se apresentasse na tribuna.

A sra. Milo, uma loirinha já não tão jovem, mas charmosa, era a professora cujo caso com o diretor provocara o escândalo na escola Saint-Vincent. Ela começou evocando "momentos difíceis" que os dois tinham vivido e o apoio

que os Romand lhes deram. Alguns meses depois do bafafá, o ex-diretor recebeu, da prisão de Bourg-en-Bresse, uma carta que era um pedido de socorro. Ele mostrou a ela, que ficou comovida. Depois de um tempo terminaram, ele foi trabalhar como diretor de uma escola no sul e a sra. Milo começou a escrever para o presidiário. Tinha sido professora de Antoine, cuja morte traumatizou profundamente os alunos do jardim de infância: eles falavam disso sem parar, a aula se transformava numa terapia de grupo. Um dia, ela pediu aos alunos que fizessem juntos um lindo desenho "para uma pessoa passando por um momento difícil" e, sem lhes dizer que a pessoa passando por um momento difícil era o pai e assassino de Antoine, enviou o desenho para ele, em nome de todos. Ele respondeu efusivamente, ela leu a resposta na sala de aula.

Abad afundou a cabeça com tudo nos seus papéis, o promotor balançava a cabeça com uma expressão pensativa. A sra. Milo, percebendo o mal-estar, se calou. A presidente precisou incentivá-la:

"A senhora visitou Jean-Claude na prisão e desenvolveu uma relação amorosa com ele."

"Isso é um exagero…"

"Os vigias relatam 'beijos voluptuosos' no parlatório."

"Isso é um exagero…"

"Na correspondência apreendida, há este poema que a senhora endereçou a Jean-Claude Romand:

Eu queria te escrever
um 'não sei quê'
gentil, aprazível
alguma coisa invisível,
um 'não sei quê'
amável

agradável
um 'não sei quê'
que acalente
envolvente
um 'não sei quê'
que te inspiraria
até na calmaria
então quero te dizer
um 'eu te amo'."

No silêncio consternado que se seguiu a essa leitura (poucas vezes vivi um momento mais *constrangedor* que esse, e sinto de novo esse constrangimento, idêntico, ao transcrever minhas anotações hoje), a testemunha balbuciou que aquilo era página virada para ela, que tinha outro companheiro agora e não se encontrava mais com Jean-Claude Romand. Pensávamos que o suplício tivesse chegado ao fim, mas além desse poema ele tinha enviado para ela uma carta com trechos do romance de Camus, *A queda*, que expressavam bem, dizia ele, suas reflexões. O promotor se pôs a ler:

"Se eu pudesse suicidar-me e ver em seguida a cara deles, então, sim, valeria a pena. […] Os homens só se convencem de nossas razões, de nossa sinceridade e da gravidade de nossos sofrimentos com a nossa morte. Enquanto estivermos vivos, nosso caso é duvidoso, só temos direito a seu ceticismo. Se houvesse, então, uma única certeza de podermos gozar o espetáculo, valeria a pena provar-lhes o que eles não querem crer e deixá-los assombrados. Mas uma pessoa se mata, e que importa se eles acreditam ou não? Não estamos presentes para colher os frutos de seu espanto e de sua contrição, aliás efêmera; assistir, enfim, segundo o sonho de cada homem, ao próprio funeral."[2]

Ele tinha copiado oito páginas grandes nesse estilo com que o promotor se regozijou, concluindo os trechos escolhidos com aquilo que apresentava como

uma profissão de fé: “Sobretudo, não acredite em seus amigos, quando lhe pedirem que seja sincero com eles. […] Portanto, se o senhor se encontrar neste caso, não hesite: prometa ser verdadeiro e minta o melhor que puder”.[3]

O réu tentou se explicar:

“Tudo isso evoca a minha vida de antes… Hoje sei que é o contrário disso, que só a verdade liberta…”

O efeito que isso provocou, como previa Abad, foi terrível. Marie-France, coitada, vindo imediatamente depois, não tinha nenhuma chance. Ela começou contando, de um jeito emocionado, seus primeiros encontros com o prisioneiro. “Quando eu apertava a mão dele, tinha a impressão de estar apertando a mão de um morto, de tão fria que estava. Ele só pensava em morrer, nunca vi alguém tão triste… Cada vez que eu ia embora, pensava que não o veria de novo na sessão seguinte. Então um dia, em maio de 1993, ele me disse: ‘Marie-France, eu me condeno a viver. Decidi assumir esse sofrimento pela família de Florence, pelos meus amigos’. E, depois disso, tudo mudou…” Depois disso, o depoimento também deixou de ser convincente. Todo mundo pensava naquele poeminha, naquele idílio bizarro com a antiga professora de Antoine, e isso tornava insignificante o blá-blá-blá piedoso sobre “o perdão que ele não pode esperar dos outros, porque nem ele perdoa a si mesmo”. Por não se dar conta disso, ela acabou apresentando Jean-Claude como um sujeito maravilhoso, alguém que os outros prisioneiros procuravam para se fortalecer, recuperar a alegria de viver e o otimismo: um raio de sol. O promotor escutava o depoimento da defesa com um sorriso de gato fazendo a digestão; Abad tinha literalmente desaparecido dentro da beca.

Era a penúltima noite do julgamento, restavam apenas as alegações finais da acusação e da defesa. Jantei com um grupo de jornalistas, entre os quais estava uma mulher chamada Martine Servandoni, a quem o depoimento de Marie-

France deixara fula da vida. Ela não achava o angelismo dela apenas ridículo, mas também irresponsável, claramente criminoso. Romand, discorria ela, era um lixo de pessoa, e do pior tipo: fraco e sentimentaloide, como o poema. Dito isso, como não havia mais pena de morte, ele continuaria vivo, passaria vinte ou trinta anos na prisão, e por isso éramos obrigados a questionar seu futuro psíquico. A única coisa positiva que, desse ponto de vista, poderia acontecer com ele seria ele *realmente* tomar consciência do que tinha feito e, em vez de ficar choramingando, mergulhar *realmente* na depressão profunda da qual deu um jeito de escapar durante a vida toda. Só assim haveria uma possibilidade de ele um dia chegar a algo que não fosse uma mentira, uma fuga a mais para fora da realidade. E o pior, no sentido inverso, seria que essas baratas de sacristia, como Marie-France, lhe dessem de bandeja um novo papel para interpretar, o do grande pecador que expia seus pecados rezando o terço. Para esse tipo de imbecis, Martine não seria contrária à ideia de restabelecer a pena capital, e ela não tinha pudores em dizer que me botava no mesmo saco. "Ele deve ter ficado feliz da vida que você vai fazer um livro sobre ele, né? É o sonho da vida dele. Vai ver ele fez bem em matar a família, todos os seus desejos foram realizados. As pessoas estão falando dele, ele aparece na TV, vão escrever uma biografia e o processo de canonização está a caminho. Isso que é sair por cima. Uma trajetória impecável. Olha, ele está de parabéns."

"Vocês vão ouvir falar em compaixão. Eu guardo a minha para as vítimas": assim começou a alegação final da acusação, que durou quatro horas. Nela, o réu era apresentado como um perverso maquiavélico, "adepto da duplicidade como alguém é adepto de uma religião", extraindo um gozo a cada momento de sua impostura. Nesse julgamento, em que não há nenhuma dúvida a respeito dos fatos em si, a autenticidade da vontade dele de se suicidar revelou-se o tema principal do duelo entre acusação e defesa. Depois de reler, com voz

neutra, o relato insuportável do assassinato das crianças, o promotor explodiu, teatralmente: “Pois bem! Isso é de enlouquecer qualquer um! Como um pai pode reagir depois disso, se não for apontando a arma para si mesmo? Mas não: ele guarda a arma, sai para comprar jornal, a vendedora da banca acha que ele está tranquilo e é gentil, e ainda hoje ele lembra que não comprou o *L’Équipe*! Depois de matar os próprios pais, ele não tem pressa para ir encontrá-los no outro mundo, ele continua a esperar, a conceder uma prorrogação a si mesmo, talvez contando com um desses famosos milagres que até então sempre o salvaram! Depois de se despedir de Corinne, ele vai para casa e espera mais vinte horas — espera o quê? Ela denunciá-lo? Descobrirem os corpos em Clairvaux? Os policiais virem atrás dele antes do gesto fatal? Ele finalmente decide botar fogo, mas faz isso às quatro horas da manhã, exatamente na hora que passa o caminhão de lixo. Ele põe fogo no sótão, para as chamas serem vistas rapidamente e de longe. Espera os bombeiros chegarem para engolir um punhado de pílulas vencidas há dez anos. E, para finalizar, para o caso de eles estarem demorando demais por imaginar que a casa estaria vazia, ele avisa de sua presença abrindo a janela. Os psiquiatras falam em comportamento ‘ordálico’, o que significa que ele entregou sua sorte ao destino. Muito bem. A morte não quis saber dele. Ao sair do coma, ele decide seguir por esse caminho de dolorosa expiação, como as boas almas descrevem? De jeito nenhum. Ele nega, inventa a história do misterioso homem de preto que, diante dos seus olhos, teria matado sua família!”. Levado por sua exposição, baseando-se no fato de que encontraram, ao pé da cama, uma coletânea de enigmas policiais com o tema do quarto fechado, o promotor chegou a imaginar um plano diabólico, lucidamente cumprido, não apenas para sobreviver, mas para ainda ser declarado inocente. Abad não teve dificuldade para demonstrar que esse plano diabólico teria sido notavelmente caótico. Em sua alegação, tão veemente quanto a acusação fora afiada, destacava-se este argumento: Romand era

acusado de assassinatos e de abuso de confiança; para além disso, não seria recriminado por não ter se suicidado. Em termos jurídicos, era irrefutável. Mas, em termos humanos, era obviamente por isso que estava sendo recriminado.

As palavras finais de um julgamento, antes que a corte se retire para deliberar, são do réu. Ele tinha claramente preparado um texto e o disse sem cometer nenhum erro, com uma voz que saiu dos trilhos várias vezes, devido à emoção.

"É verdade que o silêncio se impõe a mim. Entendo que minhas palavras e até mesmo minha sobrevivência aumentam o escândalo dos meus atos. Quis assumir o julgamento e o castigo e acredito que esta seja minha última oportunidade de falar algo para as pessoas que estão sofrendo por minha causa. Sei que minhas palavras são insignificantes, mas preciso dizê-las. Dizer para essas pessoas que o sofrimento delas está presente em mim dia e noite. Sei que me recusam o perdão, mas, pela memória de Florence, gostaria de lhes pedir perdão. Talvez ele só me seja concedido depois da minha morte. Quero dizer para a mãe de Florence, seus irmãos, que seu pai morreu em consequência da queda. Não peço que acreditem em mim, porque não tenho nenhuma prova, mas digo isso diante de Florence e diante de Deus, pois sei que um crime não confessado não será perdoado. Peço perdão a todos eles.

Agora é com você, minha Flô, com você, minha Carrô, meu Titu, meu Papai, minha Mamãe, que eu gostaria de falar. Vocês estão aqui, dentro do meu coração, e é essa presença invisível que me dá forças para falar. Vocês sabem de tudo e, se alguém puder me perdoar, são vocês. Peço perdão a vocês. Perdão por ter destruído suas vidas, perdão por nunca ter dito a verdade. Contudo, minha Flô, tenho certeza de que sua inteligência, sua bondade, sua misericórdia poderiam me perdoar. Perdão por não ter conseguido suportar a ideia de fazer vocês sofrerem. Eu sabia que não poderia viver sem vocês, mas

hoje estou vivo e prometo que vou tentar viver tanto quanto Deus quiser, a menos que as pessoas que estão sofrendo por minha causa me peçam que morra para atenuar a dor delas. Sei que vocês vão me ajudar a encontrar o caminho da verdade, o caminho da vida. Houve muito, muito amor entre nós. Ainda vou amá-los dentro da verdade. Perdão às pessoas que poderão perdoar. Perdão também às pessoas que nunca poderão perdoar.

"Obrigado, sra. presidente."

Depois de cinco horas de deliberação, Jean-Claude Romand foi condenado a reclusão perpétua, somada a uma pena de medida de segurança de 22 anos. Se tudo caminhar bem, ele sairá em 2015, com a idade de 61 anos.[4]

Paris, 21 de novembro de 1996

Caro Jean-Claude Romand,

Faz três meses que comecei a escrever. Meu problema não são as informações, como eu tinha imaginado no início. É descobrir o meu lugar diante da sua história. Quando comecei a trabalhar, acreditei que poderia adiar esse problema costurando aquilo que sabia e me esforçando para continuar a ser objetivo. Mas a objetividade, num caso desses, é um engodo. É preciso adotar um ponto de vista. Fui encontrar seu amigo Luc e pedi que me contasse como ele e a família viveram os dias seguintes à descoberta dessa desgraça. Tentei escrever me identificando com ele, sem titubear muito, uma vez que ele disse que não queria aparecer no livro com o nome verdadeiro, mas logo avaliei que seria impossível (técnica e moralmente, as duas coisas estão intimamente ligadas) ocupar esse ponto de vista. É por isso que a sugestão que o senhor fez na última carta, mais ou menos brincando, de adotar o ponto de vista dos seus vários cachorros, me divertiu e ao mesmo tempo me convenceu de que o senhor tinha consciência dessa dificuldade. Dificuldade que, obviamente, é muito mais sua do que minha, e que é o desafio do trabalho psíquico e espiritual com o qual o senhor está comprometido: essa falha em acessar a si mesmo, essa lacuna que cresceu sem parar no lugar daquele que no senhor deve dizer “eu”. Obviamente, não serei eu a dizer “eu” em seu lugar, então o que me

resta, em relação ao senhor, é dizer "eu" por minha conta. É dizer — em meu próprio nome, e sem me proteger atrás de uma testemunha mais ou menos imaginária, ou de uma colcha de retalhos de informações que desejam ser objetivas — aquilo que na sua história me diz alguma coisa e ressoa na minha. Bem, não consigo fazer isso. As frases me escapam, o "eu" soa falso. Por isso, decidi deixar de lado esse trabalho, que não está maduro. Mas não gostaria que esse abandono temporário ponha fim na nossa correspondência. Na verdade, me parece mais fácil escrever-lhe e talvez escutá-lo agora que suspendo esse projeto, em que cada um tem um interesse imediato: sem ele, a conversa deve se tornar mais livre…

Villefranche-sur-Saône, 10 de dezembro de 1996

Caro Emmanuel Carrère,

Entendo muito bem sua situação. Aprecio sua sinceridade e a coragem de sua atitude, que o leva a aceitar a decepção de um fracasso depois de um trabalho importante, em vez de se satisfazer com um relato jornalístico que não corresponderia a seu objetivo.

O que hoje ainda me dá um pouco de força é, antes de tudo, não estar sozinho nesta busca pela verdade, e também o fato de que começo a notar, me parece, aquela voz interior carregada de sentido que, até o momento, só conseguiu se manifestar por meio de sintomas ou situações de passagem ao ato. Intuo que seja essencial escutar dentro de mim uma palavra que encontre confirmação na escuta de outra pessoa e daquilo que fala dentro dela. Também me parece que essa impossibilidade de dizer "eu" por si mesmo, em relação a mim, está em parte ligada à minha própria dificuldade de dizer "eu" por mim mesmo. Ainda que eu consiga superar essa etapa, vai ser tarde demais, e é cruel pensar que, se tivesse tido acesso a esse "eu" e, consequentemente, ao "você" e ao "nós" em tempo oportuno, eu teria podido dizer a eles tudo aquilo que tinha para lhes dizer, sem que a violência impossibilitasse a continuação do diálogo. Apesar de tudo, entrar em desespero seria uma última renúncia e, como o senhor, acredito que o tempo permitirá uma transformação, que ele vai

trazer um sentido. Ao escrever estas palavras, penso em uma frase de Claudel: "O tempo é o sentido da vida", como se fala do sentido de uma palavra, do sentido de um rio, do sentido do olfato… Ao descobrir um sentido para essa realidade terrível, ela se tornará a verdade e talvez seja completamente diferente daquela que parecia a óbvia. Se é mesmo a verdade, ela trará consigo seu próprio remédio para aqueles a quem diz respeito…

Como eu dissera a ele, sem acreditar muito, nossa correspondência se tornou mais fácil depois que abandonei o livro. Ele se pôs a falar do presente, da vida na prisão. De Bourg-en-Bresse, foi transferido para a casa de detenção de-Villefranche-sur-Saône. Marie-France ia visitá-lo toda semana, assim como outro voluntário chamado Bernard. No início, temia a violência de que ritualmente são vítimas os assassinos de crianças, mas logo um chefão o reconheceu e garantiu sua proteção: um dia, quando os dois estavam em liberdade, ele lhe havia dado uma carona e uma nota de 200 francos para que comesse uma boa refeição. Esse ato de generosidade apagou o horror de seus crimes e o tornou popular. Alain Carignon, a estrela de Villefranche, o convidou para fazerem caminhadas juntos. Quando chegava um detento difícil, era deixado na cela dele, contando com sua influência pacificadora. Ele cuidava da biblioteca, participava de oficinas de escrita, informática e histórias em quadrinhos. Desejoso de mergulhar em algo de fôlego, começou a estudar japonês. E, quando falei para ele do trabalho de fôlego a que estava me dedicando, uma nova tradução da Bíblia com a colaboração de exegetas e escritores, ele se interessou na hora. Como eu estava encarregado do evangelho de Marcos, ele o lia com uma devoção particular, comparava as cinco traduções que a biblioteca disponibilizava e me informou com gosto que o tio-avô de Marie-France era ninguém menos que o padre Lagrange, o mestre de obras da Bíblia de Jerusalém. Conversamos sobre uma ida minha a Villefranche para

mediar uma oficina a esse respeito, a convite da capelania, mas ele foi transferido antes que o projeto se realizasse.

Fui visitá-lo apenas uma vez. Eu estava apreensivo, mas a visita transcorreu bem, quase bem demais. Fiquei aliviado e um pouco chocado. O que eu esperava? Que, tendo feito o que fez e sobrevivido, ele tivesse a cabeça coberta de cinzas, batesse no próprio peito, rolasse no chão a cada cinco minutos soltando gritos agonizantes? Ele tinha recuperado o peso desde o julgamento, se parecia com quem deve ter sido o afável dr. Romand. Visivelmente contente por me ver, me recebeu com cerimônia no parlatório, desculpando-se pela falta de conforto. Sorria um pouco demais, eu também. Não houve longos silêncios nem efusões dostoievskianas. Conversamos disso e daquilo como pessoas que, sem se conhecer bem, se encontraram nas férias — tínhamos nos encontrado na corte do Ain — e descobrem pontos de interesse em comum. Nenhuma palavra sobre o passado.

Na carta seguinte, ele perguntou qual perfume eu usava.

"Isso deve lhe parecer absurdo, mas acho que o conheço e, ao saber o nome, talvez me ocorram recordações ligadas a ele. O senhor deve saber que Florence era apaixonada pelo mundo dos perfumes: adorava sua coleção de amostras, com centenas de frascos que reunia desde a adolescência. Tive a oportunidade de vivenciar, durante as reconstituições, as relações bastante estreitas que há entre os centros nervosos do olfato e os da memória, ao reconhecer um perfume conhecido…"

Fiquei comovido pelo que havia de simples e amigável nesse pedido, ainda mais por isto: fazia quase três anos que nos correspondíamos e essa foi a primeira vez que, em vez de falar "minha família", "aqueles que me amavam" ou "entes queridos", ele tinha escrito o nome da esposa.

Depois de dois anos, quando lhe disse que retomaria o livro, ele não se surpreendeu. Esperava por mim — talvez não tão cedo. E estava confiante.

Marie-France também gostou da notícia. Telefonei para ela em busca dos autos do processo. De acordo com a lei, quem é condenado tem a posse do exemplar original, mas, como ocupa muito espaço, as celas são pequenas e os armários na entrada das prisões, lotados, ele havia confiado a Marie-France a custódia dos documentos. Ao me convidar para ir até sua casa, ela recomendou que eu esvaziasse o porta-malas do carro se quisesse que todas as caixas coubessem. Supus que não estivesse muito aborrecida de passar para mim aquele abacaxi sinistro e que, ao levar tudo para Paris, eu me comprometia a guardá-lo até ele sair da prisão.

Ela mora num vilarejo a cinquenta quilômetros a leste de Lyon. Eu não fazia ideia de seu status social e me surpreendi ao deparar com uma casa imensa e magnífica, no meio de um parque que descia numa ladeira discreta até o rio. O lugar era um charme, e sua propriedade, faustosa. Marie-France me pedira para ir em um dia útil, para ficarmos mais tranquilos, pois ela e o marido têm muitos filhos e netos que aparecem por lá no fim de semana, nunca menos de vinte. Raph, o marido, trabalhou na indústria têxtil antes de se aposentar. Marie-France também descende de uma linhagem de produtores de seda de Lyon e, antes de os filhos se tornarem adultos, levava uma vida de mãe de família burguesa, uma cristã um pouco mais fervorosa que a média. Quando

chegou aos cinquenta anos, conta quando alguém insiste em perguntar, ouviu um chamado. Ela era aguardada na prisão. Na prisão? Levou algum tempo para que entendesse e fosse até lá, não é uma mulher impulsiva. Além disso, ninguém se torna visitante voluntário na prisão de um dia para o outro. Há um período probatório, durante o qual as pessoas devem receber e apoiar a família dos detentos, antes e depois de irem ao parlatório. Em Villefranche, fiquei chocado com o ambiente criado por esses voluntários no trailer que faz as vezes de sala de espera, na porta da casa de detenção. Graças a eles, não é muito sórdido: oferecem café, as pessoas conversam entre si, quem está ali pela primeira vez aprende as regras com gentileza. Depois desse noviciado, Marie-France cruzou a soleira e passou a amparar, com sua amizade, dezenas de presos da região de Lyon. Jean-Claude, que ela conhece há quase seis anos, é claramente um de seus preferidos. Ela sabe de todas as suas angústias e de sua fragilidade psíquica (faltava pouco, segundo sua avaliação, para ele afundar de novo e se matar), mas admira, como um dom de Deus, sua capacidade de apesar de tudo ver "o lado bom da vida. Além disso, você sabe", Marie-France se torna íntima muito rápido, "é fácil ajudá-lo. É bom encontrar alguém assim, fácil de ajudar. Quando nos vemos, ele sempre repete uma frase que eu disse na vez anterior, e me garante que ela o ajudou a atravessar a semana. Isso me revigora".

Essa sua boa vontade, que o torna um cliente gratificante aos olhos de um visitante voluntário, levou-o a conquistar outro anjo da guarda, aquele Bernard de quem me falou nas cartas. Marie-France o convidou, com a esposa, para almoçar. Na véspera, Bernard tinha feito um bate e volta até Paris para visitá-lo em Fresnes, para onde fora transferido. Arrancado sem consideração de um ambiente que tinha se tornado familiar, ele se via num lugar desconhecido, cercado de desconhecidos, tratado como um pacote numa estação de triagem, e Bernard, aos 75 anos, achou completamente normal pegar um trem

imediatamente para que, ao menos por meia hora, ele visse um rosto amigo. Eu, que tinha ido apenas uma vez a Villefranche, sentia um pouco de vergonha, ainda mais porque Bernard precisou fazer um esforço violento para cruzar os portões de Fresnes, que lhe trazem lembranças terríveis. Condenado à morte como resistente na Ocupação nazista, ficou preso ali pela Gestapo e passou dois meses à espera de sua execução. A única leitura disponível era um exemplar dos escritos de santa Teresinha, graças a quem ele se converteu e deixou de temer a morte. Acabou sendo deportado. Antes de chegar a Buchenwald, passou quatro dias num vagão fechado, sem comer nem beber nada além de urina, espremido contra pessoas moribundas que, no fim da viagem, eram em sua maioria cadáveres. Não digo que uma experiência dessas conceda necessariamente um certificado de lucidez infalível, mas a menciono para mostrar que Bernard não é um sacristão que ignore a vida e o mal. Pois esse antigo gaulista, meio direitista, meio tradicionalista, fala do trapaceiro e assassino Jean-Claude Romand como de um menino extremamente cativante, que ele sempre adora encontrar, e pode-se perceber que não se trata de uma caridade mais ou menos voluntariosa, e sim de uma amizade real.

Depois do almoço, fomos ao terraço que se eleva acima do rio e da planície do Ain, que, para uma planície, me pareceu notavelmente acidentada. Eram os últimos dias quentes do outono: as árvores estavam castanho-avermelhadas, o céu, muito azul, os tordos cantavam. Pegamos sol, tomamos café comendo chocolates suíços. Raph, que se parece um pouco com o ator Philippe Noiret, escutava com simpatia sua esposa e o amigo Bernard falando de seu protegido. Era como se já o conhecesse. Gostava dele. “Então agora”, ele me disse, “você também faz parte do clube?” Não soube o que responder. Não queria abusar da confiança dessas pessoas fazendo com que acreditassem que, como elas, estava incondicionalmente do lado de Jean-Claude. Para mim, ele não era Jean-Claude. Nas minhas cartas, eu primeiro o chamara de “senhor”, depois “caro

senhor", depois "caro Jean-Claude Romand", mas "caro Jean-Claude" não ia acontecer. Ao escutar Marie-France e Bernard conversarem animados sobre roupas de inverno ("ele já tem o pulôver azul, que é quente, mas seria bom ficar também com o cinza de plush, talvez Emmanuel possa levar para ele…"), achei esse afeto tão simples, tão natural, admirável e ao mesmo tempo quase monstruoso. Eu não apenas não era capaz de senti-lo, de minha parte, como não desejava ter essa capacidade. Não desejava caminhar pela vida me permitindo engolir, sem vacilar, uma fabulação tão evidente quanto a história da moça apaixonada que se suicidou na véspera da prova, ou pensar, como Bernard, que no fundo esse destino trágico era providencial: "E pensar que todas essas mentiras, esses acasos e essa desgraça terrível foram necessários para que hoje ele possa fazer todo o bem que faz a quem está ao seu redor… É uma coisa em que sempre acreditei, sabem, e vejo isso se operar na vida de Jean-Claude: tudo termina bem e acaba encontrando seu sentido para quem ama Deus".

Eu ficava de queixo caído. Mas era assim que também deviam ficar as pessoas que ouviam a jovem Thérèse Martin, que ainda não era santa Teresinha, quando falava extasiada do grande criminoso Pranzini, e eu me dava conta de que a postura escandalosa de Bernard, do meu ponto de vista, era apenas a de um cristão coerente. Quando estava debruçado no meu trabalho, cheguei a imaginar de um lado ele e Marie-France regozijando-se mais, e todo o céu junto deles, por um pecador arrependido do que por 99 pessoas justas que não precisam se arrepender, e de outro lado Martine Servandoni repetindo que o pior que poderia acontecer a Romand seria cair nas mãos dessas pessoas: ele se deixaria ninar com discursos angelicais sobre a misericórdia infinita do Senhor, as maravilhas que Ele opera em sua alma, e perderia a chance de um dia entrar em contato com a realidade. É claro que se pode defender que, num caso como o dele, isso seria mais desejável, mas a opinião de Martine é que em

todos os casos, sem exceção, uma lucidez dolorida é melhor que uma ilusão tranquilizadora, e não serei eu quem vai dizer que ela está errada.

Bernard e a esposa fazem parte de um movimento católico chamado Intercessores, pessoas que se revezam para garantir uma oração ininterrupta. A todo momento, na França e acho que no mundo todo, há pelo menos um intercessor rezando. Cada um se compromete com um dia e horário, e Jean-Claude Romand, recrutado pelo amigo, demonstrou muito zelo ao escolher os horários menos concorridos, por exemplo das duas às quatro horas da madrugada. Bernard pediu que ele desse um depoimento a esse respeito e o publicou, anonimamente, no boletim do grupo:

"Preso há muitos anos e condenado à pena perpétua depois de uma terrível tragédia familiar, estou numa situação que não me inclina naturalmente a prestar um depoimento, mas, como se trata de um depoimento de um intercessor entre outros 2 mil a respeito da Graça e do Amor de Deus, vou tentar Lhe dar graças.

"O sofrimento do encarceramento, e sobretudo o sofrimento do luto e da falta de esperanças, poderiam ter me afastado definitivamente de Deus. As visitas de um capelão, de uma voluntária e de um voluntário que sabem me escutar maravilhosamente bem e conversar de modo simples sem julgamento me tiraram do exílio que representa um sofrimento indizível, cortando qualquer relação com Deus e com o restante da humanidade. Hoje sei que essas mãos que providencialmente se estenderam foram para mim as primeiras manifestações da graça divina.

"Acontecimentos de natureza mística, difíceis de traduzir em palavras, me abalaram profundamente e foram fundadores da minha nova fé. Um dos mais marcantes foi: durante uma noite de insônia e angústia, em que mais do que

nunca me sentia culpado por viver, uma irrupção inesperada de Deus, contemplando, nas trevas, a Santa Face pintada por Rouault. Depois da mais terrível prostração, minhas lágrimas não eram mais de tristeza, mas o resultado de um fogo interior e da Paz profunda que trazem a certeza de ser amado.

"A oração ocupa um lugar essencial em minha vida. Fazer silêncio e rezar dentro de uma cela é muito mais difícil do que se pode imaginar. Não é tempo que falta, contudo; o grande obstáculo é o barulho dos rádios, das televisões, dos gritos pelas janelas até tarde da noite. Muitas vezes, recitar mecanicamente as orações por algum tempo, sem prestar atenção no sentido das palavras, permite neutralizar o barulho do entorno e os pensamentos parasitários para então encontrar uma paz propícia a uma oração pessoal.

"Quando estava livre, tinha ouvido sem dar muita atenção, sem que parecesse me dizer respeito, esta frase do Evangelho: 'Estive preso e viestes me ver' (Mateus 25,36). Tive a sorte de conhecer o grupo dos Intercessores graças a um desses visitantes voluntários, que se tornou um amigo muito querido. Essas duas horas de oração por mês, num horário bastante avançado, quando a diferença entre o mundo exterior e o mundo interior é tênue, são momentos abençoados. A luta contra o sono que as precede é sempre recompensada. É uma alegria poder ser um elo nessa cadeira contínua de oração, interrompendo o isolamento e o sentimento de inutilidade. É também reconfortante para mim sentir, no fundo do abismo que é a prisão, que ainda restam essas cordas invisíveis, as orações, para me impedir de soçobrar. Penso com frequência nessa imagem da corda que não se pode soltar, para continuar fiel, custe o que custar, ao compromisso dessas horas de intercessão.

"Ao descobrir que a Graça não está na realização dos meus desejos, por mais generosos ou altruístas que sejam, e sim na força de aceitar tudo com alegria, daqui de minha cela, meu *De Profundis* se torna *Magnificat*, e tudo é Luz."

Enquanto dirigia de volta a Paris para começar a trabalhar, eu não enxergava mais nenhum mistério em sua longa impostura, apenas uma mistura pobre de cegueira, desespero e covardia. Eu sabia o que passava por sua cabeça durante aquelas horas vazias prolongadas, em pontos de descanso da rodovia ou em estacionamentos de lanchonetes — eu conhecia isso, a meu modo, e já não era mais da minha conta. Mas o que passa por seu coração agora, nas horas noturnas em que fica em vigília para rezar?

Descarreguei o porta-malas e, enquanto arrumava num armário do meu escritório as caixas dos autos pelos próximos dezessete anos, entendi que não as abriria mais. Por outro lado, o depoimento que ele escreveu, instigado por Bernard, permanecia aberto em cima da minha mesa. Nessa conversa fiada católica, eu o achava realmente misterioso. No sentido matemático: *indefinido*.

Tenho certeza de que ele não faz mais teatro algum para as outras pessoas, mas será que o mentiroso que existe dentro dele finge para si mesmo? Quando Cristo vem a seu coração, quando a certeza de ser amado apesar de tudo faz correrem lágrimas de alegria sobre suas faces, será que não é o Adversário o enganando mais uma vez?

Pensei que escrever esta história só poderia ser um crime ou uma oração.

Paris, janeiro de 1999

Notas

1 Serviço precursor da internet que a partir de 1982 permitiu aos franceses utilizar um terminal de consulta para verificar a lista telefônica, ler jornais, fazer compras on-line, reservar passagens de trem, falar com pessoas, entre outras atividades. Foi desativado em 2012, quando cerca de 400 mil aparelhos ainda estavam em operação. (N. T.)

2 Albert Camus, *A queda*. Trad. de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015. (N. T.)

3 Ibid.

4 Ele se tornou elegível para liberdade condicional em 2015, mas esta só foi concedida em 2019. (N. E.)



HÉLÉNE BAMBERGER/ P.O.L

Emmanuel Carrère nasceu em Paris, em dezembro de 1957. Formado no Institute d'Études Politiques, é escritor, roteirista e diretor. Sucesso de vendas na França, recebeu os prêmios Femina, Renaudot, FIL de Literatura, Prêmio da Biblioteca Nacional da França e Princesa de Astúrias, entre outros. Dele, a Alfaguara publicou os livros *O bigode*, *A colônia de férias*, *Um romance russo*, *Outras vidas que não a minha*, *Limonov*, *O Reino*, *Ioga* e *V13*.

Copyright © 2000 by P.O.L éditeur

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
L'Adversaire

Capa
Violaine Cadinot

Foto de capa
Giovanni Cancemi/ Adobe Stock

Preparação
Carolina Falcão

Revisão
Marina Nogueira
Aminah Haman

Versão digital
Marina Pastore

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Carrère, Emmanuel

O Adversário [recurso eletrônico] / Emmanuel Carrère ; tradução Mariana Delfini. — 1. ed. eletrônica — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2026.

Dados eletrônicos (1 ePub).

Título original : L'Adversaire.

ISBN 978-85-5652-347-1

1. Assassinos – França – Biografia 2. Assassinatos – França – Estudos de caso 3. Romand, Jean-Claude, 1954- I. Título.

CDD 364.1523094477

Índices para catálogo sistemático:
1. França : Assassinatos : Criminologia 364.1523094477

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/editora.alfaguara
instagram.com/editora_alfaguara
x.com/alfaguara_br